



FÁTIMA OLIVEIRA

A Hora do Angelus

Amores, abortos e
abandonos nos
subterrâneos
da Igreja

APOIO:



**CASA
SUELI
CARNEIRO**



A Hora do Angelus
Amores, abortos e abandonos
nos subterrâneos da Igreja

Brasil, Ano 2022



Fátima Oliveira

A Hora do Angelus
Amores, abortos e abandonos
nos subterrâneos da Igreja

2ª edição - Brasil, Ano 2022

1ª edição - Maza edições

Copyright © 2005 by Fátima Oliveira

Todos os direitos reservados

Diagramação e composição eletrônica:

Elizabeth Miranda

Capa:

Túlio Oliveira

Revisão:

Ana Emília de Carvalho

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

Oliveira, Fátima.

O48h A hora do Angelus / Fátima Oliveira. – Belo Horizonte: Mazza
Edições, 2005.

136p.; 21cm.

1. Literatura brasileira – romance. I. Título.

CDD: B869.342 CDU: 869.0(81)-3

Mazza Edições Ltda

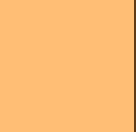
Rua Bragança, 101 – Bairro Pompéia

Tel: (31) 3481-0591

30280-410 Belo Horizonte – MG

e-mail: edmazza@uai.com.br

Este livro é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com histórias de vidas reais não pode ser considerada, para quaisquer fins, como relatos de tais vidas, pois os fatos nele registrados são analogias e alegorias. As personagens são fruto da imaginação da autora. É uma história narrada na primeira pessoa, mas não é um relato autobiográfico.



Agradecimentos

A Fermin Roland Schramn e Jalmelice Luz, pela leitura dos originais e as opiniões que emitiram, que muito contribuíram para melhorar o roteiro.

A Magali da Silva Galli Valadares, por ter gostado de opinar na escolha da capa. A Carmélia, Débora, Gabriela, Jalmelice, Mônica e Renata, que também ajudaram-me a definir a capa.



Sumário

PREFÁCIO	12
CAPÍTULO I - A morte de um “Amor não-burguês”	15
Conflitos de um “Amor não-burguês”	17
Você é a minha obra mais importante	19
Dezessete anos depois...	21
Outros segredos	26
CAPÍTULO II - Encontro com o Cardeal	31
Abatedouro dos padres	32
As crianças renegadas pela igreja e abandonadas pelo Vaticano	37
A omissão milenar do Vaticano diante da pedofilia clerical	42
CAPÍTULO III - Amores nos subterrâneos da Igreja	47
Na cama com o cardeal	47
Eu me sentia embalada, cuidada, preciosa...	49
Como eles lidaram com o aborto	53
Um padre, o neto do cardeal	59
CAPÍTULO IV - Amando Francisco, o filho do padre e neto do cardeal	63
A memória da mãe e a busca do pai	64
Você pode me ensinar, não é verdade?	67
Não perderei mais um amor para o cardeal	71
CAPÍTULO V - Transando no púlpito de Vieira	81
Do primeiro beijo ao pedido de “amigaçãõ”	82
A primeira transa, um pé de figueira e a rua como testemunha	87
Anônimo veneziano	94
A dificuldade de revelar segredos e de fazer escolhas	97
DECLARAÇÃO DE AMSTERDÃ SOBRE ABORTO (1996)	101

Prefácio

Este romance, que não é autobiográfico e nem é a história de vida de qualquer pessoa, aborda vivências de muita gente e tem como alicerce fatos ocorridos que desviaram o curso de vida autônomo e libertário que, sobretudo, muitas mulheres sonharam e traçaram para si. Inúmeras mulheres, freiras, padres e outras autoridades eclesásticas perceberão parte de suas histórias de vida narradas aqui. Não sem razão. É uma história que acontece com mais frequência do que se pensa.

Ainda que o roteiro que estrutura a história seja uma imaginação da autora, o relato está entremeado de reflexões pontuais sobre omissões do clero romano diante do assédio e do abuso sexual, assim como da pedofilia – milenarmente praticados por padres. É uma narrativa crua de como padres se desvencilham das gravidezes indesejadas de autoria de seus espermatozóides e de como a Igreja permite que a prole indesejada de seus integrantes seja renegada e abandonada.

A hora do Angelus é uma história de amores, prazeres, ódios, alegrias e tristezas que cotidianamente se desenrola em diferentes lugares do mundo, mas em geral o palco de tais realidades são os históricos e públicos “abatedouros dos padres”: conventos, seminários, casas paroquiais e palácios episcopais.

Acompanharemos mais de três décadas da vida de uma mulher, narrada pela protagonista, da adolescência, à maturidade, nas quais ela viveu momentos de ternura, paixão, ambigüidades e desilusões, mas também desfrutou dos prazeres da entrega absoluta aos seus amores, tendo como parceiros principais três sacerdotes católicos – homens sobre os quais é possível dizer que eram sacerdotes por vocação, mas que por liberdade de consciência não abriram mão de amar uma mulher e tiveram a coragem de vivenciar seus amores, ainda que nos limites de alguma clandestinidade.

Espero que a leitura, além de indignação, reacenda solidariedade para com as mulheres imoladas sexualmente em nome de Deus e para com as mulheres e os homens da Igreja que, privados do direito ao exercício da sexualidade e do direito ao prazer interpessoal sem culpa, por tabela, têm também os seus direitos reprodutivos aviltados, resultando, em geral, na usurpação da vivência da paternidade e na compulsoriedade da maternidade. Tudo com vistas à manutenção da farsa da castidade e do celibato forçados. Mas, sobretudo, desejo que a leitura desperte também a sensação de que, em alguns momentos, você está em um Parque de Diversões. Tenha muito prazer.

Fátima Oliveira





CAPÍTULO I

A morte de um “Amor não-burguês”

1997. Há um ano ia àquela cidade a trabalho, em geral duas vezes ao mês. Na solidão do quarto do hotel, decidi telefonar para Francesco. Relutei muito, mas o dia amanhecia e depois de não ter dormido bem, telefonei para a casa dele. Há anos tenho o telefone da casa dele, mas raramente ligo. E quando o faço, é intuitivamente, sempre que algo em geral ruim vai ocorrer. É como se fosse um termômetro. Francesco é algo perdido (ou guardado?) em minha memória que somente, de tempos em tempos, retorna, como a lembrança de cenas de um filme.

Já aprendi a lidar com isso. E o “isso” é um carma, admito. Francesco é uma cena que só reaparece em momentos difíceis de minha vida. Então, quando bate a necessidade da presença dele, sei que algo não vai bem, comigo ou com ele, mesmo não sabendo do que se trata.

Atendeu uma mulher. Perguntei por ele. E ela me disse:

- O enterro foi ontem. Quer falar com a mulher dele ou com algum dos filhos?
- Sim, com um dos filhos.
- Não estão em casa.

Fiquei atônita. Não chorei. Contudo a sensação era de: enfim, acabou... Ainda perguntei de que morreria. De câncer, foi a resposta.

Acho que não falei mais nada e desliguei o telefone, sem sequer agradecer ou finalizar a conversa. E fiquei aliviada por não ter sabido de sua doença, porém foi um choque saber que morreria. Passei o dia em uma reunião densa, mas a todo momento em minha mente aparecia a última vez em que nos encontramos...

Eu, recusando-me a transar com ele, embora estivesse necessitada de colo... A última vez que transamos foi na casa dele, quando lhe disse:

- Adeus. Foi maravilhoso, mas foi a nossa última vez.

E ele abriu um largo sorriso, abraçou-me e disse:

- Vou levar você até ao ponto de ônibus. Recusei.

- Fique na porta. Quero lembrar de você aí, vendo a vida passar. Aceitei que o perdi para a luta. Desisti de você. Desisti de competir com o seu Deus, ele realmente é mais forte.

Era fim de 1974. E eu subi a ladeira que me levava até ao ponto de ônibus e olhava para trás e ele lá plantado naquele umbral, cabelos ao vento, acenando com a mão e gesticulando chamando-me de volta. Ainda olhei umas três vezes e ele lá, de calça jeans e camiseta azul... belo, maravilhoso... Tive vontade de voltar, mas...

Estava sendo difícil tomar a decisão de afastar-me dele. Todavia, sentia que necessitava disso. Por vários motivos, mas, sobretudo porque estava convencida de que o nosso caso era o que a minha família chamava de “namoro sem futuro”. E eu queria ter um futuro, entendia que tinha direito a um futuro, afetivo e profissional. Lutava por ambos. Não queria apenas um, queria os dois. E quanto mais olhava, mais lamentava, porém compreendia que estava fazendo o que precisava ser feito. Ele era como uma pedra em meu caminho e eu necessitava ser corajosa o suficiente e buscar forças para retirá-la. Mas doía, como doía...

Eu deveria voltar para assistir à aula. Estudava no Campus do Bacanga. Durante quase um ano, “matei” algumas aulas, pelo menos uma vez por semana, para estar com ele. Em se tratando do tipo de aluna dedicada que eu era, isso era significativo e representava uma transgressão grave para a época, para o meio e para o estilo de vida do meu meio social, ou seja, eu deveria ser uma moça séria e responsável que, obrigatoriamente, casaria virgem.

No ponto de ônibus, no alto da ladeira, à minha volta, aquela pobreza de fazer dó. Muitas crianças descalças nas ruas, cachorros soltos, crianças, homens e muitas mulheres no lixão. As moscas zunindo e os urubus voando... Lembrei-me de tantas outras bibocas, até mesmo a em que nasci, espalhadas pelo país afora, que nada mais eram que terra de despossuídos de tudo.

A pobreza sempre mexeu comigo e me indignava. Não é possível que haja um Deus que possibilita a uns tudo do bom e do melhor, e a outros, nada. Sei e sinto que a luta contra a pobreza é a luta pela dignidade humana. Fazia sentido que Francesco fizesse a sua opção de dedicar a sua vida, em tempo integral, a minorar a pobreza. Era assim que ele entendia. Paciência.

Esperando o ônibus estavam também duas mulheres com os filhos nos braços que reclamavam da demora. Uma me reconheceu e perguntou se eu não era a amiga do padre que estudava para doutora. Disse que sim. E ela começou a conversar: “Pois é, mulher, tô indo ligeirinho levar meu neném no Hospital Infantil. Ele tá com uma caganeira danada, desde ontem. E aqui, quando a gente adocece, tem de ir na cidade. Não tem nem farmacêutico para socorrer a gente. Se não fosse o padre, a gente tava

aqui à míngua. Faz dias que tu não vem na igreja aqui, não é? Fazia tempo que não te via. Até perguntei pro padre e ele disse que há dias que tu tem muita prova e aí não pode vir ajudar a gente”.

O ônibus chegou. Entramos. Ela não conseguiu lugar para se sentar e eu dei o meu assento para ela, que agradeceu sorrindo. No Campus, desci.

Uma tristeza profunda apoderou-se de mim, mas pensei que o povo daquele lixão só tinha a Francesco, naquele momento de suas vidas, e eu não iria disputá-lo com eles. Seria uma deslealdade. No começo da instalação da paróquia, eu ia muito lá. Trabalhei muito na criação do Grupo de Jovens, do Ninho (atual Pastoral da Mulher Marginalizada, invenção de Dom Fragoso) e do Clube de Mães. Portanto, conhecia muita gente.

Francesco odiava que a gente tivesse de criar Clubes de Mães, pois os achava uma babaquice inútil, quando precisávamos tentar algo “mais para a discussão política”, para “mexer com a cabeça daquela gente”, mas se rendia dizendo que “naqueles tempos bravos, o trabalho com mulheres só podia ser com as mães e com as putas, para despistar os milicos”. Mas alertava para que prestássemos atenção às mulheres mais espertas, pois assim a gente ia puxando-as para conversas mais conscientizadoras. Ele era um mestre da arte de fazer política.

Conflitos de um “Amor não-burguês”

Hoje, enquanto escrevo, avalio que era madura demais para a minha idade na época; determinada demais em relação ao meu direito de ser feliz e concretizar meus planos referentes a uma profissão que escolhi, a ponto de ter a coragem de não submetê-los a um homem que não dava conta de exercer o seu direito de escolher qual o caminho a tomar, sem conflitos e sem envolver outra pessoa em suas “neuras”. Dediquei parte substancial dos mais belos anos de minha adolescência e juventude a um homem que era incapaz de definir o que realmente queria. Avalio que foi uma carga pesada demais, à qual não sucumbi. Ficamos enrolados por quase seis anos.

Eu estava com quase 16 anos quando o conheci. Acho que, dos meus 16 aos 21 anos, vivemos uma história de amor que, embora bela, diferente e idílica para mim, foi muito tumultuada para ele e o marcou para sempre. E, pasme, ele dizia que eram os conflitos próprios de um “amor não-burguês”, coisa que até hoje não sei o que é mesmo.

Mas intuo que tenha algo a ver com as inaceitáveis armadilhas do patriarcado e seus repertórios culturais e políticos milenares que destroem vidas, impedem carreiras, estilhaçam e aprisionam mentes. Sim, o patriarcado, que em palavras simples é o pátrio poder – o “poder do macho” em todas as esferas da vida da mulher que,

enquanto sistema social e ideológico, atravessou, quase intacto, todas as sociedades de classes, limitando e aprisionando a mulher. E se mantém firme até os dias atuais.

Na segunda fase do “nosso caso”, a partir de 1974, mantive, com a sua aceitação e exigência, um namoro oficial e estável com outra pessoa. Era doloroso, pois o meu namorado era adorável. Mas Francesco precisava provar para o seu arcebispo que não me namorava. Em outras palavras, que era um homem de Deus e, como tal, casto e puro, que seria celibatário até o fim dos seus dias. Também não era fácil para mim manter relações sexuais regulares com dois homens. Conflitava com a rígida moral de gente da roça, a chamada moral camponesa, cristã e católica na qual fui criada.

Por mais que fosse difícil, ainda que prazeroso, muitas vezes, no mesmo dia, eu transava com os dois, como se cada um fosse o único! A diferença era que Francesco sabia disso e o outro não! Era desgastante, consumia-me muito e exigia um malabarismo que nem sei como dava conta, considerando os horários rígidos de ir e voltar da faculdade que eu era obrigada a cumprir. Apesar de originalmente preconceituoso, mas cabe com alguma adaptação, transitar em meio a tantos dilemas, só é explicável por um ditado popular que diz: “Fogo ladeira acima, água morro abaixo e uma pessoa quando quer transar, não há porteira que segure”.

Além do que Francesco, uma personalidade transgressora nata, parecia adorar aquilo tudo (faria parte natural do “amor não-burguês?”). Ou, pelo menos, divertia-se muito. Apesar disso, demonstrava, às vezes, uma necessidade doentia de que eu confirmasse que só ele me fazia sentir no sétimo céu!

E não era a expressão da verdade, pois o relacionamento sexual com o namorado oficial era também prazeroso, mas era como se estivesse sendo imolada. Ele não merecia ser iludido daquela forma quanto aos seus projetos de futuro comigo. Ele queria casar-se e ter filhos comigo.

Eu sabia que o enganava, mas entendia que ele não merecia. Também viver tal situação exigia de mim muitas energias. Além do que tinha dúvidas se deveria obedecer a Francesco, enganando uma pessoa que dizia amar-me também, apenas para proteger suas dúvidas e a sua necessidade de parecer um padre casto. Conversamos algumas vezes sobre isso, mas ele não via nada demais. Então, a conversa não fluía e eu continuava com conflitos. Enfim, estava fazendo algo para proteger alguém, mas sabia que prejudicava as intenções de futuro de outra pessoa. Não era propriamente uma culpa, mas sentia que era uma espécie de violência para comigo, em primeiro lugar.

Na verdade, o meu sacrifício era que o tempo todo estava diante de dois projetos de futuro afetivo. E eu não agüentava mais. Havia uma pressão enorme de meus familiares e do meu namorado por uma oficialização de um noivado, pelo menos. Já era um namoro longo. Recebi um ultimato familiar. Deveria ficar noiva. Não havia

saída, então aceitei. E os preparativos do meu enxoval de casamento, que só deveria ocorrer quando eu terminasse a faculdade de medicina, estavam em curso. Era um inferno ter de escolher modelos de bordados e peregrinar nas casas das bordadeiras do enxoval... As parentas todas dando opinião de como deveriam ser os panos de prato, as roupas de cama e mesa...

A aceitação de oficializar o noivado implicava, segundo a minha moralidade – os costumes e o “sistema” de gente da roça – marcadamente camponesa, cristã e católica, que eu deveria abrir mão, imediatamente, de um dos projetos de futuro em cena. Para Francesco, eu até deveria casar-me com o outro, desde que mantivesse o relacionamento com ele. Casada com o outro, representava mais segurança para a sua condição de padre, foi o que verbalizou maravilhado! Tal atitude parecia maluca para mim. Na verdade, assustou-me. Fui assaltada por muitas dúvidas, inclusive quanto ao caráter de Francesco e comecei a entender que não queria aquilo para a minha vida. Intimamente, rebeleime contra tal possibilidade. Não, eu não construiria a minha vida sobre falsidades.

Eu não concebia que pudesse ou que deveria ser assim. Contudo as idéias dele exerciam uma influência enorme sobre mim e então, embora não quisesse viver daquela forma a vida inteira, não tive forças para não continuar a vida afetiva e sexual dupla que levava. Mas, ao mesmo tempo, sofria. Vivía um dilema sem fim. E pior, não via saída. Não conseguia conversar com ninguém sobre o assunto.

Só hoje sei que também não conseguia escolher entre os dois. É possível sim amar duas pessoas ao mesmo tempo. Seria isso o “amor de porcentagem?” Aquele que, diante da impossibilidade de encontrar 100% de suas aspirações afetivo-sexuais em uma mesma pessoa, sua autodeterminação aloca como ética a busca da totalidade, os 100%, a que se tem direito em diferentes fontes? Talvez.

Você é a minha obra mais importante

No dia em que decidi que não iria mais à casa dele e, mesmo não significando estar mais apaixonada por outro homem do que por ele, assumira um compromisso de noivado e queria ser fiel. Só fui lá para ter certeza do que fazer. Cansei de brigar anteriormente com a minha moral familiar. Eu precisei escolher um dos dois. Abria mão dele. Sim, eu, confessava, não dava conta de enfrentar a moral burguesa à moda dele.

Ele chorou, mas disse:

- Eu sou egoísta mesmo. Reconheço. Sou lento para decidir, mas tudo bem. Voltei ao Brasil para ficar com você. Mas vendo sua capacidade de reconstrução de vida afetiva e, em especial de tocar a vida de forma madura, serena e sabendo

que tenho uma personalidade instável, pensei se realmente tinha o direito de fazer você mandar tudo às favas por mim.

- Ora veja! Imagine, não seja tão pavão! Veja se eu tenho cara de quem manda tudo às favas por homem. Meu filho, não sou mais velha que homem não; quando nasci, já havia homens no mundo.
- Calma, preciso falar. Você é sempre muito afobada e fala tudo que dá na telha. Não tem paciência para ouvir.
- Para ouvir besteira, não tenho paciência mesmo, nem tempo. Ainda bem que você sabe. Vai, fala logo. Mente um bocado aí, vai.
- Quando cheguei aqui, espantei-me como você estava tão bem. Vai ser médica, tem um namoro estável com um homem que adora você, de sua idade... Eu não consigo imaginar que, egoisticamente, eu, que me preparei a vida inteira para me dedicar aos pobres, possa deixar esse lixão aqui para viver um casamento burguês. E não posso exigir que você se contente eternamente, como a minha mãe, de ser a amante do padre.
- Mas se há uma coisa que está fora de cogitação para mim, é ser como sua mãe. Não quero, não posso e não devo. Quero ter uma vida normal. Se isso é “burguês”, vá lá. Que seja. Mas eu não posso mais tolerar é conviver com essa insanidade sua de que, para construir o novo, necessariamente, eu precise abdicar do que considero dignidade.
- Você é de uma outra geração de mulheres. Eu a ensinei a ser uma mulher de um tempo mais avançado, adiante do seu próprio tempo. E você aprendeu. Tenho um imenso orgulho de você, ainda que não possa tê-la para mim. Você é tão significativa em minha vida que, ainda que não vivamos juntos, estaremos sempre juntos. Nós temos uma ligação só explicável pela telepatia. Curvo-me a isso. Não sinto que estou perdendo você. Apenas aceito compartilhá-la com o mundo. Você é a minha obra mais importante.

A preocupação de Francesco com o meu bem-estar e a sua idéia fixa com a minha felicidade, não importasse com quem fosse – como assim percebem algumas pessoas (seria isso o “amor não-burguês?”) – ou de manter um controle absoluto sobre mim, como se eu lhe pertencesse por direito natural – como eu entendo tudo aquilo hoje – permaneceram mesmo após a sua morte. E isso me concede o direito de pensar, sem fazer juízo de valor, que ocupei um lugar importante na vida de Francesco, pois para

ele, desde que nos conhecemos (1969), vivemos uma história de amor marcada por encantamentos e desencontros, mas que não a tornava menor e nem insignificante.

Dezessete anos depois...

1992. Tentava separar-me do meu marido. Na dúvida, não queria que ninguém soubesse. Entretanto era visível que estava muito infeliz. Antes de viajar, telefonei para Francesco e disse-lhe que queria vê-lo. Ele perguntou se eu ainda estava com o mesmo marido da metade dos anos 1980 ou se estava separada. Riu muito quando respondi que ainda era o mesmo, mas estava separando-me.

- Enfim, vamos nos encontrar numa época boa porque também estou descasando, quem sabe nos apoiaremos um no outro. Você saiu melhor do que a encomenda. Aprimorou a capacidade de reconstrução da vida. Tem muito a ensinar e eu tenho mais ainda a aprender. Encanta-me muito essa sua capacidade de não desistir de ser feliz. A prova é que já se casou três vezes.

Rimos.

- Então, tá. Nós nos encontraremos na segunda.
- Espera. Você tá gorda ou tá magra?
- Por que quer saber?
- Uma das coisas que mais dá saudades de você são aqueles dois furinhos maravilhosos que você tem, acima da bunda. Sou alucinado para lambê-los outra vez.
- Não, não virei ainda uma rechonchuda mulher de Renoir. As covinhas de minha bunda ainda estão lá... Mas eu não sei se você poderá lambê-las mais uma vez. Pelo menos não agora e enquanto eu estiver casada. Carrego no capricho não ter duas pessoas ao mesmo tempo. É difícil. Sofri horrores quando estava com você e precisava ter outro namorado. É desgastante demais. Agora, sou, intransigentemente, por convicção, em nome da minha sanidade mental, uma monogâmica sucessiva, uma expressão atualizada do “amor não-burguês”. Um homem de cada vez já está de bom tamanho. Nada contra quem não pensa e não age assim. É que, para mim, não serve e é, bem sei, um sofrimento que não quero ter.
- Acho melhor você deixar, porque só eu adoro as suas covinhas e tenho certeza de que só eu sou tarado por elas. Mas tanto, que fico excitado só de pensar nelas, tantos anos depois... elas ainda são o meu fetiche de masturbação... O sexo com

você era algo extraordinário, memorável. Não conheço ninguém mais liberal na cama do que você. Lembra a senha que eu usava para excitar você? Fico pensando se você pede a outros homens as mesmas coisas que pedia a mim...

- Olha, Francesco, homem é, praticamente, tudo igual. Fazê-los funcionar de forma prazerosa sim, é uma arte. Transa não tem nada que ver com amor, embora seja infinitamente mais agradável transar com quem você ama. Ou parece ser mais fácil. Mas “quem não tem cão caça com gato”, meu filho. Como eu sei bem disso!
- Lembra como você pedia para eu falar sacanagem? Você se melava toda. E eu adorava aquela agüinha... nossa, nunca encontrei uma mulher tão sexualmente livre quanto você, meu amor... Espera, vou fechar a porta de minha sala... quero que você ouça como depois de tantos anos ainda é capaz de me excitar, mesmo ao telefone.

Na volta, ele continuou a falar coisas deliciosas... E eu fui longe. Uma saudade imensa de minha juventude... Uma dor por não ter conseguido viver uma vida com ele. Mas sentir que eu ainda mexia com ele daquela forma era reconfortante... reenergizava a minha vida ter aquele amor antigo à mão para recordar e sentir que eu era ainda especial para ele. Ajudava-me muito naquele momento da separação do meu marido.

Separar não é fácil. É sempre uma ruptura. Mesmo quando o amor já não segura mais a vida a dois. É uma ruptura não apenas da pessoa, mas de um projeto de vida construído e acalentado a dois. Entendia que o meu marido não queria separar-se de mim. Mas eu queria. A convivência já era insuportável.

Ele me irritava a um ponto, que até a forma como ele freava o carro me incomodava. Não havia um motivo “normal” para as outras pessoas do por que eu queria separar-me, mas para mim era cristalino. Aquele casamento estava me adoecendo. Como ficar com um marido que irrita você até no modo como freia o carro?

Violentei-me nesta relação o máximo que pude agüentar. Era um mal-estar indefinido, inicialmente. Depois, faltavam paciência no cotidiano daquele casamento, aparentemente bom. Aliás, era, apenas eu estava incomodada com ele. Não gostava mais de ficar ouvindo-o contar o seu dia de trabalho... depois uma preguiça enorme de encerrar uma etapa da vida e um sentimento de perda de tempo de ficar ali naquela cama com ele. Noite após noite, dia após dia. E a gente não tinha mais assunto.

Contudo havia também uma certa angústia em ter de enfrentar, pela terceira vez, as pessoas amigas, meus familiares, explicando mais uma separação para a qual as pessoas não encontravam uma base material. Comunicar o fim de um casamento, pior ainda; explicá-lo é como a confissão de um fracasso. Sim, um fracasso de um projeto

de futuro que você fez com alguém. Eu não acho isso, mas sempre parece isso.

Talvez seja o que mais dói no fim de um casamento é o que pensam as pessoas que lhe querem bem. Elas buscam um motivo, sempre.

Mas um dia, quando eu estava arrumando a mala para uma viagem, ele indagou para onde eu viajaria e quanto tempo ficaria fora. Irritada, disse:

— Como não sabe?

E ele, sorrindo, disse que não. Uma vontade de esganá-lo...

— Será que agora para viajar, ainda que a trabalho, preciso pedir licença? É isso que você quer com essa cara de mártir?

— Não se trata disso. Você sabe que não sou possessivo e o quanto eu estimo a sua vida profissional, a sua vida política e como sou um ponto de apoio para que você possa voar.

— Quer dizer que agora só falta você dizer que sou o que sou porque você permite! E fica no apoio... É um grande homem cansado atrás de uma grande mulher, para que ela possa voar... Não me faltava mais nada. Um acha que é o meu criador e o outro é o apoio...

— Não devaneie. A questão central é que você é tão auto-suficiente que não combina com casamento. Você não deveria ter casado jamais, pois não precisa de ninguém. Toca a vida de uma maneira tão autônoma que choca. Marido para você é só para ter um homem à mão. Ainda é católica demais para admitir que só precisa de homem para trepar. É uma atéia de moral católica. Pessoas como você, que se amam demais, nunca deveriam casar. Eu não entendo por que gosta tanto de casar.

A minha cabeça foi a mil. Estava ouvindo as mesmas queixas, com as mesmas palavras, pela terceira vez em minha vida! Era o meu terceiro marido, falando como os dois anteriores. Então, eu tenho um problema, ou pelo menos algo que incomoda os homens a quem amo.

Chocada, comecei a me desculpar... é que creio que os homens não dão conta de conviver com mulheres que não são malas que eles devem carregar até a morte... Ele também estava insatisfeito e agora manifestava o que o incomodava na convivência comigo. Era hora de começarmos a nos preparar para cada um seguir o seu caminho. Estávamos perto do fim. E senti uma espécie de alívio, ao constatar que estávamos no começo do fim.

Esse diálogo ríspido, tenso e desgastante ocorreu exatamente no dia em que senti que não poderia mais continuar casada. Descobrira o meu mal-estar indefinido. Mas descascar demora. Demora e é desgastante. Parece que, enquanto não dizemos tudo de degradante para a outra pessoa, não damos conta de romper. Portanto, não há separação amigável. Alguém sempre sente que foi lesado na relação. E sentir-se lesado desperta o sentimento de que é preciso revanche. Então, a vida vira um inferno.

Separar leva tempo. Consume energia e praticamente paralisa a vida. É a crise. Porém a crise, longe de ser ruim, deveria ser vista como o anúncio de que a saída poderá ser encontrada. Ou que, pelo menos, a vida impõe a você pensar sobre o problema. Chegar à crise significa, sobretudo, que agora você não pode mais iludir-se, fazer de conta que o problema não existe. Deu-me um desânimo. E já fiquei cansada imaginando que o meu “céu de brigadeiro” acabara. Eu tinha um problema para enfrentar e tentar resolver. É aqui que entra a saudade de Francesco. Saudade ou a necessidade de uma bengala?

E em meio ao turbilhão no qual entrei e fui ao inferno nele, quando não mais agüentava, telefonei para Francesco, pedindo colo... E ele, que me conhecia profundamente, mais uma vez estava a postos.

No dia seguinte ao meu telefonema para ele, na abertura do seminário, uma recepcionista disse-me que havia uma pessoa na entrada querendo falar comigo. Era ele! Não agüentou esperar para amanhã! Eu, “ligada no automático”, disse que iria ao banheiro. E saí, imediatamente.

Era ele, sim. Eu o vi como um oásis. Nós nos abraçamos demoradamente e ele ficou passando a língua em minha orelha... Foi reconfortante... havia esquecido esse carinho que só ele fazia em mim... Por baixo do meu blusão, acariciou as covinhas de minha bunda. E chorava em meu ombro convulsivamente e indagava:

— O que fizemos com as nossas vidas?

Dei-me conta de onde estava... e algumas pessoas estavam nos vendo... e que meu marido estava na sala ao lado!

Ele me acariciava... e falava pausadamente...

— O tempo passa e você com o mesmo corpo... ainda a vejo vestida de uniforme escolar... aquela saia pregueada... era maravilhosa! Como não fui capaz de reter você ao meu lado? Como eu optei ter você como uma miragem constante, quando podia tê-la inteirinha só para mim? Como eu pude abrir mão de ser o pai dos seus filhos? Hoje sinto que fui incapaz de proteger toda a grandeza do nosso amor... eu ainda quero você, e muito... eu preciso de você... quero ficar

com você... Estou com a minha mala no carro. Saí de casa... eu vim buscar você para a minha vida...

Tomei um susto enorme... e voltei ao mundo da racionalidade.

- Você continua o mesmo... sempre decidindo a vida das outras pessoas... não aprendeu, mesmo depois de tanto sofrimento, que eu sou dona de minha própria vida... E hoje, mais do que nunca...
- Amor, eu só estou pedindo que você pense se não é hora de ficarmos, enfim, juntos, pela primeira vez, ainda que tanto tempo depois. Você é a minha obra-prima... Nós nos pertencemos... vamos nos curvar às evidências disso... Eu a ensinei que sexo é uma das coisas mais belas do mundo. Você teve uma iniciação sexual bela, prazerosa, delicada, no tempo certo, quando estava pronta... Eu a ensinei a gostar de ter prazer, de maneira delicada e selvagem, sem culpa... Eu hoje mereço você, pois tive a paciência dos jardineiros: plantei as mais belas e avançadas idéias no terreno fértil que você era; cuidei com desvelo do que semeei e esperei que, naturalmente, você desabrochasse para o mundo.
- Ah, então, você se considera o meu Frankstein? E eu sou a sua “criatura”, não é? Uma criatura que superou o criador com uma bagagem cultural e um repertório intelectual, aportados por você, que até hoje fazem de mim o seu “prodígio”? Não entendo e custo a crer que você fique deslumbrado em ser apenas isso em minha vida, Francesco... o meu criador.

E mirei, demoradamente, aquele homem ainda belo, apesar da obesidade. Como envelhecera! E o beijei sofregamente... De repente, meu marido estava ali... e eu os apresentei. E num gesto inusitado, o meu marido beijou-me na boca, abraçou-me apertadamente... e disse:

- Só podia ser o padre Francesco... é doentia a forma como vocês lidam com o passado...

Fiz de conta que não ouvi. Ele jamais compreenderia que, mesmo tendo amado, profundamente, e me casado com outros homens, e tendo sido feliz com eles, eu amava Francesco. Nunca deixei de amá-lo... ele era a minha reserva de amor... É reconfortante saber que em algum lugar do mundo, mesmo quando não se sabe onde, há uma pessoa que ama você, desprezenciosamente e nada pede em troca. É um amor não possessivo.

Eu não sei por que contei ao meu marido a minha história com Francesco. Acho que só de exibicionismo mesmo. Hoje, sei que há coisas que não se deve contar para

marido. É preciso ter segredo para marido. Aliás, é estratégico ter segredo para marido. Ser absolutamente sincera depõe contra a gente depois.

— Vamos, eu tenho um nome a zelar. Você não pode ficar aqui me desmoralizando dessa forma aviltante, tendo orgasmos publicamente. Você ainda é minha mulher...

Francesco encheu os olhos de lágrimas. Parecia atônito, mas falou:

Se você quiser, vamos comigo agora. Escolha. Faça uma escolha definitiva. Não abra mão de mim, mais uma vez.

Apenas balbuciei:

— Foi bom ver você.

Não pensei. Não deu tempo. Tudo estava embaralhado em minha cabeça... estava sendo arrastada, literalmente... Só, então, percebi que meu quase ex-marido estava propondo que transássemos a três... Era uma fantasia dele durante anos que nunca levei a sério... mas naquela hora entendi que ele realmente desejava me ver transando com outro homem, desde que estivesse junto. E achou que com Francesco eu não recusaria.

1997. Eu só queria chegar em casa, deitar em minha cama e chorar a morte de Francesco. Disse aos meus filhos que estava febril. Iria deitar e não estava para ninguém, precisava descansar.

Mas eu me esqueci de desligar o celular e o meu namorado da época, outra paixão insolúvel de minha vida, telefonou. Disse-me que estava ansioso para ver-me... que queria dormir comigo... acordar e me ver... E eu expliquei que estava exausta... E ele desligou.

Anos depois, falamos sobre o sumiço dele. Revelou-me que não tinha disposição para competir com fantasmas, portanto achou melhor sumir. E, “na lata”, antes que eu esboçasse qualquer pergunta, contou-me que naquele dia soubera que Francesco morreria. O meu espanto é que eu nem sabia que ele sabia da existência dele. Vai ver que eu realmente contara para ele sobre Francesco, só para dizer que era a tal... Puro exibicionismo.

Vivenciei um luto demorado, tenso e repleto de surpresas.

Outros segredos

Ainda em 1997 recebi uma carta de uma pessoa com o mesmo sobrenome de Francesco. Comunicava-me que encontrara no armário do irmão, na casa da mãe deles, uma caixa

contendo cartas que enviei para Francesco, desde a década de 1970 e que também havia cópias carbonadas de cartas datilografadas dele para mim, assim como duas ou três cartas que não foram enviadas. Viria ao Brasil e queria entregá-las pessoalmente.

Acrescentou que, quando visitara o irmão no hospital, fora incumbido de uma responsabilidade: entregar-me aquelas cartas se Francesco morresse. Mas só poderia vir ao Brasil dali a seis meses. Se eu quisesse encontrá-lo em seu país, arcaria com todas as despesas e teria um imenso prazer de mostrar-me todos os lugares que o irmão dizia que eu gostaria muito de conhecer.

Respondi que não poderia ir ao país dele. Apesar da ansiedade, era o jeito esperar para dali a seis meses. Quatro meses depois, recebi, pelo correio, as cartas guardadas por Francesco. O irmão alegava que estava iniciando uma quimioterapia, apesar de saber que seu câncer era incurável.

Pedia também que eu desse um jeito de encontrar-me com o pai deles, em uma viagem que ele faria à América Latina dali a três meses. Não poderia ser no Brasil, mas em outro país, em uma cidade onde o pai não pudesse ser reconhecido. Indicava uma cidade. Se eu confirmasse, o pai iria apenas para ver-me. Na cidade indicada seria o ideal, já que era um país que não estava no roteiro da viagem oficial do cardeal, mas seria incluída como uma viagem de descanso. Sim, Francesco e seu irmão são filhos de um cardeal católico.

Pedia confirmação rápida. Tranqüilizava-me afirmando que o cardeal sabia exatamente a minha dimensão na vida do filho. Bem, era a primeira vez que eu ouvia isso. Fiquei curiosa. Lisonjeada também. O cardeal falava português, aprendera da última vez que Francesco morou com ele e lia, em noites insones, as minhas cartas para o cardeal, que as adorava e dizia que entendia o amor do filho por mim, pois eu nutria um amor sublime por ele. Tão sublime que ele poderia renunciar a mim, sem prejuízo do amor...

Na medida em que lia, achava aquele cardeal um sacana... e desejei tê-lo em minha frente para esganá-lo. Mesmo depois de tantos anos. Era como se ele tivesse usurpado, deliberadamente, uma felicidade que eu teria o direito de vivenciar. Eu queria cuspir na cara dele para lhe demonstrar todo o meu desprezo e nojo pela falsidade de sua vida.

Eu o achei um calhorda e passei a não entender como ele conquistara (ou comprara?) o amor dos filhos. Tudo isso aguçava a minha curiosidade de ficar frente a frente com o cardeal. Sim, eu estava topando vê-lo, tão-somente para espezinhá-lo.

Ah, antes que eu esqueça! O cardeal não era cardeal de fato, mas de direito. Explico-me. Era um arcebispo poderoso e muito prestigiado, mas Paulo VI não o alçou ao cardinalato e nem João Paulo II. A base foi a politicagem do Vaticano, onde cabem todos os fuxicos e falsidades, num jogo bruto e predatório de poder.

Aventava-se que ele seria alçado ao cardinalato pelo papa Paulo VI. Estava tudo certo. Fora consultado e até a festa estava sendo discretamente preparada em sua diocese, quando de repente ele não foi anunciado cardeal.

Hoje sabemos que o seu segredo, embora na surdina, tornou-se público nos meios eclesiásticos. Tivera dois filhos com uma ex-freira italiana que vivia em missão na Ásia. Na época ele era seminarista. Ela engravidou e era contra o aborto. Ele também se dizia contra o aborto, mas, entre deixar de ser padre e ter filhos, optou por ser padre e deu-lhe dinheiro para que abortasse. Ela resistiu. Então, a família do seminarista arrumou-lhe um marido: um empregado deles da mais absoluta confiança.

Dois anos depois, casada com um homem que, por contrato verbal e obediência ao padre, só vivia no mesmo teto que ela, mantendo um casamento de aparência... mais outro filho do padre – que manteve com ela um relacionamento sexual longo, uma vida amorosa de encontros esporádicos... até quando ela descobriu que aprendera a amar o marido...

A vinda de Francesco para o Brasil ocorreu depois de ele ter descoberto quem era o pai dele. O homem que eles supunham ser o pai deles lhes contou a verdade em seu leito de morte... Viveram tempos difíceis. Na época, o padre se tornara bispo e continuava íntimo da família, uma espécie de protetor dos meninos, que acompanhava a vida escolar deles e os mantinha financeiramente. Construíram uma amizade tamanha e laços tão profundos que, mesmo depois de descoberta a verdade, não se afastaram. Ao contrário, passada a surpresa e os constrangimentos iniciais, os laços se redobraram em torno do segredo protegendo o pai.





CAPÍTULO II

Encontro com o Cardeal

Francesco contou-me a história de suas origens numa noite de lua cheia. Caminhávamos na Avenida Beira-Mar, em São Luís. Por ser um lugar de trânsito intenso de ônibus, mesmo à noite, andávamos um ao lado do outro, como se fôssemos apenas amigos, mas quando chegávamos a uma pracinha recuada (é ali a Pedra da Memória?), sentávamos em um banco, protegidos pelos canhões que apontam para a cidade de Alcântara, e ele me colocava em seu colo e nos beijávamos.

Algumas vezes fomos mais além. Ele adorava transar em ambientes que davam a sensação de que, de repente, poderia chegar alguém. Eu relutava, mas acabava cedendo. Era adrenalina pura, algo sexualmente explosivo. Ao fundo, o Palácio dos Leões, sede do governo, originariamente uma fortificação feita pelos franceses, em 1612, em homenagem ao Rei Luís XIII. O Palácio, de estilo neoclássico, é datado do fim do século XVIII.

Naquele dia paramos no Cais da Sagração¹¹. Não há nada de excepcionalmente belo lá, apenas que se vê mais de perto a dança das ondas e se ouve o barulho mais forte delas batendo no muro e no cais e, mais perto da água, às vezes, a gente se molha um pouco com os respingos produzidos pela força das ondas. Brincando, ele disse que me jogaria ao mar, quando, de repente, abriu um largo sorriso, dizendo: “Belo lugar para confessar segredos. Sabia que sou filho de padre?” Corria uma brisa suave, um cheiro de maresia que eu adoro e os meus longos cabelos batiam em seu rosto e o envolviam e ele se desvencilhava deles para beijar-me. Era noite de lua cheia e seus raios pareciam se refletir nas águas da Baía de São Marcos, que ladeava a ilha. Parecia que eu estava sendo arrancada de um mundo de fantasia e comecei a rir, mas perguntei se a maresia o embebedava.

Ao que, marotamente, respondeu: “Minto, de padre não. Sou filho de cardeal. Para você eu conto, mas é segredo. Só eu, meu irmão, minha mãe, o marido dela – meu outro pai, o que me criou, sabem. Meu irmão nunca contou nem para a mulher dele... Meu pai, o cardeal, ainda é muito poderoso na Igreja e é o último descendente de uma família riquíssima. Eu e meu irmão somos herdeiros dele. Meu irmão trabalha com ele. Nos nomeou herdeiros por intermédio de uma Fundação”.

¹¹ Cais da Sagração é o porto mais antigo de São Luís, construído em 1841, em homenagem à sagração de Dom Pedro I. Há um quadro pintado por Debret intitulado “A sagração de Dom Pedro I”.

Abraçou-me e, olhos nos olhos, assim se expressou: “Eu, às vezes, ficava olhando para a minha mãe, tão resignada com a vida, mas como ficava fora de si todas as vezes que chegávamos em casa e falávamos de nossa amizade com o cardeal e do quanto ele nos amava e cuidava de nós. Isso, quando ainda não sabíamos que ele era nosso pai. Quando seminarista, viajei toda a Europa com ele, às vezes a passeio; às vezes, como seu secretário. Ele era um orador invejável, de idéias interessantes para a época e arrastava multidões para as suas palestras. Vivia de agenda cheia. E gostava do que fazia. Era um professor famoso.

E mamãe não prestava muita atenção sempre que falávamos sobre ele, mas parecia que ficava irritada. Só depois que soubemos da verdadeira história, passei a entendê-la. Também ela manteve contato muitos anos com freiras de sua Congregação e, sempre achei, acompanhava a carreira de suas amigas no Convento com tristeza. Ela era professora da Congregação dela, que se dedicava à educação. E pensar que virou uma dona-de-casa amarga e sem perspectiva! E parecia sofrer por dividir as nossas atenções com o cardeal. Acho que eles nos disputavam e se agrediam dessa forma. Quando ela morreu, eu e o meu irmão nos preocupamos muito com o cardeal, dada a sua amargura, que durou meses. Fizemos uma viagem para a Ásia. Pela primeira vez, fomos aos lugares onde mamãe morou na juventude. Só, então, ele venceu o luto”.

Abatedouro dos padres

sim, encontrei-me com o cardeal numa das mais belas e charmosas cidades latino-americanas. Naquela época ele era um simpático, atlético e lúcido senhor. Estava com 79 anos, mas aparentava no máximo 60. Sim, para os filhos, o pai não era apenas arcebispo. Eu, Francesco e o irmão só o chamávamos de cardeal. Tanto que, quando o encontrei, cumprimentei-o com um: “Como vai, cardeal?”

Pareceu espantado com a minha saudação, mas se recompôs, imediatamente, e rindo, gostosamente, falou:

- Esses meus filhos... Sim, para eles eu sou cardeal, apesar do Vaticano, do papa e de tudo isso aí.

Percebendo que estava espantada, frisou:

- Eu sobrevivi ao Vaticano, apesar do Vaticano, do papa e de tudo isso aí... antigo, ultrapassado, caindo aos pedaços. Eu os enfrentei, ao meu modo. Amava ser sacerdote. Cometi muitos erros. Pecados não. Amar não é pecado. O amor é um sacramento. Mas como bom católico e socialista, não abri mão da convivência próxima de meus filhos, carne de minha carne, sangue do meu sangue. Exerci,

com a maior rebeldia possível a um sacerdote, o meu direito de amar ao próximo. Não tenho ninguém que encarne a figura do próximo mais do que meus filhos. Não lhe parece?

- Mas abriu mão da mulher que amava, cardeal. Enquanto o senhor continuou a sua carreira na Igreja, competiu pelo poder e galgou muito poder na carreira eclesiástica – só faltou chegar à Capela Sistina e disputar ser papa –, ela teve de provar o seu amor, renunciando a você, dando-lhe filhos, clandestinamente; e abriu mão de sua carreira na Igreja, ela, que era uma mulher profundamente religiosa, assim como o senhor. Foi a renúncia dela, a tudo, até ao seu amor, que permite a você dizer que sobreviveu ao Vaticano.

Havia um silêncio constrangedor da parte dele, que me olhava fixamente e parecia pasmo. Então, parei de falar. Ao que ele apenas balbuciou:

- Continue...
- É também uma questão de classe, cardeal. Um padre pobre jamais teria permanecido na Igreja. Não com a sua história de vida. Não podemos também nos esquecer de que a desigualdade de gênero é patente aqui também, não é, cardeal? As freiras jamais serão autoridades eclesiásticas e são confinadas à insignificância de noivas de Cristo e obrigadas a usarem alianças e tudo. Mas qual é a perspectiva de futuro de uma noiva de Cristo, cardeal?
- Realmente, mas a desigualdade de gênero, ou seja, entre mulheres e homens, não é um problema só para a Igreja, já que ainda é a regra em quase todas as sociedades. Concordo que a Igreja tem de dar o exemplo para extirpar esse mal. Discursos só não bastam.
- Mas que discursos? Os contrários? Só se forem, pois a desigualdade de gênero, historicamente abençoada pelo Vaticano – um lugar proibido para mulheres, crianças e jovens, uma cidade com status de país, habitado exclusivamente por homens, em geral pra lá da metade da vida –, revela cruamente a dupla moral, em si uma hipocrisia, em relação a tudo que diz respeito aos direitos sexuais e aos direitos reprodutivos, embora seja da maior exemplaridade a postura contra o direito ao aborto. Enquanto os padres estupradores continuam tranqüilamente com suas patentes e benesses, as freiras são expulsas de suas congregações quando decidem criar os filhos até dos estupros clericais.
- Há coisas que nos amarram e politicamente nos amordaçam. A Igreja Católica (e a gente só descobre isso em toda a sua magnitude, muito tarde na vida), tem

como alicerce uma monarquia absolutista e com dificuldades de dialogar com o novo. E, sobretudo, com a idéia de que no mundo só há espaço para o divino e que o profano é sempre o mau. Tendo como centro o papa, que com sua infalibilidade tudo pode, em um consistório de cardeais em 1991, foi definida, por unanimidade, a condenação completa do aborto e dos métodos contraceptivos artificiais. No mesmo campo, o da moral, há a Encíclica *Veritatis splendor* (“O esplendor da verdade”, de 1993) e a *Evangelium vitae* (“O Evangelho da vida”, de 1995) que não demonstram disposição para o diálogo, o que concretamente significam amarras oficiais, não restando campo para a liberdade de consciência.

Enquanto andava naqueles corredores imensos do seminário, dirigindo-me à sala em que o encontraria, fui pensando no quanto a opressão da Igreja contra as mulheres estava presente em minha vida. E apesar de há muitos e muitos anos ter rompido com Deus, bradasse a sua inexistência e não tivesse mais dúvidas sobre isso, volta e meia essas coisas do sagrado católico reapareciam em minha vida das formas mais inusitadas. Aquele momento era a prova disso.

Era um lugar bonito e bem cuidado, simples, mas de um luxo clássico, à semelhança dos prédios da Igreja pelo mundo afora. Pensei: “Seria ali também um ‘abatedouro dos padres’?”

E ri, lembrando-me de uma amiga dos tempos de universidade que se tornara uma anticlerical visceral, e ficou irritada quando certo dia, numa “sessão memória de namoros malucos”, contando o meu caso com Francesco, comecei a rir ao mencionar a sua teorização sobre o “amor não-burguês”.

Ela me fuzilou:

— “Amor não-burguês?” Minha amiga, isso é lavagem cerebral, a mais pura enrolação, própria de padre mulherengo mesmo. Eles comem e querem comer todo mundo e desejam continuar lépidos e fagueiros em sua solteirice em nome de Deus e tome catequese nas meninas. “Amor não-burguês”, faça-me o favor!

Quando disse onde namorávamos, ela explodiu:

— Você também namorou ali? Os caras não têm nem imaginação, entra ano e sai ano e continuam com os mesmos métodos. Uma mesmice, comem as meninas ainda lá, no mesmo lugar, aquelas camas que são uns catres, uns lençóis que parecem de hospital de indigente.

— Começamos a rir, e eu não resisti:

— Como é que você sabe disso tudo?

- Já passei por lá, minha filha. Eles são uns tarados mesmos. Aquele Seminário Santo Antônio é um abatedouro dos padres. Se Deus existisse mesmo, não permitiria aquele bordel!

Começamos a rir da ênfase de ódio com que ela falou, porém ela não se intimidou e continuou:

- Tive um caso com um padre lá do interior da fazenda de papai. Caso, caso mesmo. E a tonta aqui pensava que era um namoro e me sentia o máximo achando que eu era mesmo a tal, pois até um padre estava “doidinho” por mim. Ele vinha a São Luís de vez em quando e nos encontrávamos lá. E a idiota aqui ainda ficou grávida. Ele virou um bicho quando eu disse que estava grávida. Acabou o namoro. Sumiu. E olhem, ele era amigo, amigo mesmo de papai. De medo, e mesmo por não saber o que fazer, não contei nada em casa. No mês seguinte, soube que ele estava aqui e resolvi procurá-lo. Chegando ao abatedouro, quem eu encontro saindo de lá aos prantos e conversando com ele? Uma irmã minha. Fiquei atordoada. Na hora, pensei logo que ele estava de caso com ela também. Senti me faltar o chão. Não sei como não desmaiei. Imaginem, eu queria cavar um buraco no chão e entrar. A minha irmã estava com 15 anos e eu com 20 e acabara de passar no vestibular. E ela, quando me viu, correu e abraçou-me, dizendo: “Fala pra ele que eu tenho medo de abortar, fala...”

Fiquei espantada. Mas de curiosidade, quis saber:

- E aí?
- E aí? O cara transava com nós duas, desde as férias passadas. Ora, comigo tudo bem, já era uma adulta, apesar de ingênua, sabia o que estava fazendo, mas com minha irmã, era demais. Ela era ainda uma criança! E ele foi tão sacana e tão irresponsável com as suas taras que sequer se preveniu para não engravidar duas irmãs, ao mesmo tempo. Era tortura demais. Mas graças ao meu bom Deus, nós abortamos, no mesmo dia. Mamãe nos levou a um médico amigo da família. Graças a Deus, papai estava na fazenda naquela semana. Papai nunca soube. Se soubesse, matava aquele cara. Mas é amigo dele até hoje. E a gente ainda tem de agüentar a presença dele.

Relembrar desta história ali, encheu-me de dúvidas. O que eu fazia ali? Por que deveria encontrar-me com um cardeal tido como safado pelos padrões morais de sua própria Igreja, logo eu que não tenho nada a ver com essa e nem com nenhuma Igreja?

Minhas reflexões foram-se para longe quando, de repente, fiquei diante de um homem charmoso, doce e envolvente que, embora trêmulo e emocionado, parecia

espantado e feliz ao ver-me e não se conteve:

- Mas o Francesco não encontrou as palavras exatas para fazer justiça à sua beleza. Você é muito mais bonita do que ele dizia!

E olhou-me, demoradamente, como se estivesse tirando a minha roupa. No mínimo estranho, para um homem de Deus. Foi desconfortável, pois eu não sabia nem onde colocava as minhas mãos, que ergui para cumprimentá-lo e ele as deixou soltas no ar, para só depois apertá-las, de tão entretido que ficou a olhar e olhar para mim.

- Você foi o grande amor da vida do meu filho mais amado. Eu não poderia morrer sem vê-la, pelo menos uma vez. Eu sempre soube que você era uma mulher especial. O Francesco dizia que, além de especial, você era única. Eu e você fomos as pessoas mais importantes da vida dele. Você foi uma das mulheres mais amadas do mundo. Eu não tenho dúvidas e você não deverá mais tê-las a partir de hoje.

Não conseguia concentrar-me no que ele dizia. Era impressionante como ele se parecia com Francesco da última vez que o vi! Juntos pareceriam mais irmãos do que pai e filho. Francesco sempre bebeu muito e isso o envelheceu bastante, mas o cardeal não apenas parecia mais jovem para a idade, como era a vitalidade em pessoa, apesar da amargura estampada no rosto. Era uma figura envolvente e sedutora. Eu disse sedutora?

Francesco falava que as freiras, não só elas, mas as mulheres em geral, rondavam muito o cardeal. E ele adorava ser paparicado por elas e ficava tirando onda mesmo, às custas de sua reconhecida marca de ser caloroso, afetivo e de abraçar todo mundo quando cumprimentava. Não era usual que padres se comportassem de maneira tão efusiva, mas ele era assim. Uma fala macia e um jeito maneiro.

Dá para entender porque as mulheres se encantavam por ele. Se nessa idade é essa exuberância toda, imagine quando jovem. Não que juventude seja necessariamente a base da beleza de qualquer pessoa, mas velho bonito foi novo bonito. Sou apreciadora das coisas belas. Não há mal nisso, pois o belo tem sempre o seu lado arte e deve ser apreciado.

- Todas as pessoas são únicas, cardeal. E isso as torna especiais, sempre. E quem as ama as vê como esplendorosas. Mas o seu filho é especial para mim de uma forma singular porque eu o amei muito. Ele iluminava a minha vida. E muito do que sou hoje, eu devo a ele. Com ele aprendi a apreciar a arte, o belo, os grandes pintores, o teatro, a música clássica, encantar-me com Filosofia. Sim, ele me conferiu lastro intelectual e cultural. Sou um pouco uma “criatura” dele.

E era tão consciente disso que dizia, sem modéstia, que eu era a sua obra mais importante.

Jantamos. Conversamos uma noite inteira. De vez em quando, aparecia uma freira querendo saber se precisávamos de algo. Ele bebia tanto vinho que me dava angústia. Choramos juntos inúmeras vezes. O dia amanhecia quando saí de lá. E eu estava deitada no colo dele, que acariciava os meus cabelos, enquanto me contava histórias sobre Francesco ainda criança... o primeiro dia de aula... a primeira missa em que ele foi coroinha... a ida para o Seminário Menor. Mostrou-me muitas fotos dele e dos filhos.

Os dois irmãos foram para o Seminário, mas só Francesco quis ser padre. E queria ser um padre casto e santo e tinha um desejo enorme de ser papa, desde quando entrou no Seminário Menor. Sim, ele, tal qual o pai, não foi para o Seminário para ser padre, mas para ser papa, no mínimo alto dignatário da Igreja, como convém à aristocracia européia!

E eu ouvia embevecida aquele pai amoroso declarar, emocionado, que sonhava com o dia em que seus filhos o chamassem de pai – o que levou mais de duas décadas para ouvir. Um homem que teve usurpado o seu direito de exercer a paternidade, pois foi privado de ser pai por inteiro por uma instituição pautada por ritos medievais e uma moralidade hipócrita em relação ao direito ao exercício da sexualidade e da paternidade, como direitos humanos. Entendi porque seus filhos o amavam tanto, pois ele simplesmente os adorava.

As crianças renegadas pela igreja e abandonadas pelo Vaticano

Amanhecia quando olhei o relógio e vi que estava na hora de ir para o hotel pegar a minha mala e seguir para o aeroporto. Se demorasse mais, perderia o vôo. Prometi visitá-lo no país dele, tão logo pudesse tirar férias. Dali a quase um ano.

— Não demore a visitar-me. Sinto que não viverei mais tanto.

Saia comprometida a encontrar os netos perdidos do cardeal e lhes proporcionar TUDO o que o dinheiro seria capaz de fazer de bom para uma pessoa e jamais lhes contar que eram netos do cardeal e nem quem era realmente o pai deles. Missão quase impossível, compreendendo-se que conhecer a própria origem é um direito humano que deve ser respeitado, sempre.

Sim, ele, o cardeal, falou-me de uns filhos perdidos pelo Brasil que Francesco tivera quando padre e jamais contara à mulher com quem se casou! Eu estava descobrindo de forma brutal que ele era um garanhão... E pior, ele jamais tivera a coragem de

procurá-los. Para o cardeal, não assumir filhos era um pecado. Ele não teria sossego enquanto não encontrasse os netos abandonados. E contava comigo para localizá-los e acompanhá-los!

Eu não falava nada, só assentia com a cabeça, mas era desesperador... E constatava que a “medida do querer” dessa família era sem fim. E por que eu, que imolei a minha adolescência e parte da juventude no “altar do querer” dessa gente, tenho de me envolver com isso?

Além de tudo, para mim era um choque brutal e parecia fora de propósito que Francesco, um socialista confesso, tivesse descido tanto, a ponto de adotar um comportamento de classe inconfundível e deplorável: homens ricos, em geral, recusam-se, sistematicamente, a reconhecer filhos tidos com mulheres pobres. Bem, mas aconteceu.

- Mas, cardeal, essa coisa da castidade e do celibato forçados não podem ser reverenciadas como coisas eternas. Aceitar que assim seja, é um estímulo deliberado à dupla moral e à delinqüência sexual do clero. Há décadas que a Igreja enfrenta dificuldades em muitos países para recrutar novos sacerdotes e admite em seus quadros jovens oriundos de classes sociais pobres que vêem o sacerdócio apenas como uma profissão que os retira da pobreza, tal como aconteceu na Idade Média, que, para muitos autores, foi o período da mais pública e brutal delinqüência sexual do clero. Quero dizer que parte expressiva dos jovens que vão para os seminários católicos hoje busca na Igreja apenas acesso facilitado à educação e não, necessariamente, ser padre. Eu tendo a pensar que não são vocações sacerdotais em si.
- Não tenho dúvidas sobre isso.
- Muitos dos que se ordenam padres, de qualquer classe social, ao se investirem do poder e prestígio eclesial, exercem um enorme fascínio sobre as mulheres e, imersos em uma cultura de desrespeito à mulher, cometem crimes sexuais acobertados pela certeza da impunidade. Além do que ser cortejada por um padre, um homem de certa forma misterioso, diferente, que renunciou aos prazeres do mundo e se consagrou a Deus, tem lá seu charme e um poder extraordinário de fascinação sobre muitas mulheres. Não deixa de ser uma maneira de se sentirem também diferentes, especiais. Eu posso dizer muito bem o poder devastador que é ter um padre interessado afetiva e sexualmente em você. É difícil ficar indiferente. Assim como, às vezes, fica difícil a percepção do assédio ou do abuso, pois em geral tudo ocorre num contexto de sedução.

O cardeal ouvia atentamente como se ouvisse aquelas constatações pela primeira vez e comentou que era uma análise interessante.

- O Vaticano tenta esconder a realidade que em algumas culturas e regiões, sobretudo na África, permite, ao fazer vista grossa a padres casados e que bispos católicos tenham várias esposas, pois em tais lugares não se compreende que um homem adulto respeitável fique solteiro, então é culturalmente inaceitável um sacerdote romano solteiro.
- Sim, embora não sejam muitos, há estudos que revelam detalhes da vida sexual do clero. De um modo ou de outro, sabe-se que sacerdotes não são seres assexuados, a quase totalidade se masturba e, pelo menos, cerca de 2/3 mantêm relações sexuais que, por serem clandestinas, parte importante pode descambar para práticas condenáveis, como abusos sexuais graves com menores. Não sei onde li, mas creio ter sido em um estudo espanhol recente, que há predomínio da prática heterossexual (65% dos casos), ante a 35% de prática homossexual, porém do total de espanhóis abusados sexualmente quando menores, 10% foi abusado por um padre católico. São fatos que algum dia a Igreja precisará enfrentar, antes que seja tarde demais.
- Tá passando da hora de católicos, e refiro-me a pessoas católicas, empenharem-se para que haja um debate público sobre o celibato não voluntário e a imposição da castidade sob a ótica da defesa dos direitos sexuais como um direito humano que as religiões não devem violar sob as bênçãos do Estado de Direito.
- Você acha isso mesmo? E acha ser possível mobilizar para isso?
- É a única forma, talvez, de coagir moralmente o oficialato católico romano a ser menos hipócrita, já que falta ao Vaticano pulso firme para expurgar de suas hostes os criminosos sexuais e seus comparsas e entregá-los à justiça laica. Não se pode creditar ao celibato a raiz de tantos crimes hediondos. Mas que o celibato compulsório, não voluntário, em si é uma violação dos direitos sexuais, pode ter algo a ver com tudo isso, pode, ainda que indiretamente. É hora de revisitar o debate sobre o celibato não voluntário e a imposição da castidade sob a ótica da defesa dos direitos sexuais como um direito humano que as religiões não devem violar sob as bênçãos do Estado de Direito.²
- Você tem razão em dizer que o Vaticano tem demonstrado uma postura de imutável omissão diante dos milenares e usuais crimes de natureza sexual cometidos por padres da Igreja Católica Apostólica Romana – no mundo inteiro – contra meninas, meninos, adolescentes e religiosas.

2 2. "Sexualidad del clero", www.pepe-rodriguez.com/Sexo_clero/Sexo_clero_menu.htm

Perguntei pelos dois filhos de Francesco com a mulher com quem se casou. Respondeu-me que estavam amparados de tal forma que ele não precisava se preocupar com eles. E, então, eles não tinham sequer necessidade de saber de sua existência. Falava com a naturalidade de quem se habituara a ter direitos usurpados. Acabava de confessar que abrira mão de ser avô, em nome das insígnias da Igreja, muito provavelmente. E se expressava com a arrogância peculiar aos ricos. De um lado, ele absolutamente convicto que eu era a pessoa certa para a tarefa com vistas a resguardar a sua honra... Do outro, eu querendo gritar que ele não tinha honra a ser resguardada, porque, como dizia a minha avó, era um padre velho safado que não podia ver rabo de saia, o que comprovei ser verdade. Safado, nem tanto, mas que não resistia a rabo de saia, sim... apesar dos 79 anos.

Ele abriu uma pasta. Havia os nomes dos meninos e das mães. Fiz as contas. Um deveria estar com 22 e o outro com 23 anos. Depois confirmei com as datas de nascimento e vi que era a idade correta de cada um.

Em um momento de absoluto desespero e desamparo e chocada como os ricos tratam com absoluta naturalidade as suas taras de espalhar genes pelo mundo afora, disse-lhe que naquele momento eu me estava dando conta de que a minha história com o filho dele se enquadrava como um caso de assédio e/ou abuso sexual, mais para abuso do que para assédio, pois na época em que o conheci ia fazer 16 anos e ele estava com 30... Eu era uma adolescente terminando o ginásio, e ele já era um padre com muita quilometragem na vida.

— Juro que um dia ainda farei justiça e escreverei sobre os amores nos subterrâneos da Igreja Católica. É o mínimo que posso fazer pela minha dignidade e de um número expressivo, porém incalculável, de mulheres. Tenho o dever de fazer isso. E o farei, ainda que seja a última coisa que faça na vida.

Ele deixou que eu esgotasse a minha ira, pacientemente, como convém a um “bom pastor”. Depois, com voz baixa, mansa e acolhedora (muito sensual, mas como diria a minha avó: “De uma safadeza inconfundível...”), dizia que me entendia. Estava ali compartilhando a sua história de vida porque sabia que podia confiar em mim, pois o filho dele confiava... que eu guardara segredos da vida de Francesco que ele jamais compartilhara sequer com a mulher com quem se casara, em respeito ao pai, já que havia uma pessoa além dos três que conhecia a história, o que já colocava um segredo familiar em risco.

E prosseguiu, afirmando que eu era a única pessoa capaz de não deixar o sangue dele (do cardeal!) sofrendo pela sua pusilanimidade quando jovem e que assumia a culpa por Francesco ter abandonado os próprios filhos.

Agarrei seu braço fortemente e disse-lhe que aquele não era um problema meu! Que a sua Igreja me dava nojo, tamanha era a sua podridão! Que o filho dele era um idiota que me perseguira a vida inteira e nem depois de morrer me dava sossego. E que me causava uma dor profunda que Francesco não tivesse conseguido romper com valores tão degradantes da burguesia quando chegou a sua vez de ser testado. Ele, que dizia que a burguesia não só fedia, como estava passando da hora de ser enterrada.

- Eu poderia muito bem ter sido poupada de saber de tudo isso e ter só lembranças boas de Francesco, mas a sua capacidade de fazer as outras pessoas sofrerem e até destruir as suas vidas é tamanha que resolveu, pessoalmente, olho no olho, contar-me tudo isso. Eu pagaria caro para não saber.
- Eu sei que vale pouco, e talvez seja muito tarde, mas estou aqui em memória do meu filho. Você não pode sair daqui sem as certezas que merece saber. Quando ele voltou, eu o segurei lá por um bom tempo para fazê-lo desistir de você. Hoje, percebo que foi um erro. Isso o levou a uma sucessão de erros que o tornaram amargo e infeliz.

Fez uma pausa e corrigiu-se, quando o olhei com olhos em brasa:

- Não propriamente desistir de você, mas, para demonstrar-lhe que seria possível se manter padre e não desistir de afetos pessoais. Francesco viveu um casamento medíocre, embora estável, com uma mulher que ele não amava tanto quanto a você. Casou-se porque a engravidou. Era uma moça de classe média e ele precisou assumir... Sinto ter contribuído para meu filho não ter sido feliz como aspirava e merecia... uma felicidade arrebatadora, como ele entendia o amor. Conversamos inúmeras vezes sobre isso. Era um romântico incorrigível.

Fiquei atordoada com o que acabara de ouvir... Era a verdade nua e crua. Às pobres Francesco deu dinheiro para que abortassem. E lavou as mãos. Elas se recusaram e, cumprindo os seus destinos de pobres, sem opção diante do tacão da religião, tiveram seus filhos e jamais exigiram qualquer coisa do pai e com certeza, como contritas pecadoras, jamais ousaram dizer quem era o pai de seus filhos. E ele os abandonou ao deus-dará. Com a moça de classe média, que também se recusou a abortar, ele resolveu casar. E ficou casado até morrer. Sinto que, para mim, não resta memória dele a cultuar no campo em que ele mais queria construir, uma nova forma de relações interpessoais que não fossem pautadas por qualquer forma de opressão, o que chamava de “amor não-burguês”.

Com uma pontinha de orgulho, como vingança pelas pobres, eu fiquei, interiormente, exultante por ele não ter conseguido ser feliz, segundo o cardeal. Onde já se

viu fazer a burrice de casar só por que a mulher engravidou? O espantoso é que tal comportamento não se adequa ao homem libertário e contestador que ele aparentava ser. Assumir filhos é um dever moral, mas daí a casar, como forma de “reparação do mal”, só mesmo em uma cabeça de moral católica familiar e sexual tacanha e entupida da idéia de pecado. Francesco não parecia ser assim. Ou se esforçou para não ser assim.

Ou a minha inocência e enlevo com ele não permitiram tal percepção de minha parte? Agora vejo que ele era “avançadinho”, um padre moderno, só da boca para fora, porque na prática partilhava e estava impregnado de uma aguçada moral familiar e sexual católica e com um caráter de classe inconfundível hoje para mim. Naquela hora eu odiei tê-lo amado tanto...

- Que raio de grande amor, se eu não pude tê-lo, cardeal? Eu me cansei de competir com Deus. Eu achava que competia com Deus, mas não. Eu competia com o senhor cardeal!

Eu falava, quase aos sussurros, mas sacudia seus ombros com uma força enorme que só o ódio é capaz de induzir.

A omissão milenar do Vaticano diante da pedofilia clerical

Falava aos borbotões. Não me recordo com precisão de muitas coisas, mas agora parece que o ouço:

- Durante a última estadia de Francesco comigo, ele viveu uma adolescência que jamais usufruía. Praticamente se tornou um hippie tardio, um andarilho pela Europa toda, vivendo como dava. Bebia muito. Bebia desesperadamente. Disse-me que experimentou drogas. Ele contou essas experiências para você, não é verdade?
- Sim, mas também que o irmão foi assediado sexualmente por um padre, quando seminarista, que o obrigava a fazer sexo oral com ele... E quando contou, você se limitou a dar uns tapas no padre e providenciou a transferência dele, não é verdade? Isso porque ele o ameaçou dizendo que aquele menino era seu filho... Por que você aceitou ser chantageado dessa forma? Você era o superior dele e não moveu uma palha contra a pedofilia clerical, mesmo tendo o seu filho como vítima!

Poderia ter agido institucionalmente, cardeal, há quase meio século, e a sua coragem poderia ter evitado sofrimentos físicos e emocionais para um número incalculável de crianças, no mundo inteiro. Mas em nome de sua Igreja e de se manter no poder,

omitiu-se. E só há uma maneira de enfrentamento desse crime, que é os superiores dos padres criminosos não limitarem a punição a transferi-los de paróquias, mas entregá-los à Justiça, pois acobertar padres pedófilos e violadores de mulheres, inclusive religiosas, é um paradoxo para uma religião que adotou o celibato como uma exigência fundamental.

O cardeal se fez de surdo, e, vertendo lágrimas, prosseguiu:

- Quando o dinheiro acabava, Francesco trabalhava em serviços simples como ajudante de pedreiro, pintor de paredes, etc. De tempos em tempos, voltava a ser padre, ajudando, esporadicamente, em alguma paróquia. Por fim, concordei que ele retornasse ao Brasil, pois não desistira de você, mas nunca encontrou uma forma de dizer-lhe também que não desistira da Igreja. Eu insisti para ele retornar ao Brasil. Sentia que sua vida era aqui e não queria mais atrapalhá-la. Era um filho maravilhoso, que me aceitava e entendeu as minhas limitações. Eu o adorava. O resto você sabe.

Não, eu não sabia, só anos depois pude entender, embora não pudesse aceitar. Só ali compreendi porque o tema da pedofilia era uma preocupação recorrente para Francesco. Mas tanto que, desde quando nos conhecemos, passei a interessar-me pelo assunto porque era sincera a sua preocupação em relação à minha idade, apenas 16 anos, e ele não admitia ser confundido com um pedófilo por estar interessado em mim, pois realmente a pedofilia é um manguê que apodrece o Vaticano, que não se compadece sequer do sofrimento que impõe às vítimas.

Como inúmeras sobreviventes de violações sexuais, as vítimas dos padres têm sofrido mais uma forma de violência: a tentativa de desacreditar publicamente suas histórias, sob argumentos espúrios de agressores e seus cúmplices, muitos da alta hierarquia católica, que sempre fizeram de conta que nada ocorria, dizendo que as denúncias são “queixas vagas, inconsistentes e sem valor”, motivadas por vinganças de cunho pessoal e/ou político e fantasias de toda ordem.

A prática de desacreditar as vítimas dos padres é corrente no mundo inteiro. Pensava nisso quando cheguei ao hotel. E, admito, que fui tomada de um desânimo e um sentimento de impotência enormes, mas também da certeza de que eu deveria fazer alguma coisa contra tais crimes, ainda que fosse apenas começar a falar mais sobre o assunto com regularidade.

Ao chegar ao hotel, havia dois recados do cardeal. Pedia-me que, antes que eu fosse para o aeroporto, telefonasse. Ainda arrumando as coisas na mala, telefonei. Perguntou se eu não poderia ficar mais dois dias, que iria descansar dois dias em uma estância nos arredores da cidade... e se eu não poderia acompanhá-lo para conversarmos mais sobre o trabalho que desenvolvíamos no Brasil com o apoio da Fundação

dele; que aquela era, com certeza, a única e última oportunidade de estar comigo, se eu não poderia conceder aquela graça a um velho no fim da vida.

Assustada, perguntei se ele não estava enganado. Eu desconhecia os projetos que a tal Fundação apoiava em meu país. Sem muito pensar, e grogue de sono, acabei aceitando o convite depois de descobrir (e foi uma descoberta e tanto!) que os recursos aportados no Brasil por um casal europeu, profundamente religioso e contra o aborto (foi assim que nos disseram), para ações aparentemente contrárias ao direito ao aborto, era, na verdade um trabalho absolutamente indispensável para salvar também a vida das mulheres vítimas de abortamento inseguro.

Refiro-me à disseminação do estímulo de boas práticas na atenção ao abortamento espontâneo sucessivo, que muitos chamam de habitual, que são os casos de mulheres que não conseguem “segurar” uma gravidez, abortam freqüentemente. Engravidam e abortam... engravidam e abortam. São mulheres que desejam ser mães e não conseguem. Então é necessário que se dê atenção a essa situação, que tantos dissabores causam àquelas que escolheram ser mães.

Lembrei-me de que fora Francesco quem intermediara a vinda desses recursos para o meu país há muitos e muitos anos. No início, feministas relutaram quanto ao apoio a tais ações, mas depois da circulação de um texto, escrito, mas não assinado, por Francesco, passaram a apoiá-las. Chamava-se algo como: “O conhecimento e o estabelecimento de boas práticas de atenção ao abortamento habitual amplia as possibilidades de não se morrer por aborto”.

O cardeal riu e acrescentou:

- Perfeito, exatamente. Agora que Francesco se foi, e ele era a única pessoa lá que conhecia os meandros dessa conexão, você precisa conhecê-la em profundidade, como forma de assegurar a sua existência. É preciso que outra pessoa, dessa rede de apoio que construímos há tantos anos, tenha domínio da extensão desse trabalho.

A minha curiosidade, que naturalmente já é alta, foi a mil... Fiquei tensa. Parecia uma história do arco da velha... “Mas que família maquiavélica”, pensei! Depois de verificar que poderia voltar para casa dali a três dias, acertamos que o cardeal iria em um carro que já o esperava para sair dali a meia hora e que eu iria depois de táxi, pois o lugar era perto, cerca de uma e meia a duas horas da cidade.

Enquanto refazia meus planos de modo mais consciente, percebi que a minha prevenção contra o cardeal se arrefecia e já lembrava com doçura a maneira paciente e carinhosa como ele me tratou...

Um frio excitante percorreu o meu corpo quando aflorou em minha memória que eu me deitara no colo dele e ele passara as mãos em meus cabelos... A lembrança era,

ao mesmo tempo, assustadora e excitante. Mas como isso pôde acontecer, se eu sequer recordava com precisão como, a que horas e por quê?

Só, então, tomei consciência de que fiquei deitada em seu colo, enquanto ele beijava as minhas lágrimas... e, parece, que tocou, ligeiramente, meus mamilos (teria sido, acidental?). Mas será que realmente tudo isso aconteceu com aquele homem tão velho e pai de um grande amor que tive? Fiquei assustada, mas fui tomada de uma ternura imensa... Será? E o quê mais? Senti-me sufocando.

Era o ar rarefeito da Cordilheira dos Andes, a segunda maior cadeia de montanhas da Terra – que vai das pequenas elevações do Mar do Caribe, das costas venezuelanas e colombianas até o Cabo Horn, na Terra do Fogo. São 7 mil e 500 quilômetros, atravessando o Hemisfério Sul, acima da Linha do Equador ao extremo sul da Patagônia.

Fazia um frio gostoso. No táxi, pude apreciar a paisagem exuberante. Tendo a Cordilheira dos Andes ao fundo como testemunha, pude refletir sobre os diferentes significados de estar naquele lugar e decidida a passar dois dias com o pai de um homem a quem eu amei tanto. Apesar disso, éramos um homem e uma mulher que se desejaram à primeira vista. A ambigüidade dos meus sentimentos sufocava-me, mas permitia-me raciocinar que era um absurdo. Não, eu não o desejava. Eu não posso desejá-lo, não com esse sentimento que parece um vulcão andino prestes a entrar em erupção.

Eu não sabia se pensava nele ou se apreciava a Cordilheira – que exercia sobre mim uma serenidade confortadora para admitir que algo de sensual e sexual iria rolar e eu queria o que pudesse rolar.



CAPÍTULO III

Amores nos subterrâneos da Igreja

Quando cheguei à estância, o cardeal esperava-me sentado em uma pedra em frente do chalé, que era um palacete nos Andes. Chamou um homem, que levou a minha mala. Abraçou-me e seguimos vagorosamente para a casa. Senti que ele me acariciava de uma forma sexual... e eu estava ficando excitada, muito excitada...

Eu me quedei à magia da Cordilheira dos Andes, essa espinha dorsal das Américas que adorna o chamado Mundo Andino, composto por Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela.

O ar rarefeito, os rebanhos de lhamas e alpacas ao longe, a graça dos colibris e a altivez dos condores compunham uma paisagem de sonho indescritível. Eu queria reter aquela paisagem na memória. Eis uma das coisas que em si valem uma vida.

Ele não falava nada, só agia, sabiamente. Por que eu permitia? Delicadamente, ele passava as mãos em meus seios. Eu me deixei levar, mas não erguia o olhar para ele... e ele continuou acariciando-me... era como se eu, torporosamente, estivesse entrando em um Parque de Diversões.

Éramos uma mulher e um homem embevecidos com a exuberância da natureza andina. Sim, aquele era um lugar de entrega. E eu sentia como se ele estivesse agradecendo aos deuses incas estarmos ali e que eles nos guiavam.

Quando abriu a porta, fiquei assustada com a profusão de flores. Havia muitas flores pela casa toda. Olhando-me, provocativamente, disse:

— São para você. Flores especiais para uma mulher especial!

Na cama com o cardeal

E antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, beijou-me de uma forma arrebatadora... levantou a minha blusa e passava a língua suave e vagorosamente em meus seios, enquanto sua mão alcançava a minha vulva... Deitou-me no sofá e, enquanto passava a língua em meu corpo todo, gemia e perguntava, com uma voz rouca, safada e sensual, se eu queria, se estava gostando... que ele seria delicado; que nos amaríamos suavemente; que seria delicioso; e eu querereria mais, muito mais; e ele me amaria mais e mais, o tanto que eu quisesse e só se eu quisesse...

Eu sequer pensava. Parecia uma drogada, absolutamente envolvida por uma sensualidade... lenta, delicada e indescritível... E depois, eu não resisto a um homem que faz sexo e geme... É a senha da qual falava Francesco.

No fim da tarde, acordei. Não sabia onde estava. Nem quanto tempo transara. Nem quanto tempo dormira. E ele se ergueu de mansinho, foi até às cortinas e as abriu. Era uma parede toda de vidro. Da cama, dava para ver a imponência de um desfiladeiro, parecia a natureza explodindo à nossa frente. Era de tirar o fôlego. Nós, na cama, e a natureza a nossos pés. Descia um pôr-de-sol majestoso e apreciá-lo era apenas o que nos restava como uma demonstração de nossa insignificância diante dos ditames da natureza.

Manifestei o desejo de comer algo e ele, abrindo o roupão, disse:

— Sirva-se. Estou aqui para isso...

Rimos e rolamos na cama e nos amamos, uma vez mais, sôfrega, serena e pausadamente. Mas sei que a gente pode morrer numa hora dessas e nem vê. Era como se estivéssemos flutuando nos Andes, como o colibri e o condor. E os raios de um pôr-de-sol que findava pareciam pousar sobre nossos corpos na cama. É uma das imagens mais belas que guardo de minha vida. Talvez por tê-la vivenciado calmamente, sorvendo seus prazeres até não mais poder. É uma lembrança maravilhosa, bonita, calma, mas que dói.

Hoje, constato que deve ser um privilégio dos homens experientes e de mais idade, essa forma serena de transar, que nos amolece, rouba-nos a alma e nos leva aos céus, às profundas do inferno e não sei mais onde – mas isso não interessa e não importa, eu só sei que a gente vai. E gosta e goza... Por que os mais novos não sabem se entregar e fazer sexo assim? Ou pelo menos, eu nunca cruzei com um. Acho que lhes falta paciência para o exercício dessa arte, de usar e abusar das carícias, de se chamegar e chamejar nelas e se encantar com elas, até explodir.

Acho que dormimos... e acordei com ele cantando baixinho em meu ouvido uma música belíssima... e, então, eu tive a certeza de que ele era um bruxo do amor... daqueles que nem todas as mulheres receberam a graça de usufruir um dia...

E eu o olhava languidamente e fui tomada de uma ternura imensa por aquele homem que consagrou a vida ao seu Deus, mas que cria, profundamante, que abrir mão dos prazeres da carne era ir contra a santidade da natureza. E, portanto, não se martirizava em, conscientemente, transgredir as normas do Vaticano. Eu pensei: “E eu o tenho, todinho, só para mim, agora, hoje. E o amanhã?... não importa. O amanhã poderá não me encontrar mais aqui”.

Fui despertada desse quase sonho quando ele perguntou, baixinho, num sussurro, se eu ainda queria comer algo “comível”, além dele. E gargalhamos alto, demoradamente, como só as pessoas de bem com a vida conseguem gargalhar. Saiu e voltou

para o quarto com uma bandeja de queijos e frutas... e me deu comida na boca, pacientemente...

Foi um encantamento só. Não me lembro de algum dia na vida alguém me ter dado comida na boca. Sequer de um homem ter preparado, com tanta dedicação, uma comida para mim para depois da transa. Bem, ele não existia e eu fiquei em dúvida se não era mesmo um sonho... E depois, era muito velho. Embora não parecesse. Sempre achei velhos assexuados. Não se trata de preconceitos, mas de uma real invisibilidade. Até aquele dia, eu não imaginava como poderia ser um homem daquela idade na cama. Muito menos comigo.

Colocou a minha cabeça no colo dele e, olho no olho, falou coisas que sou completamente incapaz de reproduzir com fidelidade, mas eram muito no sentido de não termos culpas do encantamento e do desejo que sentimos um pelo outro. E, sobretudo, que o que nos atraiu foi inesperado, apenas cedemos a um encantamento que, para ele, também era inusitado, totalmente imprevisto. Vinha de um longo tempo de abstinência voluntária, pois só se relacionava sexualmente quando era algo extraordinário e que nunca manteve relações sexuais fora de relacionamentos afetivos.

Eu ri longamente. E não resisti:

- Me engane que eu gosto. Você é um profissional do sexo, meu caro. A maneira envolvente como você transa exige muita tarimba. E você a possui. Devo confessar que, apesar de minha vasta experiência com diferentes homens, eu nunca havia recebido um tratamento na cama assim... “no capricho”, com tanta delicadeza, selvageria e arte. Depois dessa, com certeza serei mais exigente com os homens. Sim, é possível exigir mais dos homens na cama, você acaba de provar isso. Depois de você, eu não posso me contentar com menos. Depois de você, sexo para mim terá de ter arte.

Naquela noite vimos televisão. Ele era muito antenado com política e um crítico mordaz do que chamava de “Show midiático de carolices”, o vedetismo imposto ao Vaticano pelo Papa João Paulo II (o cardeal polonês Karol Wojtyła, designado o papa número 264, em 16 de outubro de 1978). Aninhei-me em seu colo e ele cuidava de mim com muita delicadeza.

Eu me sentia embalada, cuidada, preciosa...

Havia algo nele que me hipnotizava. A forma como ele me deu banho, transou comigo na banheira e até me segurou nos braços e cantou canções de ninar bem baixinho, que eu dormi... Acordei na cama, enquanto ele enxugava o meu corpo suavemente... Quando abri os olhos, ele estava beijando as covinhas de minha bunda e disse que

elas eram lindas e sensuais... então me beijou longamente, penteou os meus cabelos e me amou, mais uma vez, até que eu adormeci.

Tocava-me como se eu fosse de porcelana. Era algo tão deliciosamente mágico, suave, lento, sem pressa...que eu me sentia embalada, cuidada, preciosa... Ele cuidou de mim de uma maneira que nunca imaginei ser possível ser cuidada. Era um bruxo andino. E aquilo me impressionou e tomou conta de mim. Abandonei-me àquela magia que parecia que sugava todas as minhas energias e me deixava letárgica. Era doce e prazeroso vivenciar aquilo. Eu me sentia merecedora.

Ou melhor, tive a consciência de que merecia e queria cada vez mais aquilo... era como um sonho bom, do qual eu não queria acordar... enroscava-me e aninhava-me nele, que respondia com tamanha sensualidade, um misto de leveza e de vigor, que eu jamais vira em qualquer homem, num jogo de sedução, numa brincadeira prazerosa que, hoje admito, é desconhecida para a maioria dos homens e das mulheres...

Eu, que achava que sabia tudo de sexo, estava ali descobrindo coisas novas com um homem de 79 anos, que fazia sexo com o vigor de um adolescente, incansavelmente, mas com a tarimba de quem a vida inteira só se dedicara a aprimorar uma maneira lúdica de trepar. Eu queria ficar perto dele o tempo todo. E tive medo de ele sumir de repente. E ele sentiu isso. E até parecia acostumado a despertar essa sensação nas mulheres. E interrompeu o silêncio, no qual só se ouvia a nossa respiração e o roçar dos lençóis em nossos corpos.

- Eu existo sim. E estou aqui só para dar prazer a você. Mulheres especiais merecem prazeres especiais. E você é especial. O Francesco dizia que, se eu a conhecesse, arderia de desejo. E ríamos.
- Você é a torcida da Seleção Brasileira de Futebol do mundo inteiro, pois o “amor não-burguês” dele por mim permitia que ele me compartilhasse com o mundo. Mas tanto que ele adorava transar comigo em lugares públicos.
- Mas ele me disse várias vezes: velho, ela é uma mulher para ser comida. Ela é completa. Encanta pela cabeça e determinação que tem. Possui uma cabeça extraordinária e fascinante. É um corpo que tem cabeça, o que significa uma bagagem cultural e um repertório intelectual raros. Não sei se me entende. Claro que entende, e como gostamos sempre das mesmas coisas, você vai querer tê-la. E eu não vou me zangar se isso só acontecer quando eu estiver morto. Morto não sente nada mesmo, então pode ir fundo, pois eu sei que você, velho malandro, dará muito prazer a ela. Se isso algum dia acontecer, vá sem culpa e não se esqueça de se deter nas covinhas da bunda dela. Em minha homena-

gem. Beije-as. Elas são afrodisíacas e me dão o maior tesão. São excitantes e maravilhosas. Ah, você tem de gemer. Ela adora essa coisa de transar e gemer.

— Ah, então você está me “comendo” para homenagear

Francesco! Não lhe parece tétrico? Eu custo a acreditar que estamos desempenhando esse papel lastimável, de algum modo macabro... Recuso-me a crer que ele era tão aficcionado em você que queria compartilhar-me com você. Isso tem nome, e é uma doença, cardeal.

— Não se trata disso, meu amor. Por favor, depois de tanta intimidade, não me chame mais de cardeal quando estivermos a sós...

— Eu prefiro chamá-lo mesmo de cardeal... me dá o maior tesão. É como se tivessem trocado a sua embalagem... É isso, você é um homem de embalagem trocada.

— Eu não quero que você sinta que é só sexual o que nos atrai. Exerce enorme fascínio sobre mim o que você pensa, como vive, a forma admirável como se insere no mundo, a capacidade de ser uma referência das idéias avançadas, a maneira como se impôs e se faz respeitar como livre-pensadora ... Isso é extraordinário e atraente, considerando, sobretudo, o mundo pobre e de mentalidade rural arcaica de onde você veio. É o conjunto que fascina e dá tesão.

— Eu sei, posso ser definida como um corpo que tem cabeça – respondi rindo...

— Nós nos desejamos e estamos nos proporcionando muito prazer. Não precisamos ter culpa. Depois, cada um volta para a normalidade e a rotina de suas vidas, mas com boas recordações de momento especiais e doces que podem ser repetidos quando você quiser. Na minha idade, e no curto tempo que me resta, posso dispor do meu tempo praticamente como quiser. O que lhe parece?

— Eu não desejo que essa loucura prossiga. Não tenho energias e nem tempo para tanto. Em primeiro lugar, embora arda de desejo, não há como viabilizar isso. Em segundo, foi acidental – para abusar de uma imagem sua para coisas inesperadas na vida. Em terceiro, é irreal. Ninguém jamais acreditará que um homem na sua idade ainda é esse garanhão todo que você é. Sabe essas sacanagens todas, coisas que a maioria dos mortais comuns sequer imagina existir. Duma criatividade para o sexo que, tenho certeza, nem quem tem como profissão trepar é capaz.

— Você fala “trepar” de uma forma tão sensual... Como você diz isso sobre homens que fazem sexo por dinheiro?

- Porque já usei, e com certeza ainda usarei, os serviços de alguns.
- Por que você paga para ter relações sexuais? A rigor, não necessitaria. Não com esse corpão todo e com essa cabeça.
- Não tenho o menor preconceito de transar com homens a quem pago para que me dêem prazer, da forma que eu quero ter prazer. Em geral é mais prático, além de mais barato e dá menos trabalho do que levar um homem para casa e passar o resto da vida pagando suas contas. Quando quero trepar, às vezes, resolvo isso rapidamente, pagando. É só pegar um catálogo e escolher pelas habilidades de cada um e telefonar. Diferentemente de você, ou do que você diz ser, sou desencanada com isso. Sexo, inclusive o bom e prazeroso, não precisa, necessariamente, estar junto com relações amorosas estáveis e nem mesmo das afetivas fugazes. Nós sabemos, nós somos a prova disso.

Ele me mirava com ar de incredulidade.

- Prossiga...
- Parece uma maneira masculina de resolver e encarar a necessidade de sexo, mas não é. Garanto que não é. É muito mais uma decisão de não se colocar disponível para vulnerabilidades afetivas. Não pago a homem para fazer sexo por falta de opção afetivo-amorosa, ainda não, mas por pura preguiça de envolvimento como desculpas para trepar. Eu gosto de transar, do tanto quanto gosto de estar em um Parque de Diversões. A transa é o lúdico da vida. E daí? Algum problema? Não vejo nenhum. Se visse, não estaria aqui com você. Eu topei curtir esse Parque de Diversões que intui que você fosse. Só por isso estou aqui.
- Mas você realmente é surpreendente, doutora. Tome cuidado com esse modo tão realista e materialista de ser, porque da forma que você se entrega aos prazeres da carne...
- Ora, não venha me dizer que há algo errado nisso.

Eu simplesmente não acho.

- Você é uma nova mulher e uma mulher de um novo tempo. Essas coisas, do âmbito de uma nova cultura, ainda estão se estabelecendo. Ainda é um comportamento de mulheres de sua classe social, independentes, que têm o seu próprio dinheiro. Não há muito como fazer juízo de valor sobre isso. Há uma dialética própria nessas coisas. Não creio serem práticas condenáveis, todavia são ainda práticas de exceção, em processo de estabelecimento em uma deter-

minada classe, uma classe que cria e sedimenta novas culturas. Quero dizer que o mundo ainda não entende nem essa nova mulher e nem a nova cultura que ela demanda.

Como eles lidaram com o aborto

Eu estava deitada no colo dele e ele passava a mão vagorosamente em meus cabelos, quando perguntou porque eu tivera tantos filhos, pois não era usual mulheres de minha escolaridade terem tantos filhos.

A priori, não havia respostas racionais. Criada em uma família numerosa e expandida (avós e outros parentes vivendo sob o mesmo teto), estava habituada a ter muita gente em casa. Gostava do som de casa de muita gente. Portava uma concepção de família numerosa e o meu marido também. E então fomos tendo. Mas todas as gravidezes foram planejadas e desejadas. Acrescentei que todos os meus filhos eram do primeiro casamento.

Ele riu e perguntou se eu abortara alguma vez.

- Não, nenhuma. Também nunca precisei. E depois, uma mulher só opta por abortar diante de necessidades especiais, como, por exemplo, quando não tem como criar o filho; como não suportar o peso da vergonha de uma gravidez sozinha diante de familiares e do seu meio social; ou quando uma gravidez é indesejada por muitos outros motivos. Tem sido assim em todas as sociedades. Na atualidade, há outras questões postas, como, por exemplo, inviabilidade fetal comprovada, e o ônus de deixar vir ao mundo uma criança com doenças graves e incapacitantes para a vida autônoma para as quais a sociedade e o Estado lavam as mãos.
- Mas como é para um homem exigir que uma mulher aborte? – indaguei.
- O aborto para mim é um tema de autodeterminação das mulheres. Quando tive de lidar com o aborto do ponto de vista pessoal, era numa época em que provocar um aborto era quase sinônimo de morte, sequer havia antibióticos. O Francesco é de 1940. Não havia ainda a penicilina. As mulheres dependiam da habilidade da parteira, muito mais do que de conhecimentos médicos. Também, de modo diferente de hoje, não havia como apelar para as responsabilidades masculinas na prevenção de uma gravidez indesejada, fora da abstinência pura e simples. Hoje, há um campo enorme para se trabalhar com homens na prevenção da gravidez indesejada. Antes, não era assim. Eu estava prestes a me tornar padre quando ela engravidou. Eu a amei muito. Mas há coisas que podem mais que o

amor. Eu a amava, mas não tinha dúvidas de minha vocação sacerdotal. Ela em minha vida e o meu amor por ela são comparáveis a um acidente, já que meu plano era outro. Naquela época eu entendia que acidentes são acidentes, nada mais que acidentes, portanto devem ser tratados como tal.

- Mas você se enredou numa teia de problemas, não é verdade? Como lidava com o fato de ela estar casada com outro, de outro ser o pai legal dos seus filhos?
- Na realidade não havia outro. O marido dela foi pago para encenar um casamento, numa situação singular. Isso não era incomum em meio à nobreza/elite européia, da qual sou originário. Ele sabia e aceitou todas as condições, inclusive a de que necessitaria se mudar de cidade sempre que eu precisasse também mudar. Só muitos anos depois que nasceu o nosso segundo filho, ela o escolheu, pois descobriu que o amava pela sua solidariedade, respeito e cuidado com as crianças. Eu sofri muito. Mas era um risco que eu corria. Como bom jogador, aceitei o resultado do jogo, não sem sofrimentos e dificuldades. Mas eu tive de aceitar quando ela confessou que se relacionava sexualmente com ele e que queria isso para a sua vida. As crianças já eram seminaristas quando isso aconteceu.
- Interessante como para o homem é mais simples
- lidar com o aborto, embora seja também em condições de opressão, pois por mais que ele queira e precise que a mulher aborte, fica sempre a sensação de impotência, já que, para a vontade dele se concretizar, depende da decisão dela.
- É verdade. Lembro-me do Francesco. Das três vezes que as mulheres engravidaram dele, já era uma época em que ele pessoalmente poderia ter evitado com segurança. Não era inexperiente, mas era um passional e se entregava cegamente aos desejos. As duas primeiras foram ocasionais, absolutamente acidentes de percurso, aventuras apenas. Mas com a última ele namorava mesmo e teve a sensação de que ela engravidou para obrigá-lo a se casar. Bem, foi o que me contou quando avisou que estava decidido a casar.
- Ah, sim, foi um caso clássico de “golpe da barriga”! Antiquíssimo golpe, mas os homens caem ainda nele. Mas que pode não ter sido. Ele pode se ter apegado ao argumento da gravidez porque desejava se casar mesmo. Talvez naquela época já tivesse desistido da concepção do “amor não-burguês”, pela absoluta impossibilidade de construí-lo.

- Não. Ele se casou com outra pessoa porque você se casou antes. Casar-se para ele, naquele momento, era uma forma de se entreter para que você tivesse a oportunidade de ser feliz sem importunações. Ele sabia que, se não estivesse casado, não resistiria e não iria deixá-la em paz. Eu o ouvi dizer isso muitas vezes. Inclusive a mulher dele sabia que ela o tinha porque você permitia. Você conhecia o Francesco, ele era sincero demais para enganar a mulher. Ele jamais escondeu de qualquer pessoa que estava sempre disponível para você. Não à toa, seu nome era uma tatuagem no pênis dele, você sabe disso muito bem.
- Com ele a gente nunca pode dizer mesmo porque aconteceu. Mas seria interessante fazer um paralelo entre o seu caso e o dele. Você se importa? Com quase meio século de diferença, em contextos absolutamente diversos, dois homens tomam a mesma atitude diante de uma gravidez indesejada. Não dois homens quaisquer, mas dois homens de uma Igreja que exige celibato e castidade para seus sacerdotes. Não são casos isolados, temos de considerar, o que significa que vocês sabem o que devem fazer em defesa de suas honras. Até cometer pecado vale.
- Não há o pecado do aborto. Aí é que está a diferença. Nem sempre foi como hoje, na história da Igreja, a opinião sobre o aborto. Há muita literatura sobre isso, como é do seu conhecimento. Essa opção da Igreja de lutar contra o aborto é inútil, na medida em que ela luta mesmo é para que as mulheres não tenham acesso ao aborto seguro. O problema para a Igreja não são os abortos, mas os leitos obstétricos para o aborto, pois a simples existência deles, em qualquer lugar, desmoraliza a sua posição contrária.
- Raciocínio interessante, que precisa ser melhor explorado.
- Portanto, essa batalha contra o aborto ela já perdeu, mas só se dará conta disso quando perder a dos leitos obstétricos para o aborto também. Eis o centro da luta que vocês desenvolvem, mas isso precisa ficar mais explícito. É preciso cada vez mais, e é tão importante quanto a luta pelas leis sobre direito ao aborto, preparar caminhos para a definição de leitos obstétricos para o aborto, ainda que indiretamente. Você me entende? O aborto, nos tempos atuais, assim como a gravidez, e especialmente uma gravidez indesejada, não pode mais ter esse poder de antigamente de mudar projetos e cursos de vida contra a vontade das pessoas. O poder até de destruir a vida de mulheres e de homens. Aceitar que assim seja é se portar contra o projeto civilizatório dos tempos atuais.

- Cardeal, essa é uma reflexão instigante... o aborto, a gravidez indesejada, o direito ao aborto como parte indispensável do projeto civilizatório contemporâneo: o acesso pleno à justiça social e à democracia. O abortamento hoje é um procedimento seguro em mãos habilitadas, que nos países onde é criminalizado só é acessível a quem pode pagar por ele, logo uma sociedade que nega às suas cidadãs o acesso ao aborto seguro é cruel.
- Sim, e eu, que tenho uma vida marcada por gravidezes indesejadas, que tive o desenho de meus projetos pessoais irremediavelmente alterados por causa delas, emprego parte importante de minha vida e do meu dinheiro pessoal, nunca o da Igreja, para mudar essa cultura. É o mínimo que tenho o dever de fazer como cidadão que tem a justiça social como um valor. Mas o que me encanta em você é a inteligência e capacidade de fazer análises e analogias raras. Eis o que é um corpo que tem cabeça.
- Ah, sim. Temos trabalhado nesse sentido e ampliado muito essa vertente, sobretudo depois que passamos a contar com os recursos para desenvolver a proposta de cuidados com as mulheres que “perderam” uma gravidez por aborto espontâneo. De fato, é uma contribuição importante. A estratégia que nos foi oferecida também, porque ela parece tão simplória que é capaz de camuflar o que pretende. Centrada no apoio ao direito à maternidade e com o objetivo geral de aportar cuidados para prevenir o abortamento espontâneo sucessivo, ela, na prática, expande o conhecimento de médic@s e enfermeir@s na prevenção do abortamento e no cuidado pós-abortamento espontâneo, que são os mesmos procedimentos para o aborto intencional, que salva vidas que podem ser perdidas no abortamento inseguro.
- Como se chama o projeto no Brasil?
- Não há um nome específico. Apenas há recursos específicos. Achamos que assim é uma estratégia mais segura e não desperta curiosidade e nem perseguições. Mas as boas práticas para prevenção do abortamento espontâneo estão sendo estabelecidas de maneira natural, apesar de muito lentas para a magnitude do problema, o enfrentamento do aborto inseguro, mas no bojo do ensino das boas práticas em obstetrícia em muitas escolas e maternidades. Mas os médicos contrários ao aborto são os que mais são atraídos por ele, paradoxalmente.
- Tenho lido, de vez em quando, os relatórios que vocês enviam. Têm trabalhado de forma magnífica. Muitas das saídas que vocês encontraram, as diferentes formas de trabalhar, têm servido de modelo para outros países, sobretudo no

campo da mudança cultural que conseguiram estabelecer, que é exigir e lutar pela instalação dos serviços dos casos de aborto que não são considerados crimes. Foi genial esse caminho. Penso que é preciso divulgar mais essa saída, pois ela amplia, de um modo importante e consciente, a atitude não condenatória da sociedade sobre o procedimento do aborto seguro.

- É, mas, além de manter e ampliar esses caminhos, precisamos dar uma organizada em como retomar o protagonismo no campo do Legislativo. A lei que criminaliza e penaliza o aborto em meu país precisa ser revisada, com vistas a ser compatibilizada com o que você chama de projeto civilizatório atual: proteger a saúde e a vida da mulher, como um direito³. O país precisa avançar para responder aos compromissos assumidos em Cairo (1994) e em Beijing (1995).⁴
- Não há dúvida. A Fundação se tem concentrado, nos últimos vinte anos, a drenar recursos para a luta pró-aborto, principalmente. Não diretamente, mas fazemos chegar recursos a diferentes grupos pelo mundo afora, em particular na sensibilização da atenção digna aos casos de aborto provocado, tendo como ponto de partida que é preciso fazer tudo para salvar a vida das mulheres.
- Nesse sentido, a contribuição do Declaração de Amsterdã sobre Aborto, de 1996, elaborada durante o Congresso Internacional “Abortion Matters”, que reuniu profissionais de saúde de 50 países, também é de um valor primoroso e indiscutível, mas precisa ser mais divulgada de modo mais popularizado e “cair na boca do povo”. Precisamos disseminar e ganhar a opinião pública para a compreensão real que as mulheres só abortam porque precisam e só morrem por aborto porque os governos permitem.
- No Brasil, por exemplo, não há dúvidas sobre o caráter de classe do aborto.

3 Eis a Lei de 1940, ainda em vigor: “Aborto provocado pela gestante ou com seu consentimento: Art. 124. Provocar aborto em si mesma ou consentir que outrem lhe provoque. Pena: detenção de 1 a 3 anos; Aborto provocado por terceiros: Art. 125. Provocar aborto sem o consentimento da gestante. Pena: reclusão de 3 a 10 anos; Art. 126. Provocar o aborto com o consentimento da gestante. Pena: reclusão de 1 a 4 anos; Único. Aplica-se a pena do artigo anterior se a gestante não é maior de quatorze anos, ou é alienada ou débil mental, ou se o consentimento é obtido mediante fraude, grave ameaça ou violência. Forma qualificada: Art. 127. As penas cominadas nos dois artigos anteriores são aumentadas de um terço, se, em consequência do aborto, ou dos meios empregados para provocá-lo, a gestante sofre lesão corporal de natureza grave; e são duplicadas se, por qualquer destas causas, lhe sobrevém a morte”.

4 O governo brasileiro é signatário de documentos de Conferências das Nações Unidas que consideram o aborto um grave problema de saúde pública (Cairo, 1994) e recomendam que os países revisem as leis que penalizam a prática do aborto inseguro (Beijing, 1995).

- Exato, cardeal. Há uma indústria do aborto, mantida às custas da ilegalidade. Pensamos que lá, como em qualquer lugar onde o aborto é considerado crime, quanto mais pobre a mulher, mais vulnerável ela é ao abortamento inseguro. De modo que, provavelmente, as maiores vítimas devem ser as mais despossuídas, no caso as pobres, mas entre as pobres, as jovens e as negras. Todavia, precisamos de mais estudos sobre quem morre mais por aborto em meu país. Mas não há dúvidas de que o privilégio de classe do aborto praticado por médicos habilitados, na clandestinidade, gera a mercantilização abusiva do procedimento.
- Há um estudo que nós apoiamos que evidencia o impacto positivo de desestigmatizar o aborto entre médicos quando eles aprendem a deter a morte de mulheres no pós-aborto, quando cuidam delas adequadamente. Tanto faz eles serem contra ou pró-aborto. Você sabe disso. Daí eu entender que você está certa quando diz que a disseminação do cuidado adequado ao abortamento, espontâneo ou provocado, é a única maneira capaz de deter as mortes por aborto e de aumentar a solidariedade dos médicos para com as mulheres, inclusive dos que são contra, pois são contra porque estão impregnados da noção de pecado e vão ser solidários com as mulheres também pela noção de pecado.
- Mas por que você acha que o potencial é tamanho assim? Refiro-me ao potencial de mudança de práticas profissionais que a noção de pecado pode carrear a nosso favor, ainda que haja médicos contra o aborto?
- Porque eles jamais vão deixar de cuidar adequadamente de quem abortou só porque abortou, pois esse profissional contrário ao aborto e impregnado da noção de pecado se desdobrará para salvar a vida da mulher que atende em processo de abortamento, porque entende que estará pecando se não empregar os conhecimentos que detém para salvar aquela mulher, que é pecadora e só é pecadora por ter abortado. Mas por que você está tão calada e permitindo que eu fique aqui falando... falando?
- Eu gosto de ouvir você. Nunca imaginei que fosse gostar tanto... Francesco dizia que você era um bom papo e que não era um padre descerebrado. É instigante essa teorização sobre a noção do pecado, que em si é o medo do “fogo das profundezas do inferno”, a metáfora cristã que possui o poder de contenção mais forte sobre os ditos maus comportamentos. Onde é possível concluir que, com certeza, na moralidade cristã, não só católica, está estabelecido que quem deixa mulher “morrer de aborto” está, também, condenado ao fogo das profundas do inferno e jamais gozará do reino dos céus! E não poderia ser diferente. É isso!

Um padre, o neto do cardeal

De volta ao Brasil, levei muito tempo para absorver tantas coisas inesperadas. O irmão de Francesco morreu alguns meses depois. O cardeal telefonou-me e parecia não ter mais vontade de viver. Pedi que não falasse muito. Disse-me que estava fora de casa e podia falar comigo abertamente e sem risco de ser identificado.

Disse-lhe que o detetive encontrara seus netos. Recebera o relatório no dia anterior e que eu iria encontrar-me com um em minhas próximas férias, que montara, meticulosamente, um plano para aproximar-me dele de forma natural.

— Mas as suas próximas férias são minhas – ele falou.

Eu me fiz de desentendida. Então, disse que poderia morrer em paz, agora que encontrara os netos. Por achar que ele não merecia morrer em paz, contei que havia novidades. Tenho pelo cardeal um misto de ternura e ódio, um desejo enorme de puni-lo e vê-lo morrer em minha frente... e depois tampar o seu nariz, com força, para ter certeza de que morreu mesmo... e dar uma festa depois do seu enterro... não sem antes ter colocado uma placa enorme em seu túmulo: “Aqui jaz um velho cardeal, mulherengo e manipulador...” Tudo isso, apesar do prazer sexual indescritível que me proporcionou, como nenhum outro homem jamais conseguiu fazer...

Um dos netos era seminarista. Seria padre em breve. E ele disse que contava comigo para impedir que o neto se tornasse um carismático e se envolvesse com a Opus Dei ou qualquer espécie de “marianismo” (um atraso de vida para as mulheres), ainda que eu tivesse de seduzi-lo... Rimos. Mas o outro fora assassinado. Não deixou prole. De medo de matar o cardeal de morte súbita (ele não merece essa felicidade), não contei toda a história. O neto fora preso por estupro e assassinado na cadeia.

O cardeal ficou impressionado que o neto fosse seminarista e me perguntou se eu sabia qual teria sido a motivação. Disse-lhe que não sabia. Mas era fácil deduzir: a mãe deve ter feito até o impossível para se vingar da Igreja, e foi vitoriosa, ofertou-lhe um filho padre. É a sabedoria e a determinação das mulheres simples do povo.

Não sei bem o que ele respondeu, mas perguntou-me se eu estava na cama. E pediu que eu ficasse nua. E a imagem de explosão da natureza aos nossos pés na Cordilheira dos Andes apareceu tão forte em minha mente que fiquei excitada. Não resisti e falei para o cardeal que sentia saudades dele nos Andes...

E ele conduziu, pelo telefone, de maneira suave, com a voz quase gutural, um dos orgasmos mais gratificantes que já pude ter... E, ouvindo os meus gemidos de prazer e o meu choro, disse-me que deveríamos voltar à Cordilheira. Ao que respondi que jamais voltaria lá.

Quando, então, ele balbuciou que escreveria no testamento dele que desejava ser cremado e que suas cinzas deveriam ser entregues a mim e ao seu neto padre para espalhá-las, da janela do quarto do chalé, aos ventos da Cordilheira. Seria um ato de protesto, uma maneira de dizer ao mundo que os padres também amam. E começamos a rir. E ele cantou, com uma voz maviosa, a belíssima música de Violeta Parra: *Gracias a la vida*.

*Gracias a la vida, que me ha dado tanto.
Me dio dos luceros, que cuando los abro,
Perfecto distingo lo negro del blanco,
Y en el alto cielo su fondo estrellado,
Y en las multitudes el hombre que yo amo.*

*Gracias a la vida, que me ha dado tanto.
Me ha dado el oído que, en todo su ancho,
Graba noche y día grillos y canarios
Martillos, turbinas, ladridos, chubascos,
Y la voz tan tierna de mi bien amado.*

*Gracias a la vida, que me ha dado tanto,
Me ha dado el sonido y el abecedario.
Con él las palabras que pienso y declaro,
Madre, amigo, hermano, y los alumbrando
La ruta del alma del que estoy amando.*

*Gracias a la vida, que me ha dado tanto.
Me ha dado la marcha de mis pies cansados.
Con ellos anduve ciudades y charcos,
Playas y desiertos, montañas y llanos,
Y la casa tuya, tu calle y tu patio.*

*Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio el corazón, que agita su marco.
Cuando miro el fruto del cerebro humano,
Cuando miro al bueno tan lejos del malo.
Cuando miro el fondo de tus ojos claros.*

*Gracias a la vida que me ha dado tanto.
Me ha dado la risa, y me ha dado el llanto.
Así yo distingo dicha de quebranto,
Los dos materiales que forman mi canto,
Y el canto de ustedes que es el mismo canto.*

*Y el canto de todos que es mi propio canto.
Gracias a la vida que me ha dado tanto.*

Fui à ordenação de Francisco e tive a sensação de opressão durante o ritual de ordenação. Eu o cumprimentei rapidamente dizendo que fora amiga da mãe dele na juventude. Depois de algumas semanas, enviei-lhe uma carta apresentando-me. Fiquei amiga dele e passei a contribuir muito para as obras de sua paróquia, num lugar perdido deste Brasil. Eu não, a grana do avô, que acessava quando ele precisava de algo. Encontrei uma forma de ele sempre ter o dinheiro de que necessitava para apoiar as lutas dos trabalhadores rurais e a organização de cooperativas de trabalho para mulheres. O cardeal acompanhava, meticulosamente, os passos do neto. Não poderia ser diferente para um homem habituado a decidir a vida de outras pessoas. Ainda que estivesse no fim da vida... E isso é um poder incomensurável.



CAPÍTULO IV

Amando Francisco, o filho do padre e neto do cardeal

Francisco não entendia por que como eu, uma atéia, contribuía para obras católicas. Sempre brinquei, dizendo que ajudar dependia sempre do padre. Apoiava o trabalho do padre, não da Igreja. E nem teria dinheiro para tanto, apenas atuava como intermediária. Conhecia doadores, muitos deles católicos, e apenas dizia-lhes onde investir suas doações para causas sociais com segurança. E ele me lançava olhares estranhos e inquisidores. E dizia que eu era um enigma e exercia sobre ele uma atração pesada, atéia. Era descarado e escancarado. Parecia gostar de brincar com fogo.

A mãe jamais lhe havia dito que engravidara do padre do qual era cozinheira. Aliás, levava para o túmulo o seu segredo. Ele sempre dizia que não sabia quem era o seu pai.

Um dia nos embebedamos juntos e ele me perguntou se era filho de Francesco, por ser o único branco dos três irmãos e por que se chamava Francisco, embora a mãe dissesse que era porque nascera no Dia de São Francisco. Era para dar sorte.

Afirmei que não. Então, ele disse que, no povoado onde a mãe nascera, algumas pessoas diziam que a mãe era cozinheira “daquele padre danado de bonito dos olhos verdes”, quando engravidou. Mas que a mãe contava que não era verdade, que ele nasceu antes do tempo, de sete meses.

Então, quando engravidou nem trabalhava mais na casa do padre... Ela jurava. E mostrava a Carteira de Trabalho com a data em que saiu da casa do padre. E que quando saiu de lá era uma moça virgem. Foi depois que se “perdeu”.

Disse-lhe que deveria acreditar no que a mãe dissera, em memória dela.

Essa conversa aconteceu por ocasião de um evento sobre bioética – etimologicamente, a ética da vida, um campo dos direitos humanos, hoje um movimento social e uma disciplina estabelecidos que buscam o bom e o melhor para os seres humanos e a humanidade na atenção e na pesquisa em saúde.

Foi uma surpresa encontrá-lo lá. Não sabia que ele se interessava por bioética. Disse-me que lera muito do que já escrevi sobre o assunto e ficou fascinado. Perguntei se por mim ou pelo que escrevo. Sorrindo, olhando-me de cima a baixo, como se estivesse me desnudando, e, com voz rouca, quase inaudível, respondeu:

- Acho que as duas coisas. Você mexe comigo pelo que fala, pelo que escreve, pelo que faz, pela sua solidariedade com seus estranhos morais, como eu, pela forma como ri e até pelo modo como você anda.

Tremi. Parei de brincar e comecei outro assunto. Havia uma electricidade sensual no ar. Fiquei com medo e sem graça. Conversamos muito por telefone e por *e-mail*. Mas até então só nos encontramos pessoalmente duas vezes. A primeira, por ocasião de sua ordenação; e a segunda, quando fui conhecer a paróquia dele. Fiquei lá apenas uma tarde e pude comprovar o seu envolvimento sincero com o povo e as liturgias de uma paróquia. Parecia gostar realmente de ser padre. E eu não pude deixar de fazer um paralelo entre ele e o pai, que odiava “coisas inerentemente de paróquia”.

A memória da mãe e a busca do pai

À noite, no encerramento dos trabalhos, descobrimos que estávamos no mesmo hotel. Havia um jantar de confraternização. Passei por lá rapidamente. Quase não comi. Estava sem fome. Saía à francesa, quando ele perguntou se eu iria para o hotel e se aceitava a sua companhia. O que fazer? Era uma perdição, de tão belo. E como me seduzia! E tinha consciência disso.

Como o hotel não era longe e a cidade era pacata, decidimos caminhar um pouco. Conversa vai, conversa vem, paramos num barzinho para uma cerveja. Tomamos duas. Seguimos. Falou que o seu interesse por bioética se ligava mais nas potencialidades, ainda pouco exploradas teórica e politicamente, a respeito de saúde pública, sobretudo mortalidade infantil e mortalidade materna. Era necessário apelar para a abordagem ética, que estava na moda, para dar conta da magnitude de problemas antigos da saúde pública no Brasil.

“Interessante o moço”, pensei. Entrei na conversa dizendo que esperava, sinceramente, que ele abrisse mão do que pensa o Vaticano sobre bioética se realmente estivesse interessado em contribuir para uma bioética brasileira, ou seja, condizente com a situação em que vive o nosso povo.

Ele riu e disse que lamentava que a Igreja tratasse da bioética como uma maneira de retomar o seu poder dos tempos em que os sacerdotes eram os donos do poder sobre os corpos e as almas. Não apenas achava que essa história de bioética religiosa era uma falácia, quanto mais uma bioética católica, como estava convencido de que, no máximo, a moralidade católica oficial poderia aportar seus dogmatismos, em especial sobre a vida, em uma mesa comum com outras moralidades e deveria se curvar ao que dali resultasse como consenso. Entendia que não é possível denominar como bioética quando o que se quer explicitar é a moralidade de apenas um setor da socie-

dade. Moral é uma coisa e ética é outra, como deve saber qualquer pessoa conhecedora dos rudimentos mínimos da Filosofia. Portanto, estava “peruando” na bioética com aqueles propósitos apenas.

E tivemos uma conversa boa e instigante sobre a separação, recente, entre medicina científica e religião e de como os resquícios são ainda visíveis na corporação médica, já que a medicina se organizou à moda do clero.

Não sei como, no bar, apareceu o Francesco na história... Ah, ele queria saber se ele se interessava por bioética. Disse-lhe que não sabia realmente, mas acreditava que não, pois a bioética só apareceu em minha vida nos anos 1990, época em que meus contatos com Francesco, praticamente, não existiam. E contei como o meu marido daquela época odiava a bioética e dizia ser mais uma invenção da burguesia... Tudo por conta que eu adentrara em um assunto que ele desconhecia e, então, havia algo nos separando.

Rimos, e como rimos. Ainda relembrei de uma amiga que dizia ser a bioética uma enrolação, pois posturas contra a ética eram apenas casos genuinamente de polícia, logo deveríamos chamar a polícia mesmo.

Mas pontuei que o tema mais polêmico da bioética, o aborto, era um assunto pelo qual Francesco se interessava muito. Ele apoiava a luta pelo direito ao aborto.

Convidou-me para continuarmos a conversa no bar do hotel, mas já estava fechado. Convidou-me para bebermos as do frigobar do seu quarto. Subimos e descobrimos que, coincidentemente, nossos quartos eram um ao lado do outro. E eu, que não acredito em destino, só pude pensar que aquilo poderia ser o que chamam de destino...

Acabei contando que tivera um caso durante anos com Francesco (ele me olhou como se eu fosse uma ET/Extraterrestre...) e que a nossa amizade, a minha e a dele, sim tinha algo a ver com Francesco, por intermédio de sua mãe, pois eu o namorava quando ela trabalhava na casa dele e depois eu a vi grávida. Até comprei umas roupinhas de bebê... Só então, nós nos demos conta de que comprara roupinhas de bebê para ele.

Foi uma bela revelação e ele me abraçou, apertada e demoradamente, e chorou. Disse que possuía algumas roupinhas dele, bebê, que a mãe guardara:

— Será que você lembra o que comprou para mim?

Quase o deitei em meu colo, mas resisti ao que poderia ser o tal do destino. Acabou a cerveja do frigobar do quarto dele. Sem falar nada, fomos beber as do meu quarto.

Ele insistia em saber o que eu comprara para ele. Esforcei-me, mas nada. Sabia que comprara, numa loja chamada Mara, várias coisas para bebê. Mas sinceramente, não me ocorria agora o que havia sido. Eram coisinhas simples, baratas, mas bonitas, para uma criança que ia nascer e que não tinha nada. Naquela época, eu era uma estudante pobre. Devo ter feito um enorme sacrifício para comprar aquela sacolinha

cheia de coisinhas... sapatinhos, “meinhas”, babador, etc... Ah, sim, e cueiros, que ninguém usa mais...

Lembro-me bem que um dia, indo a pé para o Hospital Geral, que era o Hospital Universitário, toquei a campainha da casa em que mãe dele trabalhava. Ela atendeu e entregou-me a sacola. Agradeceu chorando. Eram as primeiras coisas do neném.

Perguntou-me se eu e o pai não queríamos ser os padrinhos do seu filho. Declinei do convite alegando que já era madrinha de muitas crianças, mais de vinte, e que ser madrinha era uma responsabilidade enorme. Nunca mais a vi.

Ele desatou a chorar. Foi emocionante falar aquilo tudo e ter, naquele dia, em minha frente um homem enorme, bonito, encantador e chorão. E dei-me conta que há um ditado que diz: “Quem sai aos seus não degenera”. Seja o que for que isso queria dizer, o fato é que ele, o pai e o avô, eram uns chorões, ou seja, são homens sensíveis, delicados e deliciosos. E homens assim são um chamariz. E seduzem.

Estávamos sentados no sofá do meu quarto. Num lampejo, vi que ele estava deitado em meu colo, eu acariciava seus cabelos e pedia para ele não chorar daquele jeito. Ele olhava-me, de vez em quando, assim tão desamparado, que entendi ser o prenúncio de uma tragédia afetiva da qual não podíamos mais recuar. Mas eu resistia em não ultrapassar aquelas soleiras da sensualidade que se apresentavam em minha frente e tentava pensar em outra coisa. Tentei, desesperadamente, deixar o destino passar.

Em minha mente, repassei uma conversa que tive com a mãe dele. Encontrei-a na rua e, vendo-a um pouco gorda, perguntei se estava grávida. Respondeu afirmativamente com a cabeça e desviando o seu olhar do meu, como se estivesse envergonhada.

— E o pai, o que acha?

— O safado do pai me deu dinheiro para perder (abortar), mas eu não quero carregar esse pecado. Vou ter.

Disse-lhe que realmente, só ela poderia decidir, mas se precisasse de ajuda, depois de tomada qualquer das decisões, poderia procurar-me. Se ela fosse abortar, que tivesse o cuidado de não ir a qualquer lugar, que era perigoso fazer malfeito e ela morrer. Como ela estava com dinheiro (dado pelo pai), a gente poderia ir a um médico, pois havia médico que realizava aborto de modo seguro, embora cobrasse os “olhos da cara”. Eu conhecia. Acrescentei, mesmo sem dinheiro, se você quiser “perder”, a gente pode ver como ajudar.

Sem erguer o olhar para mim, murmurou:

— Até pensei em te procurar, já que tu tá estudando pra doutora, mas agora vou ter. Outro dia encontrei o pai e ele até disse para te procurar se precisasse de ajuda. Se precisar no parto, te aviso.

Perguntei onde ela estava trabalhando, pois queria comprar umas coisas para o neném. Ela riu, copiei o endereço e nos despedimos. Era uma menina bonita, de uma formosura ímpar, de uns 18 anos no máximo, mal sabia ler e escrever. Sim, a mãe dele era bem mais jovem que eu, pelo menos uns cinco anos.

Mas não contei para Francisco que o pai dele queria que ela o abortasse. Depois descobri que ele sabia. A mãe dele se referia ao seu pai somente como: “Aquele safado que queria que eu abortasse”.

No outro dia, à mesa do café, disse-me que agora sabia que eu não mentira para ele. Ele acreditava, desde que nos conhecemos, que eu soubesse quem seria o seu pai.

Você pode me ensinar, não é verdade?

Tomamos café em silêncio. Sem nada verbalizar, saímos juntos, entramos no elevador e chegamos ao meu quarto. Abri a porta e agradei a ele pela companhia no café, no que ele, com uma cara de moleque, abraçou-me, falando:

— Obrigada coisa nenhuma, agora vai ter de pagar.

E começamos a rir, enquanto ele fechava a porta e, delicadamente, passava uma das mãos em meu corpo... e gemia baixinho, baixinho... Um tremor percorria o seu corpo, quando disse:

— Você pode me ensinar, não é verdade? É a minha primeira vez...

Era demais para mim... Lembro-me apenas de ter murmurado, de modo quase inaudível:

— Apenas siga seus instintos, faça o que sentir vontade...

Não vi mais nada, mas devo lhe ter ensinado coisas inconfessáveis... Porém recordo-me como ele desnudou-me de uma maneira e por um tempo que parecia uma eternidade, como se estivesse conhecendo um campo novo e ardentemente desejado, pedaço por pedaço, e de vez em quando dizia que estava acontecendo o inevitável... e que durante muito tempo a imagem daquela mulher elegantemente vestida e que não tirava os olhos dele em sua ordenação o perseguira... E vê-la nua, tornou-se uma idéia fixa que o fascinava enormemente.

Uma mulher que ele nunca havia visto, apareceu como uma fada... destoava da gente modesta de sua família que estava ali com sua roupa domingueira, a sua melhor roupa, para receber o primeiro padre de sua família, aquele que era o único que rompera o círculo da miséria histórica daquele lugar onde nasceu e cresceu.

Também relembrou que o meu perfume ficou dias e dias em sua memória; que quando o cumprimentei e beijei a sua testa, ele quase desmaiou, pois a cerimônia de

ordenação já o deixara numa fraqueza imensa... e aí eu cheguei com aquele perfume enlouquecedor...

As pessoas não deveriam usar perfume para uma ordenação, pois os coitados dos novos padres chegam lá em jejum e como o ritual é demorado, quando encerra, eles estão um bagaço só.

Ficamos abraçados na cama o resto da manhã. Eu o olhava dormindo... aquela cara de saciado, feliz. Não pude deixar de admitir que eu queria aquele homem para sempre, com aquelas suas mãos macias percorrendo o meu corpo. Mãos de padre são mesmo muito macias, como diz o povo: “Macia que nem mão de padre”. Eu sei que são, macias e sábias.

Ao acordar disse:

— Você é uma paixão inevitável. Eu pedi muito a Deus que afastasse você de mim. Mas parece que ele não quis que assim fosse.

Intervi em suas confissões, dizendo que Deus não o ouviu, porque com certeza concordava e comecei a cantarolar *Cálice*, famosa música de Chico Buarque e Gilberto Gil, genialmente interpretada por Maria Bethânia:

*Pai, afasta de mim esse cálice, Pai, afasta de mim esse cálice,
Pai, afasta de mim esse cálice de vinho tinto de sangue.
Como beber dessa bebida amarga, tragar a dor, engolir a labuta...*

E ele pediu que eu cantasse a música toda. E cantou comigo:

*[...] Talvez o mundo não seja pequeno, nem seja a vida um fato consumado,
Quero inventar o meu próprio pecado, quero morrer do meu próprio veneno.
Quero perder de vez tua cabeça, minha cabeça perder teu juízo,
Quero cheirar fumaça de óleo diesel, me embriagar até que alguém me esqueça.*

Quando terminamos, ele, que estava cabisbaixo, segurou meu rosto entre as mãos:

- Aprendi esta música depois que conheci você. Ela era uma oração, mas não confortava-me, dilacerava-me. E agora? Como vamos fazer? E depois? Que projeto de futuro podemos fazer?”
- Só o hoje nos pertence e ainda precisamos resolvê-lo em toda a sua plenitude. O amanhã está prenhe de todas as suas próprias surpresas e contradições, que só saberemos quando chegar. Portanto, *baby*, espere. O agora é que há uma banheira ali, eu quero ser comida nela, na água quentinha, com direito à hóstia, vinho consagrado e tudo que o corpo do santo padre pode ofertar.

Ergueu-me em seus braços, levou-me para a banheira e nos amamos de uma forma arrebatadora, mas tanto que, se eu pudesse, teria ficado ali, largada, até o último suspiro de minha vida, eternizando aquele momento em que ele descobriu as covinhas acima de minha bunda e se demorou lambendo-as suavemente, como se aquilo fosse uma coisa que ele tivesse feito durante toda a sua vida... porém não disse nada.

À tarde, quando chegamos ao seminário, parecia que todo mundo sabia... Ou era a impressão da culpa... Ficou difícil ser natural. É que não conseguíamos parar de ficar olhando um para o outro de forma hipnotizada, velada, melada, um denego só... rindo à toa, com ele constatando: “Você tá com cara de que comeu o padre e quer mais, comporte-se!”

Lembro-me bem de um amigo muito gaiato, que comentou:

— A doutora tá com uma cara boa. Muito boa! Viu passarinho verde, não?

E virando-se para Francisco:

— A doutora ficou no hotel fechando a palestra, mas o padre tava onde, que só vi no café e depois sumiu? Até bati no quarto para a gente vir juntos.

Ele, prontamente, retrucou que, durante a manhã, visitara uma obra social de uns padres amigos, que era um compromisso antigo, uma escola de informática e inclusão digital na periferia.

E, sem nenhuma cerimônia, ele se pôs a descrever o trabalho ali realizado e até os convidou para visitar aquele trabalho inovador de grandes repercussões no combate à exclusão digital. Finalizou dizendo que os médicos que ali estavam poderiam contribuir muito com uma obra daquelas, pois os investimentos eram pequenos diante do grande retorno social. Fiquei pasma! Francisco, de tão habilidoso e convincente, estava se saindo melhor do que a encomenda. Mas meu amigo ficou com aquela cara de “me engana que eu gosto” e até hoje, quando nos encontramos, diz baixinho em meu ouvido, para me chatear, que eu sou uma anticlerical tão radical que comi o padre, com certeza...

Chegamos ao hotel juntamente com outras pessoas que estavam no seminário. Alegando cansaço, subi direto para o quarto. Estava na banheira, quase dormindo de tão relaxada, quando de repente Francisco apareceu em minha frente e já estava se desnudando. Não acreditei e quis saber como entrara em meu quarto.

Ele exibiu uma chave dizendo que conseguira, por 20 reais, e uma boa lábia, a chave da porta que separava nossos quartos! E caiu na banheira, morrendo de rir e agarrandome... Realmente, eu não precisava ensinar nada para aquele rapaz que estava dando um banho de sensualidade, ensaboando-me daquela maneira que eu bem poderia passar o resto da vida ali, sem reclamar.

Devo ter dormido em seus braços, pois acordei em minha cama com ele enxugando o meu corpo suavemente, como se eu fosse de porcelana... um enlevo que foi quebrado pelo toque estridente do telefone no quarto dele.

Atravessou a porta sorrindo e atendeu imediatamente. Logo depois, o telefone do meu quarto tocou, eu atendi imediatamente. Os dois telefonemas foram dados pelo meu amigo que perguntara pela manhã onde o padre estava. Era um teste. Passamos.

Conversamos, sorrimos, choramos e dormimos juntos, uma noite inteira. Um momento de tensão foi quando ele disse que estava encantado com as covinhas acima de minha bunda. Pela manhã ele as acariciou, mas não dissera nada. À noite, falou que eram lindas. Também percebeu que enrijei e perguntou por que e se outros homens já haviam dito aquilo. Disse que não me lembrava, pois já dormira com tantos homens que perdera a conta de quantos e do tanto de bobagem que falavam.

Fui ríspida. O ar ficou pesado, mas ele foi falando tão manso e dizendo que com certeza eu deveria estar preparada para mais besteiro masculino, considerando que eu era a primeira mulher com quem ele transava... E que estava tão feliz, pois era um privilégio que tivesse sido comigo... Aí eu não tive dúvida e, atabalhoadamente, lasquei:

— A Igreja precisa me pagar por relevantes serviços prestados: iniciar padres.

— Você também foi a primeira mulher a transar com o Francesco? Há mais outros?

Evidentemente que a conversa descambava para um rumo pantanoso e poderia acabar com qualquer tesão. Não respondi.

Fechei os olhos... uma vontade enorme de chorar, mas fiz de conta que não ouvi... foi um silêncio longo e constrangedor, rompido por ele, ao dizer que morto não é concorrente para ele, portanto não iria entrar naquela de querer competir com quem já morreu. Ele só tinha a pretensão de ser o último homem de minha vida. Isso é que era importante.

E eu, com meus botões, lembrei-me do ditado: “Tal pai, tal filho”. Não pude furtar-me de constatar que os homens, em uma arrogância que lhes é peculiar, que parece ser algo genético, na tentativa de se provarem únicos, já que não têm controle sobre o destino completo de uma mulher, e em não podendo apagar completamente a sua história de vida antes deles, sempre aspiram a ser o último...

Mas voltando às “covinhas”, elas me intrigam. Não sei o que elas têm, mas há algo nelas que encantou, de um modo hipnótico, pai, filho e neto. Não tenho dúvida. Eles, apenas eles, a minha Santíssima Trindade amorosa fixaram-se nessas benditas covinhas. Só pode ser algo atávico, pois os três cuidam delas da mesmíssima maneira... e sugam e lambem os meus seios da mesma forma, um jeito igual de segurar meus seios com uma das mãos, a mesma mão... um jeito de tocar os meus mamilos, que me levam aos

céus. A impressão que dá é a de que é o mesmo homem, em diferentes etapas da vida... Reconheço que é um privilégio ter desfrutado da ternura e da paixão desses homens.

É absolutamente inexplicável. Transar com eles foi como estar com 21 anos... A diferença é que eu já estava com uma quilometragem com aquela família que possibilitava um padrão de comparação entre os três. Se me fosse dado escolher, eu não me decidiria por nenhum. Eu queria os três. É como se eles fossem apenas um. Fiquei confusa, angustiada... É que odeio não ter domínio das situações nas quais estou envolvida.

No dia seguinte, de uma forma mais racional, nós nos prometemos jamais nos ver outra vez. Ele tinha uma vida a ganhar, uma carreira a seguir. Disse-lhe que tinha idade para ser a mãe dele. Aliás, era mais velha que a mãe dele. Mas não era esse o meu motivo básico. Não tinha preconceito em relacionar-me afetivamente com jovens. É que não me interessava viver um caso com a terceira geração de homens de uma mesma família: o pai, o filho e o neto. Mas isso eu ainda não podia dizer-lhe.

Interiormente eu ria, estava vivendo o que popularmente se enquadra na clássica “síndrome do sarampo”, aquela doença infecto-contagiosa que dá na família inteira. Mas isso eu também ainda não poderia verbalizar na frente dele. Não naquela hora. Nem estava acreditando no que estava acontecendo. Mas busquei aquilo com as minhas próprias mãos. Não tenho dúvidas. E me pus a pensar nas “bandeiradas” que dei para ele. Eu permiti que tudo aquilo fosse longe demais. Mas o que fazer, se ele é uma coisinha que dá vontade de a gente levar para casa?

Durante um ano, ele só telefonou quando seus projetos precisavam de dinheiro. O que demonstrava força de vontade para resistir. Organizei uma viagem dele para um encontro com o cardeal, a pedido da Fundação.

Não perderei mais um amor para o cardeal

Encontrou-se com o cardeal, cuja Fundação hoje custeia substancialmente as obras sociais de sua Igreja. É um mar de dinheiro a perder de vista... é um dinheiro que pertence a Francisco, por direito.

Francisco assumia, sem muitas perguntas, mas sem maiores convicções, que as mulheres têm direito ao aborto. Não era um antiaborto, mas ainda não conseguia “digerir bem”, segundo suas palavras, ter sido abortado pelo pai. Tenho vontade de dizer-lhe que foi abortado pela Igreja. Um dia ele ainda saberá a verdade.

Na volta, ele insistiu em ver-me. Não sabia ao certo o que fazer, pois entendia que havia sido esnobada por ele. Ficou mais de um ano, com certeza, cantando Cálice para um Deus que insistia em não ouvi-lo, como se nada tivesse acontecido entre nós. Todavia, propus um lugar belíssimo, uma praia distante e deserta, na qual ficaríamos

apenas uma tarde e uma noite, em um quarto com vista para o mar. A princípio ele aceitou. Fiquei animada, renovada. Vai rolar. Mas no dia seguinte, disse que se sentia constrangido em gastar tanto dinheiro, apenas para saciar o seu desejo de estar comigo. Mesmo não entendendo a sua relutância, aceitei uma outra praia que ele propôs.

Ao chegar à pousada, na recepção, comunicaram-me:

— O Sr. Francisco está esperando-a lá embaixo na praia. A senhora quer ir ao quarto de vocês antes?

No quarto, vesti o biquíni e desci até à praia. Não o vi, mas ao longe um homem caminhava, quando de repente olhou para trás. Ao ver-me, voltou. E quando estava mais perto de mim, começou a correr. Eu também corri na direção dele e nos jogamos nos braços um do outro como se o mundo fosse acabar naquela hora. Ele deslizava as mãos em meu corpo delicadamente e disse que eu ficava muito bonita de biquíni e repetiu:

— Bonita demais, mas tanto que eu não quero que outros homens a vejam assim. Você é só minha.

Depois, afastou-se de mim com muita delicadeza e começamos a caminhar devagar em direção à pousada. Ele segurava a minha mão e, de vez em quando, apertava-a com força. Fez-se um silêncio perturbador, no qual só ouvíamos o barulho das ondas do mar. E ele parecia distante... Almoçamos e ele continuou sentado, jogando conversa fora.

Parecia atordoado e buscando saber por que e como eu conheço o cardeal. E por que o cardeal me adorava. E ficou assustado pelo fato de o cardeal ter dado a entender que eu era uma mulher fascinante e dito que havia razão de sobra para Francesco ter ficado encasquetado comigo a vida toda...

Disse-lhe que estava mentindo, pois o cardeal nem sabia o que era “encasquetado”, que isso era fala nossa do Maranhão. E rimos, porque ele dizia que o cardeal só não disse porque não sabia, mas como ele falou era coisa de “encasquetação”...

— Ai, que vontade de tê-lo dentro de mim... só para mim!...

Mas ele estava falando demais. E esnobou, fazendo de conta que não me ouviu. Comentou que achava intrigante que, depois de quase quatro décadas que abandonei o catolicismo, ainda mantinha relações tão estreitas com um alto dignatário da Igreja. Era uma amizade não usual, constatou. E que, se pudesse, naquela hora, queria penetrar em minha alma para ver que mistérios insondáveis eram os meus. Tudo parecia, no mínimo, estranho, segundo ele.

O mais estranho foi que o cardeal o tratou com muito desvelo, como se ele fosse da família... e o hospedou em sua casa. Como podia aquilo? Ele era apenas um beneficiário das doações da Fundação pessoal do cardeal e que, como ele, havia um montão

de beneficiários pelo mundo afora e, com certeza, o cardeal não hospedava todos na casa dele. Havia algo que “não batia bem”. Segundo suas avaliações, eu precisava desvendar o que não “batia” bem...

Argumentei que o cardeal era amigo de Francesco – que fora coroinha dele –, que quando ele se apaixonou por mim, também não queria deixar a Igreja e se refugiou alguns anos com o cardeal, que o apoiou muito e que, depois que Francesco morrera, eu tive a oportunidade de encontrar-me com o cardeal, inteiramente por acaso. E ainda contei mais outras mentiras.

Indagou se o cardeal era *gay*, de tão paparicado que foi por ele.

— Sei lá, ele já é muito velho e ficava assim mirandome como se eu fosse a única coisa que existisse no mundo. Fiquei desconfiado...

Eu ri, gostosamente... gargalhava e gargalhava e o provoquei:

- O que é isso, meu caro, você é homofóbico? Algo contra ser *gay*, cara? Pois se tem, trate de sair de sua Igreja porque, com certeza, é a instituição na qual há o maior número de *gays* por quilômetro quadrado. E não adianta a Cruzada Mundial Homofóbica, capitaneada pelo Vaticano, embora ela reforce o fundamentalismo cristão, católico ou não, e a onda de conservadorismo político que varre o mundo, contrapondo-se ao direito de decidir e legislando sobre o corpo das mulheres. Mas o cardeal não é *gay*, se é isso que você quer saber, aliás, possui uma história de ser um mulherego habitual, conforme Francesco.
- Mas você tem de reconhecer que a Igreja é o povo de Deus. E não apenas o Papa e o Vaticano. A política homofóbica do Vaticano é ridícula e antiga. Mas há padres, como eu, que estão empenhados também em dar visibilidade à sua crueldade para derrotá-la. Reconheço que a crueldade do Vaticano contra seus padres *gays* com HIV/Aids é inominável. E você tem razão quando, em um artigo memorável, escreveu sobre a necessidade de cogitarmos invocar que se adote para padres *gays*, pelo menos, o Estatuto dos Animais.
- Não sem razão, você há de convir. Ao mesmo tempo em que, milenarmente, acoberta padres pedófilos e estupradores, até de religiosas, o Vaticano faz “ouvidos de mercador” aos crimes de pedofilia clerical, que são públicos e notórios em todo o mundo. O Direito Canônico, que já deveria ser peça de museu, dá guarida a criminosos sexuais e impede que a Justiça laica os condene, sobretudo porque tanto o Vaticano quanto o Direito Canônico ordenam que todas as autoridades eclesiásticas devem perdoar, proteger e encobrir os crimes sexuais do clero.⁵

5 www.pepe-rodriguez.com/Pederastia_clero/Pederastia_clero_index.htm

- Mas vem cá, o cardeal é bem apessoado, porte atlético, não é? Nem parece oitenta. Tem aspecto de um sessentão bem conservado. O que me diz? E o que ele quis dizer quando comentou que “foi reconfortante a minha estadia com a doutora na Cordilheira dos Andes e que você é um oásis?” Por acaso ele bebeu no oásis que você é?
- Ora, para homens solitários, celibatários por dever de ofício, todas as mulheres são um oásis. Mas estive com o cardeal logo após a morte de Francesco. Ou você não lembra que lhe falei isso?

Francisco, Francisco! Penso nele com uma ternura imensa. É um bom padre. Diz que será papa um dia. E eu fico a pensar nessa fixação atávica de três gerações de homens, há quase um século, que desejam ser papas e por que desejam ser papas, precisam abrir mão dos amores da juventude e, quando se viram diante de uma gravidez que eles não desejavam, as três gerações optaram pelo aborto! Não titubearam, deram dinheiro para que as mulheres abortassem. O último foi o Francisco.

Alguns meses depois de nossa praia deserta, telefonou-me pedindo orientações de como fazer para que uma “irmã” que engravidara abortasse. Assustada, indaguei:

- Qual irmã, se você não possui nenhuma? Disse sem subterfúgios e nem rodeios:
- É uma freira que engravidei.

Perguntei por que ele não queria ser pai ou não queria aquele filho naquela hora? Reagiu dizendo que ter filhos não estava em seus planos. E jamais estaria, pois fizera uma vasectomia naquele dia. Ao que constatei, com a voz por um fio:

- Radicalizou, hem, *baby*? Mas deveria estar em seus planos um cuidado pessoal: prevenção da Aids; se a freirinha engravidou, com certeza você também descuidou de se prevenir contra a Aids, não é verdade?

Ao que ele, arrogantemente, respondeu:

- Você esqueceu de dizer-me que é soropositiva ou que já tem Aids. A primeira vez que a irmã se relacionou sexualmente com alguém foi comigo e nunca mais transou com ninguém, nem comigo. E antes dela, eu só transei com você, em toda a minha vida. Desencuca, me ajuda, vai?! Meu caso com ela não tem nada a ver com o que eu sinto por você. Foi um acidente, nada de amor e nem premeditado.

Irritada, indaguei:

- Você se acidentaram quantas vezes? E eu poderia saber? E quando foi o acidente? – perdi o controle, mas incontinenti, arrependi de perguntas tão ridículas e burras. Tentando consertar, acrescentei:
- Desculpe-me. Isso não é da minha conta e nem eu sou sua dona. Fora da Santa Sé, você não deve explicações para mais ninguém. Espanta-me apenas que um entusiasta e patrocinador da contracepção de emergência⁶ não tenha lançado mão dela. Mas não posso deixar de admitir que os homens de sua família se acidentam demais nessas coisas – e vi que falei demais, mas ele não percebeu, de tão aflito que estava.

E no fim do telefonema, uma bomba. O cardeal o havia convidado para uns anos com ele na Europa, sob o argumento de ampliação de sua “bagagem cultural”... Atordoada, fiz de conta que não ouvi. E odiando o cardeal, no fundo do meu coração, e tendo tomado a decisão de que eu não perderia mais um amor para o cardeal, que ele não ganharia mais nenhuma de mim, disse a Francisco que estava com saudades e que queria dormir com ele... abraçar seu corpo nu... e fizemos amor por telefone... Dormi vingada. Durante quase um mês, passávamos as madrugadas ao telefone... Virou uma doença incontrolável, precisávamos nos ver. Não dava mais para esperar.

Tenho buscado, incessantemente, luzes para iluminar as minhas reflexões de por que esses homens tão complicados do Vaticano cruzaram a minha vida e a marcaram sexualmente de maneira tão prazerosa. E isso dói. Tenho de admitir que os amei, cada um de um jeito, em situações inusitadas, mas é inegável que foi amor. Não tenho remorsos, logo não tenho do que me arrepender. Sim, ele encontrou um jeito de a freira abortar e também de transferi-la para outra cidade. Os padres são poderosos quando comparados às freias e usam e abusam da autoridade conferida pela condição de sacerdotes.

Já a condição das mulheres na Igreja, das religiosas e das leigas é lastimável, sobretudo quando constatamos que a história de construção do Cristianismo é a história da dedicação das mulheres ao Deus dos cristãos. A Igreja viva é feita pelas mulheres, desde sempre, e os homens de Deus, detentores da hegemonia do poder na maior das Igrejas cristãs, a Católica, usurpam e usufruem de um trabalho eminentemente fem-

6 “A Contracepção de Emergência (CE) é um método hormonal que pode ser usado até 72 horas depois da relação sexual desprotegida, visando a impedir a gravidez. É também conhecida como Anticoncepção de Emergência (AE). Método seguro e não abortivo que deve ser usado em situações emergenciais, tais como: falha de outros métodos contraceptivos, violência sexual ou relação sexual voluntária desprotegida”. FONTE: *Jornal da Rede Feminista de Saúde*. Saúde da Trabalhadora Rural, n. 26, jun. de 2004. www.redesaude.org.br; www.redece.org/mcce.htm

inino. Como isso pode acontecer? Tenho conversado muito com Francisco sobre isso. No começo, nada disso lhe parecia claro, mas hoje compartilha dessa visão.

Meses após o aborto e a vasectomia, Francisco propôs umas férias em algum lugar onde não nos conhecessem. Mais precisamente, onde ele não pudesse ser reconhecido. Ele poderia ficar até um mês (inventou lá para o bispo dele um estresse), mas eu poderia ficar apenas uma semana.

Nós nos encontramos em Montevidéu, cidade que eu propus, por considerá-la a mais acolhedora da América Latina, de uma beleza aconchegante e de gente hospitaleira e sem manias de grandeza. Eu queria viver dias de amor naquela cidade, perder a cabeça de amor naquelas ruas arborizadas, naquelas praias bucólicas. Prometera isso a mim quando fui lá a primeira vez, há muitos anos, em um momento em que estava dilacerada por mais um casamento desfeito e decidi sair de circulação alguns dias em busca de paz. Sim, eu voltaria àquela cidade um dia, com alguém que eu considerasse singular, apenas para amar... amar e amar... até perder o juízo.

Tendo chegado um dia antes, ele me esperava no aeroporto. Ao chegar ao desembarque, eu o vi e não pude conter um ar de vitória. Eu não perderia mais um homem amado para o cardeal, prometi a mim mesma, mais uma vez.

Passado o silêncio do primeiro dia, no qual nos ocupamos exclusivamente de cuidar um do outro, entramos nas conversas que precisávamos ter, embora ele lembrasse que entendia quando eu dizia que cada dia está repleto de seus próprios problemas e surpresas. Ele estava decidido a assumir publicamente o seu amor por mim, o que implicava, como se diz no Maranhão: “Largar a batina” – uma figura mais de retórica, já que eles só usam batina hoje para celebrar missa. Mas eu não sabia disso. Sequer fora consultada.

Passamos os dias conversando sobre as nossas vidas. Tenho uma opinião firme a respeito: cada um tem um caminho diferente a percorrer. Nossas vidas são paralelas e só se cruzarão no infinito, que, segundo a sua crença, isso é no céu. Para mim, é nunca, jamais, em tempo algum. Não quero mais homem para dormir em minha cama, não em minha casa todo dia. Acordar e ter um homem todo dia a seu lado é uma trabalhadeira... O prazer que resulta de ter um homem sempre à mão não paga a trabalhadeira que ele nos dá. O custo é sempre maior que a receita. Como entendo e gosto de homem como um Parque de Diversões, não pode ser todo dia, o tempo todo. Diversão também cansa.

E depois, estou num estágio de vida de estabilidade profissional e financeira que não há mais nada que eu queira conquistar ou fazer para “montar uma vida” decente, tranqüila. Já fiz as casas que quis, morei onde quis, criei raízes onde quis e tive os filhos que quis, quando quis e com quem quis. Não quero ninguém mais para se

meter na vida doméstica que construí com meus filhos. Eles me bastam no mundo doméstico. Quero a minha vida assim, pois não foi fácil chegar até aqui. Não tenho mais o direito de colocar mais um estranho em suas vidas em casa. E nem pretendo. Agora, só quero esperar, pacientemente, que cada um comece a tomar o seu rumo. Sou feliz, muito feliz assim.

Eu amo a minha casa só minha. Toda minha. Os quadros estão nas paredes, as esculturas nos lugares que eu escolhi para elas, a cama do jeito que gosto de ver o mundo da minha janela... e os livros que adquiri pela vida afora estão nas estantes, espalhadas pela casa inteira... Tenho a minha vida. E ninguém para dizer que não é assim, ou para mudar a minha cama de lugar. Não pretendo compartilhar o meu mundo doméstico com mais ninguém que possa mudar algo de lugar. É uma opção consciente.

Difícil de dizer isso sem magoar, sobretudo para quem nunca viveu o cotidiano de uma relação afetiva a dois. Contudo eu disse. E ele parecia estarrecido com meu egoísmo de mulher dona de si. Acrescentei que viver junto é uma experiência enriquecedora, em todos os aspectos, mas que exige renúncias e resignações, mas há um tempo para isso e o meu já passou. Não tenho mais interesse em projeto de futuro de vida a dois. Exige paciência para a doação e a construção do futuro. Mas como construir um futuro que não se quer? Não dá. E eu não estou disposta a guiar, cotidianamente, dentro de minha casa, um homem que começava a vida. Entre nós há um fosso, ele tem futuro e eu um presente construído que me agrada muitíssimo, um território que defendo como uma leoa. Eu tenho por ele uma ternura imensa e um caso de química sexual. Parece uma doença. Talvez sequer seja amor. Mas admito que pode ser uma forma de amor. Entretanto não falei que, na cama, ele é igual ao pai e ao avô. No jeito de fazer amor, em praticamente tudo, até na maneira de sussurrar... de fazer sexo oral... São três gerações de homens de uma mesma família que na cama são praticamente iguais e me ensandeceram.

Foi duro dizer que ele estava fixado na imagem de uma mulher que sabia e gostava de dormir com o inimigo, conforme suas palavras ressentidas. Mas disse. Ficou emputecido quando afirmei que estava disposta a contar-lhe o que sempre quisera ouvir de mim, a minha história com Francesco e que iria gravá-la, pois algum dia a usaria em um livro.

Ele reagiu exclamando que, além de materialista, eu era mercantilista também. E, com picardia, falou que ficaria bem o seguinte título: “Transando com padres”, mas “Comendo padres”, não era de se jogar fora.

Negociamos, penosamente, que ele faria a degravação. Era para preservar a sua honra de celibatário eclesiástico, de homem puro e consagrado a Deus. Ele ficaria com as fitas, as degravaria e enviaria para mim um arquivo. Topou. E só topou porque

curiosidade mata. Ele levou meses realizando a degravação e, muitas vezes, telefonava emputecido e não dizia por quê. São mais de duzentas páginas escritas. Como era narcisista de nascença, por herança, colocou, em cada interrupção da fita, “gemidos”...; “Tá pedindo mais”...; “Sussurra que vai morrer”...; “Pede para parar”...; “Tá dizendo que quer sentir o gosto de”...; “Me chama de puta”... E no fim, escreveu: “Um Parque de Diversão para você é pouco. Insaciável”. É um provocador, como o pai e o avô.

Mas eis o conteúdo das fitas.





CAPÍTULO V

Transando no púlpito de Vieira

Conheci Francesco em um Curso de Liderança Cristã para Jovens, realizado nas férias quando eu completaria 16 anos. Éramos somente garotas, uma 20, de várias cidades do Sertão Maranhense. Ele era professor no curso, que durou uma semana, e ficaria conosco dois dias, mas acabou ficando a semana toda.

Tempos depois, quando já estávamos namorando, disse-me que ficou a semana toda só para conhecer-me melhor... que ficou muito atraído pelo meu jeito firme, direto e contestador de ser e que ficava embevecido pela minha voz e que, inicialmente, não era nada sexual, mas o “faro” de ter encontrado uma pessoa com características inco-muns de liderança, além de estudante dedicada, com um projeto de futuro definido e correndo atrás dele... E disse que eu era um deslumbre e um “achado” – um diamante ainda quase bruto que merecia um investimento de lapidação – e ele, como um bom jogador da política, deveria apostar em mim, sobretudo, considerando que os quadros políticos jovens ou estavam presos, haviam saído do país, ou estavam amargando as durezas da clandestinidade. Enfim, os homens interessantes que sobraram, fora alguns padres, eram raríssimos. Digo interessantes no sentido de homens que eram um corpo com cabeça.

Naquela época, embora eu fosse das mais novas do curso, acho que era a mais nova, era a de maior experiência política, pois já atuava em Grêmio Estudantil desde o ginásio, logo contava com uma experiência mais ou menos razoável do fazer política. Ele era um orador fantástico e atraente, além de belo. Era um jogo de sedução mútua que jogamos a semana inteira. As participantes do curso diziam que “o padre estava dando em cima de mim”.

Nos intervalos, ele sempre puxava conversa comigo. No fim da tarde, celebrava a missa. No terceiro dia, pediu que eu fizesse a pregação após a leitura do Evangelho. No fim, era explícito que havia uma afinidade maior entre nós dois. No último dia, pediu meu endereço em São Luís e disse que ia com frequência à capital e que me procuraria. “Vamos ficar mais amigos, bem amigos”. E mais nada.

De vez em quando, eu ouvia falar sobre ele, sobretudo quando o assunto era a luta pela terra. Alguns meses depois, estávamos na casa de umas freiras comemorando a libertação de dois padres que estiveram presos acusados de subversão (eram os anos pesados da Ditadura Militar de 1964) quando, de repente, ele surgiu luminoso na

sala. Reconheci a voz dele, e só depois ele chegou ao quintal, local onde se realizava a festa. Para uma festa, bastava ele. Era a própria festa. Espaçoso, ocupava tudo. Sabia ser o centro de tudo. E esbanjava sensualidade por todos os poros. Danado de bonito. Pior, sabia que era, e se divertia seduzindo as mulheres. Todas. Até as freiras. Era um felino, como dizíamos na época, um verdadeiro “gato”, de calças *jeans*, camiseta e cabelos longos.

Do primeiro beijo ao pedido de “amigação”

Cumprimentou-me efusivamente. E não largou do meu pé o tempo todo. Mão na mão... eu tirava, envergonhada... ele pegava de novo, abraçava-me e beijou-me na boca, na frente de todo mundo! Assim, como se nada tivesse acontecendo, como se ele pudesse agir daquela forma. Juro, fiquei assustada, mas também sentia-me gloriosa e escolhida.

Achei que já estivesse bêbado, pois a bebida corria solta aquela hora da noite. Envergonhada, saí de fininho, mas não sem antes marcar de nos encontrarmos ao meio-dia, no dia seguinte, no Seminário Santo Antônio⁷, onde ele estava hospedado. Naquela noite foi a primeira vez que ouvi falar sobre um movimento camponês importante na região do Araguaia, que deu origem à Guerrilha do Araguaia (1972). Ele era um entusiasta do que poderia tornar-se as “mobilizações no Araguaia”. E eu não entendia nada.

Evidentemente que não consegui dormir o resto da noite. Nós nos encontramos, conforme combinado. Havia muitas outras pessoas jovens conversando com ele quando cheguei. Parecia um deus grego ali e sendo foco de todas as atenções. Logo após eu ter chegado, ele mandou todo mundo embora dizendo que precisava conversar comigo. Fiquei pasma. E mais ainda porque todos lhe obedeceram imediatamente. Lidar com jovens parecia ser uma arena na qual ele se movimentava bem! Felinamente.

Abraços, beijos, alisadas... numa sofreguidão. Ele me disse que estava vindo muito a São Luís e que a gente iria tocando para ver no que daria. Achava que estava apaixonado por mim, mas não sabia. “Essas coisas, mesmo de paixão, são dialéticas, só o tempo. É esperar”.

Confessou que relutara em me procurar. “Você é menina demais, ‘diabo’. Não posso me envolver tanto com você sem achar que isso pode ser enquadrado como pedofilia. E eu acho a pedofilia abominável”. Falava aos borbotões, e acrescentou que: “O acaso nos colocou frente a frente, mais uma vez. Como diz o nosso caboclo, ‘cavalo arreado

⁷ Local onde fica a Igreja de Santo Antônio, de estilo manuelino – manifestação lusitana do estilo gótico internacional, no qual parecem arcos de inspiração italiana e motivos mouriscos, na época do Rei Dom Manuel, por volta de 1500. É a segunda igreja mais antiga da cidade, construída pelo frei Cristovam de Lisboa, em 1624. Adquiriu celebridade porque os *Sermões*, do padre Antônio Vieira, foram escritos e ditos lá.

só passa uma vez na nossa frente’, mas (falou às gargalhadas) há uma égua arreada passando em minha frente pela segunda vez, que diabo eu faço, hem, hem?”

E beijou-me como se o mundo fosse acabar, sofregamente. Era o típico desencanado. Ao mesmo tempo em que o ouvia fascinada, estava boquiaberta... o linguajar era chocante, esculhambado e ia de encontro à imagem que eu fazia de um padre. Ele fumava, bebia, namorava. Ah, mas ele não era um padre comum, conformei-me.

Foi uma conversa rápida. Mais beijos e esfregação do que conversa. Fui para a escola. Estava na hora de pegar o ônibus para chegar a tempo. Ele também iria para a sua cidade, no carro dele. Era um fusquinha vermelho. Disse que poderia passar e deixar-me na escola. Não aceitei.

A partir de então, eu o via muito, em geral a cada quinze dias. Às vezes, semanalmente. Era um epistoleiro nato. Escrevia-me semanalmente, mas também, com frequência, recebia até duas cartas por semana. Cartas, invariavelmente datilografadas, longas e belas! Escrevia muito bem e possuía um estilo que parecia que eu o estava ouvindo quando lia as correspondências.

Eu escrevia muito, mas era mais contida. Nunca “avançava o sinal” nas cartas, mas ele não. Escrevia tudo, falava de amor, de política e até da vontade de dormir comigo... Eu escondia as cartas dele assim “debaixo de sete capas”. Um medo danado de “ficar falada”...

Transar, no sentido de ser uma relação sexual completa, não estava em meus planos, que eram outros. Eu tinha pavor de engravidar. Eu queria ser médica. E nada me retirava essa determinação. Rejeitei sempre todos os convites para dar uma volta na praia. Jamais entrei no carro dele, durante dois anos. Preferia sempre marcar para me encontrar com ele no Seminário Santo Antônio. Sentia-me protegida lá, apesar de que, como depois ficou provado, podia até dormir com ele a noite inteira lá, sem ser incomodada. As namoradas de outros padres faziam isso com regularidade. Ninguém se importava com ninguém. Faziam de conta que não viam. Normal. Tudo. Era um mundo estranho e espantoso para mim. Sim, de fato, era um “abatedouro dos padres”.

Francisco ouvia o meu relato em silêncio, que quebrou uma vez para dizer que eu estava empolgada, apesar de muito racional o meu relato, segundo ele. Mas prossegui. Queria terminar logo, pois parecia que ele estava sofrendo... e, para contrabalançar, eu o beijei, dizendo:

— Hoje eu estou é com você, *baby*, que é o meu amor de perdição... Gosto de amores de perdição, pois são o sal da vida.

Confusa com o que estava vivendo com Francesco, arrumei um namorado depois de uns seis meses... todavia não conseguia desvencilhar-me dele. Bastava ele chamar, que eu estava lá. Ele exercia um domínio absoluto sobre mim. Dominar era um jogo que

ele sabia jogar bem. Havia um amigo dele, uma liderança do movimento estudantil, que passou a ser meu cão de guarda. Muitos anos depois, descobri que a mando dele. Ia à missa comigo todos os domingos e ficava até tarde da noite em minha casa. Mais confusão. O amigo começou a “arrastar uma asa” para mim e já estava dando a maior bandeira... Era um inferno... Mesmo não parecendo, gosto de paz, de serenidade. Mas Francesco parecia amar os conflitos.

Um dia Francesco, já com quase dois anos de namoro, perguntou qual era a minha disposição para se “amigar” com ele. Assim, de chofre, grosseiramente. Hoje, quando comparo o seu jeito rude em determinados momentos, fico sem entender como conseguia ser daquela forma um homem muito doce e afável, um meloso na cama, de uma sensibilidade extraordinária, que sorria como uma criança embevecida acariciando o meu rosto e que atingia o orgasmo sem necessidade de penetração. Mas é que o palavreado dele me incomodava, às vezes. Parecia doer em meus ouvidos.

Mas com o passar do tempo, orgasmo sem “transa completa”, como ele falava, era pouco para ele, dizia que fazer sexo sem penetração era como “morrer na praia”. Mas, “morrer na praia” era o máximo que eu poderia permitir, mas sentia vergonha. Naquela época, as meninas da minha idade não apenas deveriam ser castas, mas, sobretudo, deveriam parecer castas, mas muitas “faziam sexo” sem penetração e apareciam grávidas apenas e tão-somente porque fizeram “sexo nas coxas”. Era, realmente, um azar danado.

Todavia, apesar de ser atividade sexual franca, tínhamos a idéia de que realmente não transávamos ainda, por não ser uma atividade sexual com penetração.

Mas o fato de ter vindo direto de outro país, com outra língua, para o interiorzão do Maranhão, fez com Francesco adquirisse um linguajar muito do povo que, às vezes, aparentava ser grosseiro. E muitas vezes era, sobretudo quando se referia ao casamento. Ele abominava o casamento, insistia que era uma concepção muito burguesa do amor. Eu ficava, às vezes, atordoada com tamanha transgressão. E quando ele conseguia horrorizar-me, acrescentava com ar professoral: “Devemos nos esforçar, ao máximo, para não sucumbirmos ao ideal burguês de amor”.

E tripudiava: “Você ainda precisa amassar muito barro para ser a mulher de esquerda que precisa tornar-se. Triturar as concepções da moral burguesa é a sua grande tarefa pessoal”. Um dia, aquilo (o ar professoral sabichão) foi irritando-me tanto que acabei dizendo que aquele seu jeito de ser era fácil, fácil, para quem descendia da nobreza européia. Mas eu era de uma família que não tinha sequer ascendido ainda à classe operária, era “lumpenzinato camponês” ainda. Ao que ele corrigiu que eu estava querendo ser “muito povo”, mas na verdade eu descendia de “uma pequena burguesia rural”, pequenos proprietários de terra, de um “gadinho”, etc., etc.

Não me dei por vencida. Não satisfeita, acrescentei que ele era um hipócrita porque realizava casamentos por dever de ofício, sendo contra o “ideal católico de amor”, que era, sem dúvida, uma variante do “ideal de amor burguês”. Ou não?

Disse que sim, mas não gostava. E sempre que podia, encontrava uma brecha em meio aos mais jovens e aconselhava-os que morassem juntos uns tempos antes de se casarem, que pelo menos vissem se davam certo no sexo. Portanto, estava possesso que eu não visse isso como natural. Mas eu não via. Apesar de estar mergulhada em Simone de Beauvoir e Alejandra Kollontai, livros que me foram dados por ele e que, pacientemente, tomava-me as lições com regularidade. Ele era doutorado em Filosofia e dominava dez idiomas.

Ele sabia que eu adorava ler, então, aproveitava-se disso e entupia-me de livros. Nas cartas jamais esquecia de indagar: “Como vão as leituras?”; “Isso está em Kollontai, ainda não leu? Ou não lembra? Releia, tá lá”...; “Ainda não leu isso em Beauvoir?”

De vez em quando, comentava alguns capítulos dos livros que eu deveria ler. Era assim, uma espécie de professor à distância e nossa afinidade intelectual, com o passar dos anos, só foi aumentando. Era um combatente contra o patriarcado e afirmava, com convicção, que todas as idéias libertárias devem ter o compromisso de desbaratar a rede do patriarcado.

Ao pedido de “amigação”, respondi que não tinha nenhuma disposição, pois estava estudando e que seria uma médica. Ir morar com ele, “se amigar”, como ele fazia questão de se expressar, seria uma derivação que eu não estava disposta a considerar, por entender que aquilo, de uma forma ou de outra, alteraria meus planos de manter-me estudante profissional, de tempo integral.

Tentei explicar: “Francesco, se amigar implica, necessariamente, conviver sob o mesmo teto, ter uma casa, com roupa e toda tralha possível e imaginável para cuidar, um homem para pajear... Se amigar é isso. Não quero isso. Não fiz esse plano burguês de amigação, que também é explorador. Não tem nada de ‘amor não-burguês’. Lembra que já disseram que ‘o homem é o burguês da mulher?’, o que quer dizer que ele explora a mulher. A sua vida está ‘ganha’, mas a minha não.”

Ele ficou atônito. Parecia que não acreditava que eu também estava em condições de elaborar argumentos que se contrapunham, como uma luva, aos dele.

Disse, então: “Preciso comer você, para saber se é isso que quero mesmo, para poder ter certeza se valerá à pena esperar tantos anos para poder acordar todo dia e ver você perto de mim. É isso que quero e agora. Ter prazer completo com você, sem amarras e impedimentos, hoje. Não daqui a oito anos, quando eu estiver quarentão, já que você está ainda no segundo ano e ainda tem seis de medicina pela frente, isso se passar no vestibular da primeira vez... Por que é tão difícil para você entender isso?”

Disse-me que precisávamos resolver, pois a situação dele diante do arcebispo também estava insustentável, tinha virado um “padre falado”, com todos os inconvenientes possíveis, de comunista a mulherengo. Precisávamos resolver. E parecia que não pararia mais de falar. Sim, ele estava fazendo opção pelo nosso amor. Estava decidido a ficar comigo, mas não para realizar um casamento burguês. Ele não largaria a Igreja para viver uma vida medíocre; que ficar comigo deveria ser e significar algo absolutamente novo e deslumbrante em nossas vidas. Diferente. Sim, absolutamente diferente, transgressor, exemplarmente transgressor. Jamais algo terra a terra. Jamais um casamento burguês. Faríamos como faz o povo, que se junta, que se amiga, sem maiores delongas...

Atônita, permaneci calada e quando vi que ele não conseguia mais ter argumentos para o seu plano de amigação transgressor, disse-lhe que já falara tudo, apenas queria reafirmar que era de uma família que as filhas casavam e que eu não faria a minha família sofrer. Mas amigar-se, não. Estava fora de cogitação e eu não queria conversar mais sobre isso. Conversa encerrada. Foi uma conversa tensa, difícil... E ele me olhava incrédulo...

Não me recordo, por mais esforço que faça, como nos despedimos. É algo que deve ter sido tão sofrido que deletei da memória. Mas ele sumiu, assim como as cartas. Também não o procurei. Sofri profundamente. Emagreci terrivelmente. Cerca de dois meses depois, recebi uma carta dele dizendo que estava voltando para o seu país, deixando o endereço. Rasguei. Ainda recebi umas três ou quatro cartas dele e não li nenhuma. Rasquei-as sem ler. Sequer guardei o endereço. Aproximadamente seis meses depois, a minha vida voltou a fluir normalmente. Arrumei um namorado maravilhoso, com quem fiquei quase um ano; depois outro, que durou mais de um ano. Em 1973, entrei na Faculdade de Medicina. Nesse período, antes de ir para a universidade, comecei a namorar um rapaz muito interessante.

Mais madura, não tive problemas em usar pílula. E sem o medo de engravidar, já mantinha relações sexuais “completas”, absolutamente confiante e por desejo, de modo tranquilo e prazeroso, sem encucações, como se dizia na época.

Certo dia, uma amiga freira disse-me que recebera uma carta de Francesco que deveria ser entregue a mim. Viera no interior do envelope dela e com um pedido específico: que ela me entregasse e esperasse eu ler, pois ele havia perdido o contato comigo. Há mais de um ano e meio, as cartas que enviava voltavam. Recebi e li. E a freira lá, olhando. Ela era muito amiga dele. Agradei-lhe e disse que ela estava com a sua missão cumprida.

O meu namoro oficial estava numa fase difícil, “mais pra lá do que pra cá”, e o espírito de aventura falou mais alto e, uma semana depois, eu respondi à carta dele. Fiz uma carta bem pensada. Escrita, reescrita muitas vezes e longa. Absolutamente

franca. Não me esqueci de nada e analisava tudo, desde o nosso namoro a tudo o que fizera nos anos de sua ausência. Até como foi a minha primeira vez. E o tanto que foi bela e depois sofrida, porque, embora amasse o meu namorado profundamente, pelo romantismo da idade e pelo que Francesco fora em minha vida, eu sentia muito não ter sido com ele.

Ao que ele respondeu: “Mais importante e significativo que ser o primeiro é ser o último homem na vida de uma mulher. Para mim, já é bastante ser o último homem de sua vida”.

Não era propriamente um sofrimento, mas algo como um lamento. Lembro-me de que ele foi absolutamente solidário comigo e o tanto que me consolou, ao dizer que eu não tinha o dever de me guardar para homem nenhum, muito menos para ele – que sumira de minha vida de maneira tão egoísta. Mas que ele, por opção, estava tentando se guardar para mim. Eu não podia apegar-me a isso, porém ele podia, pois sabia que voltaria para me procurar e eu nem mesmo sabia se algum dia o veria outra vez. Fiquei sem entender e achando que eram firulas. Até ri muito. Como ele era teatral e dramático.

Essa carta foi recuperada (uma das que o irmão me enviou depois da morte de Francesco). Quando a reli, quase vinte anos depois, fiquei assustada com a minha maturidade para a idade e a época.

A partir de então, nós nos escrevíamos semanalmente, durante quase um ano. Nossas cartas eram uma espécie de diário. Eu sabia tudo o que ele fazia e ele sabia tudo o que eu fazia. Meu namoro continuava, ele sabia, mas estava na corda bamba. Mas meu namorado não tinha conhecimento de que eu retomara contatos com Francesco, mas sabia que ele estivera em minha vida, apenas isso. Depois de uns seis meses de correspondência com Francesco, eu relutava em transar com meu namorado. Não sentia mais desejo. Passei a não transar mais com a regularidade de antes. A relação foi ficando difícil, todavia as transas eram magníficas. Mas eu estava em permanente conflito, pois viver tantas ambigüidades não era fácil.

Durante dois meses, ele manifestou a vontade de vir ao Brasil. Mas não confirmava nada. Parecia uma possibilidade remota. Entretanto, em uma semana de maio, não chegou nenhuma carta dele. Estranhei, mesmo assim escrevi uma carta para ele.

A primeira transa, um pé de figueira e a rua como testemunha

Certa noite, em maio de 1974, ao sair do ensaio do Coral da Universidade (sim, sou contralto), eis que vejo Francesco na porta. Quase caí da escadaria. Não acreditava. E ele me abraçava e chorava... beijou-me longamente e todo mundo do Coral vendo... Ali todo mundo conhecia o meu namorado! Nem olhei para trás. Sabia que estava

dando um *show* escandaloso.

Por um triz, meu namorado, que me buscava nas duas noites dos ensaios semanais do Coral, não estava ali. Naquela noite precisou levar a mãe para visitar uma amiga num bairro distante...

E subimos, lentamente, a Rua do Sol abraçados. Ele parecia uma criança feliz, dizendo que adorava aquele casario colonial e, eufórico, exclamou: “Eis-me aqui, de volta à França Equinocial”.

Ri. “Querido, acho que desde Daniel de La Touche, o Senhor de La Ravardière, chegou, em 8 de setembro de 1612, procurando um refúgio à perseguição religiosa sofrida pelos huguenotes (calvinistas) na França, ninguém mais fala que aqui é França Equinocial”.

Ele afirmou: “Como não! Engana-se senhorita. Afirmo-lhe que essa cidade, fundada em 1612, na Ilha de São Luís, ladeada pela Baía de São Marcos, o Estreito dos Mosquitos e o Oceano Atlântico, que vai sussurrando do Rio Bacanga ao Rio Anil, e com seus azulejos e vitrais, é sim a França Equinocial, a única cidade do Brasil que é genuinamente francesa, mas ao mesmo tempo, tão lusitana com sobrados de azulejos portugueses da colônia asiática de Macau e seus mirantes belíssimos. Não há dúvida, as melhores cidades da França são Paris, na Europa, e São Luís, na França Equinocial”.

Seguimos conversando sobre como estava a cidade, que ele adorava, e não se cansou de enumerar lugares daquele conjunto arquitetônico de mais de 3.500 edificações, datadas do séculos XVII e XIX, com suas ladeiras, inúmeros becos e ruas estreitas e praças. Ele amava o calçamento em pé-demoleque, as pedras de cantarias, os sobrados de azulejos e seus mirantes de um romantismo ímpar.

E ríamos. Tanto eu como ele amávamos São Luís e sonhávamos pelas ruas da cidade e, posteriormente, nós a desbravamos em muitos dos seus segredos. Visitamos suas fontes, uma por uma, a do Bispo, a do Ribeirão, a das Pedras...

Ao chegarmos à Praça do Panteon, durante muitos anos conhecida por Praça Deodoro, ele parou para admirar a imponência da Biblioteca Pública Benedito Leite e dizia que adorava a forma como maranhenses lidavam com a literatura. De vez em quando, parava, olhava-me e dizia que não acreditava que estava comigo.

E de repente voltou a um jeito provocativo e transgressor de falar, do qual eu me recordava muito, e com um meio sorriso bateu em meu ombro, dizendo: “E aí bichona, cadê o teu namorado? Tu não tens medo dele te ver comigo não? Como é que tu vais fazer agora? Arrumaste encrenca... Tu tens hora para chegar em casa e essas frescuras todas ainda, não é? Então, não podes passar a noite comigo? Ainda comportas-te como uma donzela, não é? Tens de dormir em casa toda noite, não é? Mas podes passar o dia todo fora...”

E abraçou-me, como se quisesse fundir o seu corpo ao meu. Ríamos, chorávamos... era assim uma paz indescritível, como uma certeza de que jamais nos separaríamos... e transamos, sofregamente, em pé, junto de uma árvore imensa, acho que uma figueira centenária, ao lado do Liceu, em frente do Colégio Ateneu Teixeira Mendes. E ficamos um tempão abraçados... trêmulos... felizes. Tudo parecia um sonho. Eu já vivenciei muitos e muitos momentos de extrema felicidade e de plenitude de ternura e de prazer, mas, ainda hoje, lembrar aquele dia é especial. E eu só posso agradecer ter vivenciado tudo isso.

Combinamos que eu passaria o dia com ele onde estava hospedado. Era em um bairro distante, uma casa de umas freiras. Precisava tramar com uma amiga a minha ausência na faculdade. Disse-lhe que sumiria durante todo o dia, mas que precisava de cobertura dela, depois contaria o “santo e o milagre”. Naquela época era fácil, fácil, sumir sem deixar rastro. Não havia orelhão e de celular nem tecnologia no horizonte. Ela me disse que tudo bem, que copiaria as aulas e tentaria responder a algumas chamadas. Era uma pauleira, de oito a dez aulas por dia...

Precisava dar um jeito de o meu namorado se manter longe. Não era assim tão difícil. Naquela época, oficialmente, a gente só namorava em casa, aos sábados e domingos, na varanda, um monte de gente transitando... as outras meninas também namorando, e os meninos enchendo a paciência da gente. Éramos oito, era uma festa, uma farra e nós, as moças, bem comportadas. No máximo, mão na mão.

Os namorados chegavam às 7 da noite e saíam, invariavelmente, às 10. No máximo, podíamos levá-los até ao portão. Mas não nos podíamos demorar lá. Havia um jardineiro, o Seu Tomaz, que às 10 ficava lá pelo portão para tomar conta da gente. E os meninos, em geral, zanzavam por lá. Na prática, a gente conseguia namorar todos os dias. Eles nos buscavam na escola. Mas precisávamos estar em casa num determinado prazo. Na hora do jantar, todo mundo deveria estar em casa. Isso era líquido e certo. E ninguém transgredia isso por qualquer coisa. E era melhor e mais prudente não arriscar.

Telefonei para o meu namorado e disse-lhe que não me buscasse na faculdade no fim da tarde do dia seguinte porque eu teria de fazer um trabalho depois das aulas na casa de uma colega. Ele se ofereceu para levar-me e perguntou a que horas eu iria. Disse-lhe que estávamos apertadas, que a mãe de minha colega nos iria buscar na faculdade e eu não sabia a que horas voltaria para casa.

Quando me dirigia para o meu quarto, fui interpelada pelo jardineiro, o Seu Tomaz: “Dona, quem era aquele moço com quem você estava se agarrando ali perto do Liceu?”

Não perdi o rebolado, como se dizia naquela época, para dizer: “Seu Tomaz, quando eu lhe dei lugar para tomar conta de minha vida? O senhor agora é vigia do Parque Urbano Santos todo? Pois eu não sabia!”

Ao que ele, humildemente, baixou a cabeça, saiu andando em minha frente resmungando: “Eta mundo perdido, a menina ainda nem saiu dos cueiros e já anda pulando a cerca, mas vou fazer de conta que não vi. Empregado tem de ser surdo e mudo. Mas garanto que aquele não era o moço seu namorado”.

Ao chegar ao meu quarto, entendi que Seu Tomaz já batera com a língua nos dentes, pois a mulherada da casa já estavam lá a postos, querendo saber com quem eu estivera até aquela hora. Acabei contando, pois todas achavam o máximo que eu recebia semanalmente uma carta, às vezes duas, do estrangeiro.

Comemoramos bebendo umas cervejas roubadas do estoque da casa. A partir de então, partilhávamos um segredo. E realmente todas se mantiveram fiéis ao meu segredo, aliás, à parte do meu segredo que sabiam: um namorico inocente. Ter dois namoros inocentes, ao mesmo tempo, apenas por pura diversão. E foi assim sempre. Nesses anos todos, quando nos reencontramos, falamos sobre isso, às gargalhadas, como travessuras de adolescentes. Elas jamais souberam o que tudo aquilo representava em minha vida.

No dia seguinte, conforme combinado, fui encontrarme com Francesco. Ele estava a minha espera no ponto de ônibus. Seguimos a pé em uma estrada bucólica, por 2 quilômetros, até chegarmos ao sítio. Foi uma festa a minha chegada, pois eu conhecia aquelas freiras norte-americanas desde adolescente. Aos poucos elas foram nos deixando a sós. Uma delas, que sabia da nossa história, a mesma que me entregara a carta de Francesco, disse que poderíamos ficar à vontade... que ir para o quarto era mais seguro, por causa dos empregados da casa. Podíamos trancar a porta que, na hora do almoço, ela nos chamaria.

Fomos para o quarto e nos amamos muito... mas fiquei muito espantada de ele dizer que no dia anterior fora a sua primeira vez... que eu poderia mandar fazer uma plaquinha e escrever nela: “Aqui jaz a castidade de um santo padre”... Que eu começava bem a minha carreira de feminista, derrotando o inimigo maior em seu campo moral básico, a castidade...

Desde então, durante sete meses, usei de todos os estratagemas possíveis para estar com Francesco. Até hoje não consigo explicações razoáveis para ter mantido o namoro anterior... mas o fato é que não era fácil acabar, além do que era conveniente para que Francesco se pudesse estabelecer na cidade que o arcebispo (que sabia do nosso namoro anterior) tivesse certeza de que não nos estávamos relacionando. Isso foi certo, porque o arcebispo tomou informações a meu respeito quando Francesco decidiu assumir uma paróquia em nossa cidade.

Como eu tinha aulas de segunda a sábado, o dia todo, e nem todos os dias podia inventar algo extraordinário que possibilitasse a minha ida onde ele estava hospedado, que era um bairro longe para quem morava no centro como eu, Francesco buscou,

e conseguiu, hospedar-se no Seminário Santo Antônio, uns quinze dias depois de ter chegado. Para tanto, teve de pedir a bênção ao arcebispo.

E lá tivemos momentos memoráveis. O Seminário Santo Antônio é um lugar mágico para mim, onde eu vivi lindos momentos de amor. Foi a nossa fase “Fazendo amor no púlpito de Vieira”, como dizia Francesco, debochadamente, sem se esquecer de acrescentar: “O púlpito deve ser destinado sempre a finalidades nobres e sublimes, ainda mais o de Vieira”.

Um deles foi o meu aniversário de 21 anos. Eu tive de sair da faculdade correndo para pegar um táxi... (não era fácil pegar um táxi no Campus do Bacanga) para o Seminário Santo Antônio... E ele abriu o portão lateral, ao primeiro toque da campainha. Recebeu-me dizendo: “Se ainda está de calcinha, vai demorar”... Ganhei um presente lindo (uma aliança de brilhante, uma jóia rara, que fora de sua mãe) e um cartão apaixonadíssimo... e a cama estava com uma roupa nova belíssima, que ele comprou para o meu aniversário (os lençóis do Seminário pareciam de hospital).

Feliz, porém aflita, pois precisava encontrar-me com meu namorado para o meu jantar de aniversário na casa dos pais dele... Não havia explicações para, no dia do meu aniversário, eu não me encontrar com o namorado, não poderia ser tão bandeirosa...

Mal acabada a transa, ainda trôpega de prazer, levantei-me da cama... Pela primeira vez, Francesco demonstrou insatisfação com a nossa situação... ficava agarrando-me na cama, pedindo que eu não saísse dali; que eu precisava passar a noite com ele... era uma necessidade que ele tinha... que era sem problemas, pois namoradas de outros padres dormiam ali e depois, entrou com seu lado gaiato: “Você não poderá perder a chance de, ao escrever em suas memórias de feminista transgressora, registrar como é fazer 21 anos, atingir a maioridade, dormindo com um padre no Seminário Santo Antônio, sob as bênçãos dos sermões de Antônio Vieira, meu amor.”

E se pôs a declamar um trecho do *Sermão da Epifania* (Vieira, 1662). Perguntei se ele havia decorado. E ele riu e, virando o meu rosto para a parede, mostrou-me uma folha de papel pardo com os trechos de Vieira:

“Uma das coisas mais notáveis que Deus revelou e prometeu antigamente foi que ainda havia de criar um novo céu, e uma nova terra [...] Logo, que terra nova, e que céus novos são estes, que Deus tanto tempo antes prometeu que havia de criar? Outros o entendem doutra maneira, não sei se muito conforme à letra. Eu, seguindo o que ela simplesmente soa e significa, digo que esta nova terra e estes novos céus são a terra e os céus do Mundo Novo [...]

Pois esta é a terra nova e esses são os céus novos que Deus tinha prometido, que havia de criar, não porque não estivessem já criados desde o princípio do mundo, mas porque era este Mundo Novo, tão oculto e ignorado dentro do mesmo mundo, que, quando de

repente se descobriu e apareceu, foi como se então começara a ser e Deus o criara de novo. E por que o fim deste descobrimento, ou desta nova criação, era a Igreja, também nova, que Deus pretendia fundar no mesmo Mundo Novo, acrescentou logo pelo mesmo profeta e pelos mesmos termos – que também havia de criar uma nova Jerusalém, isto é, uma nova Igreja, na qual muito se agradasse: Quia ecce creo Jerusalém exultationem, et populum ejus gaudium .”⁸

E quando viu ser impossível que eu ficasse, pediu que naquele dia eu não transasse com o meu namorado... que pensar nessa possibilidade era insuportável para ele... que, aliás, só naquele dia ele tinha consciência de que eu também poderia estar transando com o meu namorado...

E eu fiquei embasbacada do tamanho do egoísmo dele, do quanto era centrado em si e se achava o centro do mundo... Então, perguntou-me se eu continuava “dando” (era esse palavreado chulo que ele usava mesmo, habitualmente) para o meu namorado... Afirmei que sim, mas que não estava sendo fácil, embora eu evitasse de todas as maneiras e que estava ficando insustentável e ele já estava desconfiado... que até demorara a desconfiar...

E, então, perguntou se eu tinha prazer com ele. Respondi que ainda era prazeroso transar com ele, mas eu me sentia angustiada. De repente, ele mudou de atitude e disse-me que era um sacrifício necessário... mas que estava perto de acabar, pois um outro presente que ele me queria dar era que, dali a uma semana, ele estaria em sua própria casa, talvez em um bairro bem perto do Campus que, durante toda a tarde, ele estivera no bairro, com a autorização do arcebispo, para alugar uma casa lá. Sim, ele havia conquistado uma paróquia em São Luís e estava decidido a cuidar de sua vida de padre. Ele era, de fato, incrivelmente maluco.

Naquele dia não tive mais tempo de ficar lá. Precisava chegar à casa do meu namorado para o jantar do meu aniversário. Lá estariam as nossas famílias. Era a nossa festa de noivado, uma comemoração burguesa. Eu também achava, mas não podia falar. Não contei a Francesco. Assim, ganhei duas alianças no mesmo dia, uma pública e outra *in pectoris*, a da mãe de Francesco! Era tudo muito maluco.

Ao sair, estava tão exausta e confusa que decidi caminhar, já que não era longe dali. Fui pensando na vida... antes porém, sentei-me em um banco da Praça Antônio Lobo, que fica em frente do Seminário Santo Antônio e da Escola Modelo. Chorei todas as lágrimas possíveis, pois precisei esconder a aliança de brilhante... Realmente, era uma doideira. Não sabia o que fazer com ela e nem o significado que ela possuía. Aquela aliança era um compromisso de que mesmo? “De puta de padre, no máximo,

8 www.cce.ufsc.br/%7Enupill/literatura/BT2803065.html

minha amiga. É isso que esse doente quer que você assuma para toda a eternidade”, segundo a opinião de uma amiga minha.

Enquanto escrevo e relembro a afirmativa de minha amiga de que Francesco era um doente, reluto em aceitar tal denominação para ele, sobretudo porque presenciei muito o seu sofrimento em diversas ocasiões. Um exemplo era o repicar dos sinos na hora do Angelus (6 da tarde), momento em que ele, estivéssemos onde estivéssemos, parecia se recolher. Nunca transávamos nesse horário. Às vezes, eu chegava ao Seminário Santo Antônio quase na hora do badalar dos sinos do Angelus e ele sempre dava um jeito de esperar passar, pois dizia que era um momento sempre muito especial para ele, desde criança.

Eu sempre brincava dizendo que não entendia por que, sendo ele um não-marianista convicto, se transtornasse tanto na hora do Angelus, que era uma homenagem à Maria, mãe de Jesus de Nazaré... Mas ele retrucava afirmando que era uma questão cultural, inclusive consolidada em todo o Brasil, que eu precisava respeitar. E nisso, era muito sincero. Por mais que tentasse, e até tentei algumas vezes, nunca transamos na hora do Angelus.

Quando fui à casa dele a última vez, meses depois, devolvi a aliança. Ele não aceitou: “Era de minha mãe e eu a dei para você, para sempre. Você é a única mulher que merece herdá-la, mesmo que nunca se torne minha mulher.”

A mudança de Francesco para o bairro foi um sossego para nossas vidas. Era perto do Campus, o que possibilitava, às vezes, sair para almoçar com ele. Mas nem sempre eu voltava logo para a faculdade e acumulava faltas e mais faltas, mas consegui dar um jeito antes de maiores desacertos, pois a faculdade de Medicina exige muita dedicação; aulas o dia inteiro e só restam as noites e fins de semana para mergulhar nos livros, em tempo integral, caso contrário a gente não dá conta.

Aos domingos, nem sempre eu conseguia dar um jeito de sair de casa e nem conseguia tempo para tanto. Morando à beira-mar, às vezes passava seis meses ou mais sem conseguir um tempo para ir à praia. Nossos horários se descontrolavam porque havia a vida domingueira própria da paróquia que ele precisava dedicar-se. Havia casamentos, batizados, reuniões de comunidades eclesiais de base, de jovens, etc. que o pároco precisava dar o ar de sua graça, eventos que consumiam todo o domingo. Ele gostava de gente, de povo, de fazer política, mas achava muito cri-cri “coisas inerentes à paróquia”.

Ao mesmo tempo, estava incorporada em minha rotina a realidade de manter relações sexuais regulares e estáveis com dois homens, muitas vezes no mesmo dia, que a situação se foi naturalizando. Apenas um não sabia do outro. E o que sabia foi ficando intranquilo, na medida em que eu não demonstrava mais estranhamento

com a situação e me movia bem em meio a isso tudo. A um ponto em que já dizia a Francesco, diante de sua falta de tempo, quando eu estava de algum modo disponível: “Vou com fulano a tal lugar”...

Foi quando Francesco começou a “dar incertas” em lugares onde eu poderia estar. Aparecia, de repente, furtivamente, fazia-se notar por mim e... sumia...

Quando nos reencontrávamos, era um inferno, um nível de cobranças incompatíveis com a nossa situação. Exigia que eu não usasse a minha aliança de noivado quando estivesse com ele. Certo dia, jogou-a em um bueiro. E eu o briguei a retirá-la de lá. Foi um caos. Deu para ficar emburrado e quando transávamos, deixava marcas de “chupões” pelo meu corpo inteiro e nos lugares mais inusitados, que me impediam, durante um bom tempo, de ficar nua diante de qualquer pessoa... E ainda dizia que aquelas eram as marcas dele!

E sempre que eu dizia que iria acabar o namoro, por absoluto esgotamento de sustentar aquela situação bígama, que era daquele jeito por necessidade e exigência dele, aí o belo mancebo recuava: “Calma, calma, meu amor, não se estresse. Ainda não chegou a hora. Se segura, me dá mais um tempo. Tenha paciência com o meu direito de ter ciúmes”. Em geral, depois de situações similares, dava uma caprichada na transa e eu ficava achando que era absolutamente impossível viver sem ele. Pura chantagem sexual.

Anônimo veneziano

Mas ocorreu uma história interessante quase no fim de 1974. Francesco pediu que eu passasse a tarde de sábado com ele. Disse que a casa dele já estava uma zona de tanta gente que entrava e saía de lá no fim de semana, “por conta dessas coisas do meu democratismo exarcerbado”. Portanto, queria que fôssemos a um motel, pois ele precisava “hibernar uma orgia” (usava essa terminologia sempre que queria ficar comigo mais tempo do que eu podia ficar), pelo menos uma tarde inteira.

Eu não poderia porque estava comprometida para fazer um trabalho da faculdade em equipe, que deveria ser entregue na segunda-feira, e havia muitos dias estávamos com dia e horário marcados e levaríamos a tarde quase toda com a tarefa. Insistiu, mas não cedi.

Resmungando, exclamou: “Você tem um defeito, que é um problema: é estudante demais, sempre”.

A casa da amiga, na qual faríamos o trabalho, era perto do Cine Passeio, onde estava em exibição um filme que Francesco vira na Europa anos antes e que achava maravilhoso: o *Anônimo veneziano* (1970), com a brasileira Florinda Bolkan (antes

Florinda Bulcão), Tony Musante e Toti Dal Monte, dirigido por Enrico Maria Salerno, ambientado em Veneza. Do filme, apenas o que me recordo era de que era a história do último encontro de um homem e uma mulher que se amaram muito.

O meu namorado propôs de vermos o filme, no que concordei, já que seria na sessão das 17 ou 18 horas, não lembro bem, assim como, não sei bem por que eu e o meu namorado brigamos ao telefone quando eu estava para sair da casa de minha colega. Disse-lhe que não iria mais a “raio de cinema nenhum”. Ele insistiu, mas recusei. Fui para casa, mas antes de entrar fiquei indignada de perder o filme e resolvi ir ao cinema.

Quando estava na fila para comprar o ingresso, o meu namorado bateu em meu ombro e disse que já havia comprado os ingressos desde cedo. Sem falar nada, saí da fila e entramos no cinema, que já estava quase lotado. Nós nos sentamos numa cadeiras em um local de certa maneira ruim, cuja fileira estava quase vazia.

O filme começou. O cinema ficou lotado, quando lá pelas tantas, eu senti que uma mão acariciava o meu seio e não parecia ser a do meu namorado... Sim, enquanto ele se entretia sexualmente comigo e o olhar fixo na tela do cinema, havia uma outra mão, como se dizia naquela época, a me bolinar... e eu não tinha coragem de olhar e nem mesmo de reagir... mas era algo indescritível e prazeroso.

Como não havia outra pessoa ao lado do meu bolinador, ele avançava... e eu permitia... e nem mesmo olhava a cara dele para não despertar a atenção do meu namorado, que também me excitava com a mão em meu seio e, de vez em quando, beijava-me e mantinha a minha mão em seu pênis, com a calça devidamente desabotoada, discretamente coberta com a minha bolsa... (aquelas coisas que todo mundo faz no cinema)...

Eu estava de saia e o “anônimo” passou a mão por baixo dela e ficou num vaivém com o dedo, que, de vez em quando, ele levava à boca, até que eu tive um orgasmo... Em seguida, os dois tiveram orgasmo, ao mesmo tempo.

Ao virar-me, pela primeira vez, para aquele arfar de prazer tão conhecido para mim, sabia que era Francesco... que me olhava enlevado. Depois de algum tempo retirou-se, discretamente...

Até hoje acho incrível que o tonto do meu namorado não tivesse percebido o que estava acontecendo... Mas, realmente, ele não viu nada. Também jamais disse a Francesco que não sabia que era ele desde o início, pois sempre achou que eu soubesse.

Na saída do cinema, Francesco se aproximou de mim, com um ar zombeteiro, e beijou-me no rosto. Eu o apresentei ao meu namorado, dizendo que era um amigo. Contudo Francesco, com ar de superioridade e de escárnio, disse o seu nome pausadamente. Parecia que haveria um curto circuito... Foi uma conversa rápida, mas fomos até à minha casa numa briga titânica: “Tá na cara que você combinou de se encontrar com ele no cinema, até brigou comigo para ficar livre de mim”... Diante de minhas negativas, iniciou um interrogatório...

Isso era esperado, agora que ele sabia da presença de Francesco no Brasil. Eu era tida assim como uma espécie de “puta de padre” nos meios carolas, marca adquirida no primeiro período de caso com Francesco. Meu namorado possuía uma irmã muito ligada à Igreja, que sabia de toda a minha vida pregressa...

No domingo, ele já estava com um dossiê completo sobre Francesco... e então a minha vida se tornou um inferno... Acho que a irmã dele, apenas para poupá-lo do sofrimento, não contou tudo o que sabia, porém ela me telefonou na segunda-feira para dizer que não era correto o que estava fazendo com o irmão dela. Apesar de me fazer de desentendida, ela foi firme em dizer que sabia que eu estava namorando os dois e que de inocente mesmo, naquela história nojenta, só mesmo o bobo do irmão dela.

Depois da encenação do cinema, fui enchendo daquela situação. Não era mais simples ficar com os dois. Francesco dizendo que eu preferia estar com o outro, e argumentava que havia provas disso, pois eu dissera que não poderia ficar com ele naquele sábado por conta de trabalho escolar, mas quando ele chegou ao cinema, a primeira pessoa que vi fui eu. Que eu, descaradamente, fora ver, com o outro, um filme que ele queria ver comigo, embora já tivesse visto na Europa, queria mostrar-me as belas cenas de Veneza, que conhecia como a palma da mão. O outro falava que inventei uma briga com ele para encontrar-me com Francesco... Era uma zorra afetiva sem igual... Conflito, conflitos, milhões de conflitos. Busquei descobrir como Francesco chegou ao Cine Passeio. Dias depois soube, por acaso, que ele telefonou para a minha casa naquela tarde querendo saber a que horas eu chegaria e alguém lhe disse que eu iria ao cinema na última

sessão da tarde.

No fim de 1974, fui passar férias em outra cidade. Na volta, em fevereiro, não namorava mais nenhum dos dois. E assim foi, para sempre. Naquelas férias, apareceu uma terceira personagem que conseguiu encher a minha vida de alegria e serenidade e retirar-me do olho do furacão afetivo no qual estava metida. Eu conheci, enfim, a paz e permiti que ela envolvesse e tomasse conta de minha vida. Entretanto anos a fio em uma redoma, também cansa e torna-se uma prisão para índoles libertárias e que gostam de enfrentar desafios.

Durante quase uma década, enquanto durou o meu primeiro casamento, nunca vi e jamais falei com Francesco, seja por carta, pessoalmente ou por telefone. Nenhum de nós dois sequer tentou.

Mantivemos absoluta deferência com a nova vida que cada um foi capaz de construir. Mantivemos contatos indiretos e esporádicos de cunho político-profissional, por conta do nosso envolvimento político com a luta pelo direito ao aborto. Ele se dirigia a mim por intermédio de outras pessoas e, sempre, de modo indireto.

Mas no fim do meu primeiro casamento, ele telefonou. Fez uma viagem de mais de 1.000 quilômetros para ficar exatamente uma hora em minha casa e demonstrar a sua solidariedade para com o meu sofrimento; na segunda separação, assegurou-me, ao telefone, que “bateria ponto de solidariedade” também na próxima e que, em tal ocasião, seria obrigado a dizer-me que eu deveria, enfim, considerar a possibilidade de ele ser o último homem da minha vida. Cumpriu o prometido, mas não aceitei a proposta. Apenas consegui falar-lhe: “Foi bom ver você”. Era fevereiro de 1992.

A dificuldade de revelar segredos e de fazer escolhas

Começa o ano de 2005. Antes de entregar à editora os originais deste livro, enviei, por Sedex, uma cópia para Francisco. Não seria justo que ele soubesse de suas origens quando o livro estivesse circulando.

No dia seguinte, telefonei a ele. Disse-me que, quando o telefone tocou, estava com o envelope que enviei nas mãos, acabara de receber e pensava em falar comigo para dizer que não aceitara a oferta de temporada européia do cardeal. E queria comemorar a decisão em grande estilo... e exclamou: – Com um bom tinto francês, derramado em seu corpo

e, nele, degustarei gota por gota, até a última gotícula, num banho de língua e de vinho que você nunca sonhou. Amor da minha vida, você me tira do sério, da linha...

E eu fiquei pensando no Cardeal que ainda está vivo, está com 86 anos. Se Francisco estivesse vivo, teria 65 anos. Francisco está com 30 anos. Mas qual deles falava comigo agora? Tive uma ausência momentânea. Eu queria morrer, pois ele parecia exultante e com desejos exuberantes, pelo visto. E a nossa vida em comum poderia estar encerrada quando desligássemos os telefones... Dava-me uma pena. E o pior era ele achar que, com a idade que tenho e sendo quem sou, ainda não usufruí dessas delícias com outros homens.

Falta-me, às vezes, paciência com esse amor... Percebo que é essa diferença de quilometragem sexual e amorosa que não dá certo, pois ele nunca consegue ser o primeiro comigo em nada! Se ele não tivesse tanta necessidade de afirmação, até dava para tocar...

Pedi-lhe que não abrisse o envelope até eu terminar de falar, pois ali estavam revelações a respeito das origens dele. Embora fosse um romance, o conteúdo era sobre os amores nos subterrâneos da Igreja e nele eu declarava as suas origens: ele era neto do cardeal.

Comentou que agora eu enlouquecera de vez. Enlouquecera não, pois isso eu já era, apenas está “piorada”, pois estava fazendo de conta que ficção era realidade. Que a

minha ira contra a Igreja já estava indo longe demais... a continuar assim, daria razão a João Paulo II e à sua visão de que o feminismo é um mal a ser combatido sem tréguas. Assim como ele poderia chegar à conclusão de que eu transava com padres por um *hobby* mórbido: punir e desmoralizar a Igreja e que fora longe demais naquilo, pois ele, às vezes, achava que eu já dormira até com o cardeal. Embora reconhecesse que a homofobia, a misoginia e o machismo constituem uma trindade poderosa e maléfica que corrói, torna vulnerável e desmoraliza a Igreja.

Contra-argumentei que agora, que ele não sabia da missa a metade, estava com a razão. Depois que lesse o livro, se ainda quisesse saber algo mais, não me recusaria a falar com ele e, acrescentei:

- Sim, já dormi com padres, três gerações, de uma mesma família. Cansei, quero vocês fora de minha vida, para sempre.

E, após um silêncio que pareceu sepulcral, ele bradou:

- O quê você está insinuando?
- Insinuando não, *baby*, estou alertando você de que precisa ter serenidade diante da realidade e não perder as estribeiras como o Vaticano o fez na “Carta dos Bispos da Igreja Católica sobre Colaboração do Homem e da Mulher na Igreja e no Mundo”, aquele documento ridículo e que soa como um gesto de desespero de uma Igreja que, cada vez mais, perde fiéis por ser incapaz de se reciclar e se mostrar necessária às pessoas.
- Amor de minha vida, não se esqueça de que a “Carta dos Bispos” é um troféu valioso para o feminismo. Nela, o Vaticano reconhece o feminismo como força política indutora de uma nova mentalidade, instaurando padrões culturais libertários, capazes de colocar a nu carcomidas idéias do Catolicismo contra o direito à sexualidade como atividade lúdica e fonte de prazer; a favor da opressão milenar das mulheres e a exclusão delas do sacerdócio.
- Mas ressalta com deferência a paranóia da apologia de uma suposta família única – um desrespeito a quem construiu a família que desejava. É um documento novo com antiqüíssimas e abomináveis idéias da Igreja oficial. Não há novidade quanto às esconjurações clássicas que reeditam ordens que quase ninguém mais leva a sério. Católicas, em todo o mundo, usam pílula, compartilham o uso da camisinha e abortam, recorrendo apenas às suas competências éticas e à autonomia. Mas é a primeira vez que a Igreja torna público um ataque, com golpes baixos, ao feminismo e explicita o que estamos roucas de dizer: os

corpos das mulheres constituem o alicerce da agenda fundamentalista. Francisco, você não pode continuar compactuando com a imoralidade de que, em nome de Deus, alterações de cursos de vidas sejam determinados por posturas medievais e moralidade vitoriana diante do direito ao prazer, ao exercício da sexualidade, de gravidezes indesejadas e do direito ao aborto!

- Concordo, em gênero, número e grau, como bem disse a teóloga feminista Nanci Cardoso: “O fundamentalismo é também a expressão majoritária do cristianismo: sexista, autoritário, elitista e machista”. Entendo a sua idéia fixa de que é preciso refletir sobre tais assuntos, pois falar e falar sobre eles, até à exaustão, poderá ser um passo significativo para um novo processo civilizatório, no qual o fundamentalismo não tenha vez, nem voz e nem poder de ditar o destino de qualquer pessoa, em especial de mulheres... Mas entenda também que ainda sou um padre. E gosto de ser padre... mas também não consigo abrir mão de você.

Desliguei o telefone.



Declaração de Amsterdã sobre Aborto (1996)

Nós, participantes do Congresso Internacional “Abortion Matters”, realizado na Holanda, de 27 a 29 de março de 1996, e que reuniu uma ampla gama de profissionais de cinquenta países:

AFIRMAMOS que o aborto é um assunto de autodeterminação para as mulheres e que sugerir-se que elas recorrem irresponsavelmente ao aborto quando este é legal é um ato que as desmoraliza.

RECONHECEMOS com preocupação que o aborto continua sendo um grave problema de saúde pública em todo o mundo, que causa a morte de cem mil mulheres por ano e danos à saúde de muitas outras mais. Também reconhecemos que, em países onde os serviços de aborto são legais e acessíveis, praticamente inexitem casos de complicações que ameaçam a vida das mulheres.

OBSERVAMOS que, nos lugares em que o aborto é legal e realizado de forma combinada com informação e serviços contraceptivos de alta qualidade, as taxas de aborto diminuíram significativamente e são muito mais baixas do que nos países onde ele está legalmente restringido.

TAMBÉM observamos que o oferecimento de um serviço de aborto legal não-coercitivo permite que as mulheres com gravidez indesejada tenham acesso a uma assessoria confidencial e profissional e, assim, possam explorar uma ampla gama de soluções possíveis sem temor do castigo.

CONDENAMOS a estigmatização de “culpadas”, “irresponsáveis”, e “descuidadas” às mulheres que abortam; os ataques cada vez mais agressivos por parte de grupos que militam contra a livre escolha quando se trata do direito da mulher a usar serviços seguros de aborto; as ameaças de morte e os assassinatos de pessoas que proporcionam serviços de aborto.

FAZEMOS um chamado a todas as instituições governamentais e a todas as ONGs – Organizações Não Governamentais – que trabalham com direitos humanos, direitos da mulher, saúde reprodutiva e sexual, planejamento familiar e desenvolvimento, para:

- Romper com o tabu do aborto e promover o debate informado sobre a realidade do aborto na vida das mulheres.

- Apoiar e defender a oferta de serviços legais de aborto voluntário, seguro e humanitário para todas as mulheres que assim o desejem, como parte integral dos cuidados com a saúde reprodutiva.
- Melhorar, ampliar e proporcionar uma extensa gama de serviços e métodos contraceptivos para todas as mulheres e homens que assim o desejem, para reduzir a dependência forçada com relação ao aborto, por parte das mulheres, como única opção para planejar sua família.
- Estabelecer normas de qualidade de atenção para serviços seguros de aborto e ampliar as opções das mulheres com relação a métodos de aborto seguro, oferecendo serviços que incluam a atenção no período pós-aborto.
- Aumentar a compreensão dos homens com relação ao aborto e sua realidade na vida das mulheres, assim como o sentido da responsabilidade dos homens para prevenir a gravidez indesejada.



FONTE
Noto Serif

EDIÇÃO E PROJETO GRÁFICO
Arthur Moura Campos

CAPA E ABERTURAS
Arthur Moura Campos
*Ilustração digital feita a partir da escultura “Ezequiel”**
esculpida entre 1800 a 1805 pelo artista Antônio Francisco Lisboa.

**“Do lado oposto a Baruque, no pedestal que arremata o muro de alinhamento central do adro, encontra-se Ezequiel, em posicionado na ala central da escadaria. Ezequiel também é conhecido como o “profeta do exílio”, por ter sido banido para a Babilônia com o povo de Israel.*

A inscrição do pergaminho traduz a síntese de três etapas sucessivas da visão do profeta: primeiramente, aparecem-lhe quatro animais alados de quatro faces cada um, em seguida, as quatro rodas de um carro de fogo sustentando um trono de safira e, finalmente, sobre esse trono, o próprio Deus de Israel. O tipo fisionômico de Ezequiel é o mesmo de Jeremias. Usa bigodes e barba curta, seccionada em dois rolos frisados e cabelos longos caindo sobre a nuca. Ao invés da túnica curta, o Profeta veste uma túnica longa e cintada, que deixa a descoberto apenas a ponta do pé direito. Em lugar do turbante, Ezequiel traz na cabeça um barrete com viseira presa por um laço acima da nuca. Recobrindo toda a parte posterior da imagem, o manto é magnificamente decorado por uma barra com desenho devolutas entrelaçadas. A escultura não parece ter sofrido intervenção do atelier. Sua grande força de expressão revela cuidados particulares de Aleijadinho em sua execução. Além da impressionante expressão da cabeça, destaca-se também a significativa flexão do braço direito. Ezequiel foi escolhido como patrono e símbolo do jornal Estado de Minas, e a escultura é representada todos os dias sobre o expediente do jornal, no caderno de Opinião.”
(FONTE: https://pt.wikipedia.org/wiki/Doze_profetas_de_Aleijadinho)

APOIO
Casa Sueli Carneiro



